

JONATHAS SERRANO

# HISTÓRIA DA FILOSOFIA

O PENSAMENTO FILOSÓFICO  
ATRAVÉS DOS SÉCULOS



**PROJETO RESGATES DO ESBOÇO**

ESTE LIVRO FOI DIGITALIZADO EXCLUSIVAMENTE POR NÓS

## ESBOÇO DE SANIDADE



**CONHEÇA O CANAL  
NO YOUTUBE**



1944

LIVRARIA EDITORA ZELIO VALVERDE  
(Travessa do Ouvidor, 27 — Caixa Postal 2056)  
RIO DE JANEIRO

HISTÓRIA  
DA  
FILOSOFIA



JONATHAS SERRANO

# HISTÓRIA DA FILOSOFIA

O PENSAMENTO FILOSÓFICO  
ATRAVÉS DOS SÉCULOS

1944

LIVRARIA EDITORA ZELIO VALVERDE  
(Travessa do Ouvidor, 27 — Caixa Postal 2956)  
RIO DE JANEIRO

## ÍNDICE GERAL

<b>EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA</b> .....	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>I. A Ciência</b> .....	<b>15</b>
<b>II. Classificação das Ciências</b> .....	<b>20</b>
<b>III. Conceito de Filosofia</b> .....	<b>23</b>
 <b>HISTÓRIA DA FILOSOFIA</b> .....	 <b>27</b>
<b>I. O Alvorecer da Filosofia</b> .....	<b>29</b>
1. O homem pré-histórico — 2. Os monumentos funerários e as oferendas mortuárias — 3. Os egípcios — 4. Assírios e babilônios — 5. O Mono-teísmo hebráico — 6. O Zoroastrismo — 7. Bra-manismo e Budismo — 8. Os grandes pensadores chineses.	
<b>II. Os Ante-Socráticos</b> .....	<b>46</b>
1. Tales — 2. Anaximandro — 3. Anaxímenes — 4. Heráclito — 5. Os Pitagóricos — 6. Xenó-fanes — 7. Parmênide e Zenão — 8. Leucipo e Demócrito — 9. Anaxágoras — 10. Empédocles — 11. Os Sofistas — 12. Protágoras e Górgias.	
<b>III. Sócrates e os grandes Socráticos</b> .....	<b>57</b>
1. Biografia de Sócrates — 2. Morte de Sócrates — 3. Doutrina e processos socráticos — 4. O De-mônio socrático — 5. Biografia de Platão — 6. A obra platônica — 7. As idéias segundo Platão — 8. A dialética das idéias — 9. A moral platônica — 10. A Política de Platão — 11. A teologia platônica — 12. Biografia de Aristóteles — 13. A obra aristotélica — 14. A teoria das quatro causas — 15. O homem segundo Aristóteles — 16. A sistematização da Lógica — 17. A moral aristotélica — 18. Influência exercida por Aristó-teles.	
<b>IV. Os pequenos Socráticos e as escolas Post-Aris-totélicas</b> .....	<b>78</b>
1. Os pequenos Socráticos — 2. A Escola Megárica — 3. A Escola de Cirena — 4. Os Cínicos — 5. A Antiga e a Nova Academia — 6. Teofrasto — 7. Os Cépticos — 8. Epicuro — 9. A doutrina epicurista — 10. A lógica canônica — 11. Iden-tificação do Bem com o Prazer — 12. Zenão — 13. A física estóica — 14. O conhecimento se-gundo o Estoicismo — 15. A moral estóica.	
<b>V. Roma e o cristianismo</b> .....	<b>87</b>
1. Inexistência de uma filosofia romana — 2. Ci-cero — 3. Lucrécio e Sêneca — 4. Epicteto e Marco Aurélio — 5. Advento do Cristianismo: Gnósticos e Apologistas — 6. Alexandria e a sua escola filosófica — 7. Os Padres da Igreja — 8. Agostinho — 9. A doutrina agostiniana.	

<b>VI.</b>	<b>A filosofia medieval</b> .....	<b>99</b>
	1. Conceito de Idade Média — 2. História Antiga e História Moderna — 3. Os primeiros séculos da Idade Média — 4. A Escolástica — 5. Os três períodos da História da Filosofia Medieval — 6. Alcuíno, Rabano Mauro e Santo Anselmo — 7. Abelardo — 8. São Bernardo e Pedro Lombardo — 9. O apogeu da Escolástica — 10. As Universidades — 11. São Boaventura — 12. Alberto Magno — 13. Tomaz de Aquino — 14. A obra do Doutor Angélico — 15. Duns Scott — 16. Rogério Bacon — 17. Guilherme de Ocam — 18. Filósofos árabes — 19. Filosofia judaica.	
<b>VII.</b>	<b>A filosofia moderna</b> .....	<b>130</b>
	1. O Pré-Renascimento — 2. O Renascimento — 3. A erudição e os Humanistas — 4. Campanella e Giordano Bruno — 5. Alguns nomes do Renascimento literário — 6. O movimento da Reforma — 7. Francisco Bacon — 8. Discípulos e continuadores de Bacon — 9. Descartes — 10. O século de Luiz XIV: Pascal e os Jansenistas, Bossuet, Fénelon e Malebranche — 11. Spinoza — 12. Locke — 13. Leibniz — 14. Movimento das idéias nos séculos XVII e XVIII — 15. A literatura francesa: Voltaire, Montesquieu e Rousseau — 16. Enciclopedistas e Economistas — 17. Berkeley — 18. Hume — 19. A escola escocesa.	
<b>VIII.</b>	<b>A filosofia contemporânea</b> .....	<b>165</b>
	1. Kant e sua obra — 2. Crítica do Kantismo — 3. A filosofia alemã depois de Kant — 4. Hegel — 5. A Direita e a Esquerda hegeliana — 6. Schelling — 7. Schopenhauer — 8. Nietzsche — 9. A filosofia francesa no século XIX — 10. Augusto Comte — 11. Stuart Mill — 12. Spencer — 13. Bergson — 14. William James e o Pragmatismo — 15. Blondel e a Filosofia da Ação — 16. Outras correntes filosóficas — 17. A fenomenologia e a Filosofia existencial — 18. A filosofia cristã no século XIX.	
<b>IX.</b>	<b>A filosofia no Brasil</b> .....	<b>195</b>
	<b>a) Vista geral</b>	
	1. Expositores ou vulgarizadores de idéias de além-mar — 2. Mont'Alverne, Moraes e Vale, Ferreira França, Visconde de Araguaia, Patricio Muniz, Visconde de Saboia — 3. A corrente materialista — Araujo Ribeiro, Guedes Cabral, Estelita Tapajós, A escola do Recife, A corrente positivista, Pereira Barreto — 4. Tobias Barreto — 5. Silvio Romero.	
	<b>b) Farias Brito</b>	
	1. Biografia — 2. A obra filosófica — 3. A <i>Finalidade do Mundo</i> — 4. Influência socrática — 5. Identificação de Deus com a Luz — 6. A Verdade como Regra das Ações — 7. A filosofia moderna — 8. Evolução e Relatividade — 9. O problema religioso e a Filosofia do Espírito.	
	<b>c) Filosofia brasileira</b>	
	1. O Problema — 2. Que é um verdadeiro filósofo — 3. O valor exato de Farias Brito — 4. Conclusão.	



## EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Planejado e em boa parte já escrito há muito, completado, retocado e até modificado em vários pontos, sai afinal este volume, que não representa apenas, como fôra lícito inferir da sua natureza de compêndio, mero resumo apressado de obras de tomo ou de trabalhos de especialistas. Perdoe-se-nos a aparência de vaidade, que aliás não o é: estas páginas foram escritas, como as de outros volumes nossos, não para servir somente a tal ou tal programa, em vista de um exame secundário da disciplina. Tivemos, melhor ainda, temos em mira algo de mais difícil e mais importante: fruto de leitura e meditação pessoal durante largo período (privilégio, não sabemos se invejável, de quem já olha distante a própria juventude), estes capítulos exprimem a nossa profunda e sincera convicção da relevância não só teórica, mas ainda e principalmente prática, vital, atualíssima, dos estudos filosóficos.

Compêndios podem, íamos a escrever *devem*, ser algo mais do que simples sínteses incolores e áridas, sem feições próprias e sem alma. Epítomes ou resumos satisfatórios, — se pretendem alguma valia —, exigem de quem os escreve um plano seguro e meditado, revisão atenta de todos os valores fundamentais, confrontos e verificações, escala cuidadosamente observada para evitar lacunas graves ou pelo contrário redundâncias ou demasias. Isto além das qualidades insupríveis de clareza, vernaculidade, concisão e certeza, com que se deve trajar o pensamento. E mui particularmente o pensamento didático, a quem essa elegância

discreta e sóbria aumenta o poder sugestivo e a própria força docente.

Ao termo "filósofo" a ironia popular juntou a idéia pejorativa de alheamento da realidade e ainda as de completo desprezo da indumentária, do apuro de maneiras e quiçá das noções mesmas elementares de asseio e higiene... Não discutiremos aqui a justiça ou injustiça do desvio semântico do vocábulo. A verdade é que, — e CÍCERO já o observara —, todos na vida filosofamos, conscientemente ou não, e bem ou mal. (E sem pessimismo diríamos: quase sempre mal, por falta de base sólida e carência de métodos rigorosos).

Em muitos, senão em todos os assuntos de real significação humana, as conclusões definitivas dependem de alguns pontos fundamentais de natureza nitidamente filosófica, isto é de uma visão de conjunto das grandes questões ligadas à origem e destino do homem, à sua posição no Universo e ao sentido mesmo da Vida. Todos nós, em grau mais ou menos consciente, de acôrdo com a cultura e a capacidade crítica, temos a nossa concepção geral do mundo e das coisas, a nossa *Weltanschauung*, para empregar um termo que não possui equivalente em nosso léxico. Dessa maneira de encarar a totalidade existencial e a posição do homem diante da realidade, resulta inelutavelmente uma filosofia prática, senão também teórica, uma ética, um direito, uma pedagogia, uma interpretação histórica e sociológica do passado e do presente, uma visão antecipada, mais ou menos otimista, do porvir da civilização ou, ainda melhor, das civilizações. Claro que um cristão, convencido plenamente da transcendência do Cristianismo e da verdade histórica da Redenção, possui uma firmeza interpretativa inatingível por aquêles



que tateiam na sombra do agnosticismo, ou nas veredas mal iluminadas de hipóteses inverificáveis e gratuitas.

Não há negar a utilidade imediata, de ordem prática e não apenas teórica, do estudo metódico da História da Filosofia. Só o contestam os que não examinaram o problema com isenção de ânimo, ou ficaram na superfície, com receio ou preguiça de aprofundar a questão. Já dizia S. TOMAZ: “Necesse est accipere opinionones antiquorum quicumque sint qui aliquid enuntiaverint de ipsa (anima). Et hoc quidem ad *duo erit utile*, primo quia illud quod bene dictum est ab eis, accipiemus in adiutorium nostrum. Secundo quia illud quod male enuntiatum est cavebimus.” LEONEL FRANCA lembra-nos também a observação de VICTOR COUSIN. “Les temps qui recueille et féconde les moindres germes de vérité déposés dans les plus humbles analyses, frappe sans pitié les hypothèses, même celles du génie.” E por sua vez nos diz: “A História da Filosofia é ainda de grande importância para a inteligência perfeita da História da Civilização. Do pensamento nascem as ações dos homens. E toda revolução social ou política tem sua explicação derradeira num movimento de idéias. Por outro lado, os grandes acontecimentos que agitam profundamente a vida dos povos exercem uma influência poderosa na orientação especulativa de seus pensadores. Daí esta reciprocidade de ação, esta comunicação mútua de movimento e de vida, em que os pensamentos preparam e dirigem os fatos e os fatos reagem sobre os pensamentos. Levar, pois, de par, a análise das ações e das idéias é o melhor meio de compreender umas e outras; estudar a história civil à luz da história da filosofia é completar a primeira com a segunda e reunir as duas partes naturais de um mesmo todo que é a história da humanidade.” (*Noções de His-*



*toria da Filosofia* ps. 16-16, 9.<sup>a</sup> d. 1943, Comp. Editora Nacional, São Paulo).

Em artigo recente, a propósito da democracia, EURYALO CANNABRAVA assim pôs em relêvo a importância do conhecimento da evolução das idéias para os pensadores em geral: "A historiografia das idéias constitui um imenso laboratório, um vasto campo de experimentação onde se permite observar a série de dados concretos, classificá-los sob vários critérios, interpretando-os através de uma hipótese integral e abrangente e verificando, depois, até que ponto os fatos apoiam a interpretação enunciada."

Por nossa parte, desde a primeira edição da nossa *Filosofia do Direito*, relembramos o voto de ORTOLAN: "Todo historiador deveria ser jurisconsulto, todo jurisconsulto deveria ser historiador". Poderíamos dizer, com igual razão: "Todo historiador deveria ser filósofo, todo filósofo deveria ser historiador". (Cf. as notas complementares de ps. 30, 31, 46, 47, 48 da 3.<sup>a</sup> ed., Briguier, Rio, 1942).

FARIAS BRITO desde cedo compreendeu esta necessidade: o seu segundo volume da *Finalidade do Mundo* estuda a filosofia moderna, afim de poder chegar a conclusões bem fundadas a respeito das correntes contemporâneas. E prosseguiu, nos volumes posteriores da sua obra, no exame dos grandes sistemas de KANT, COMTE e SPENCER, e, já no fim, do próprio BERGSON.

Aqui no Brasil, devemos reconhecê-lo sem vaidade, os estudos filosóficos só nestes últimos anos têm despertado real interêsse. A criação das faculdades de filosofia constitui prova eloqüente dêste interêsse, ainda que severas possam acaso ser as críticas quanto aos programas e a sua execução. Já agora não poderíamos, sem grave injustiça, repetir aquela irônica observação de JÚLIO CESAR DE MORAIS CARNEIRO, o futuro

JÚLIO MARIA: “A filosofia no Brasil... *é um preparatório...*” TOBIAS BARRETO já afirmara e com violência insultuosa: “Se nas outras esferas do pensamento somos uma espécie de *antropóides* literários, meio homens, meio macacos, sem caráter próprio, sem expressão, sem originalidade, — no distrito filosófico é ainda pior o nosso papel: não ocupamos lugar algum; não temos direito a uma classificação”. E o mesmo FARIAS BRITO o reconhecia, em linguagem mais adequada ao tema, ao iniciar a sua obra em Fortaleza em 1899: “O atraso da filosofia chega no Brasil a tal ponto que para tornar conhecidas verdades aliás de extrema simplicidade não basta apoiá-las em argumentos irrefutáveis, é necessário insistir, repisar, tornar volumosa a exposição para arrastar pelo pêso...”

Hoje, se quisermos ser justos, temos que reconhecer uma elevação apreciável do nível da cultura nacional também no sector filosófico. Se não existe (e no texto do volume insistimos nesta negativa) uma filosofia brasileira no sentido rigoroso da expressão, já possuímos alguns nomes e algumas obras dignas de referência. E o próprio FARIAS BRITO avulta como o melhor exemplo. E uma das suas qualidades merece lembrada e imitada: “... Faço questão sistemática de evitar tôda a nebulosidade... e até devo observar que, sob o ponto de vista da forma e do método, a minha única preocupação é falar claro.” (*A Base Física do Espírito*, ps. 73). E em carta a JACKSON, em 1915: “... consiste o meu maior esforço em escrever com clareza, em linguagem simples, acessível a todos”.

Figura hoje a Filosofia nos programas oficiais desde o ciclo secundário, nos cursos clássico e científico, com programas de diferente amplitude. (Arts. 12, 14, 15, 16 do decreto-lei n.º 4.244, de 9 de abril de 1942).

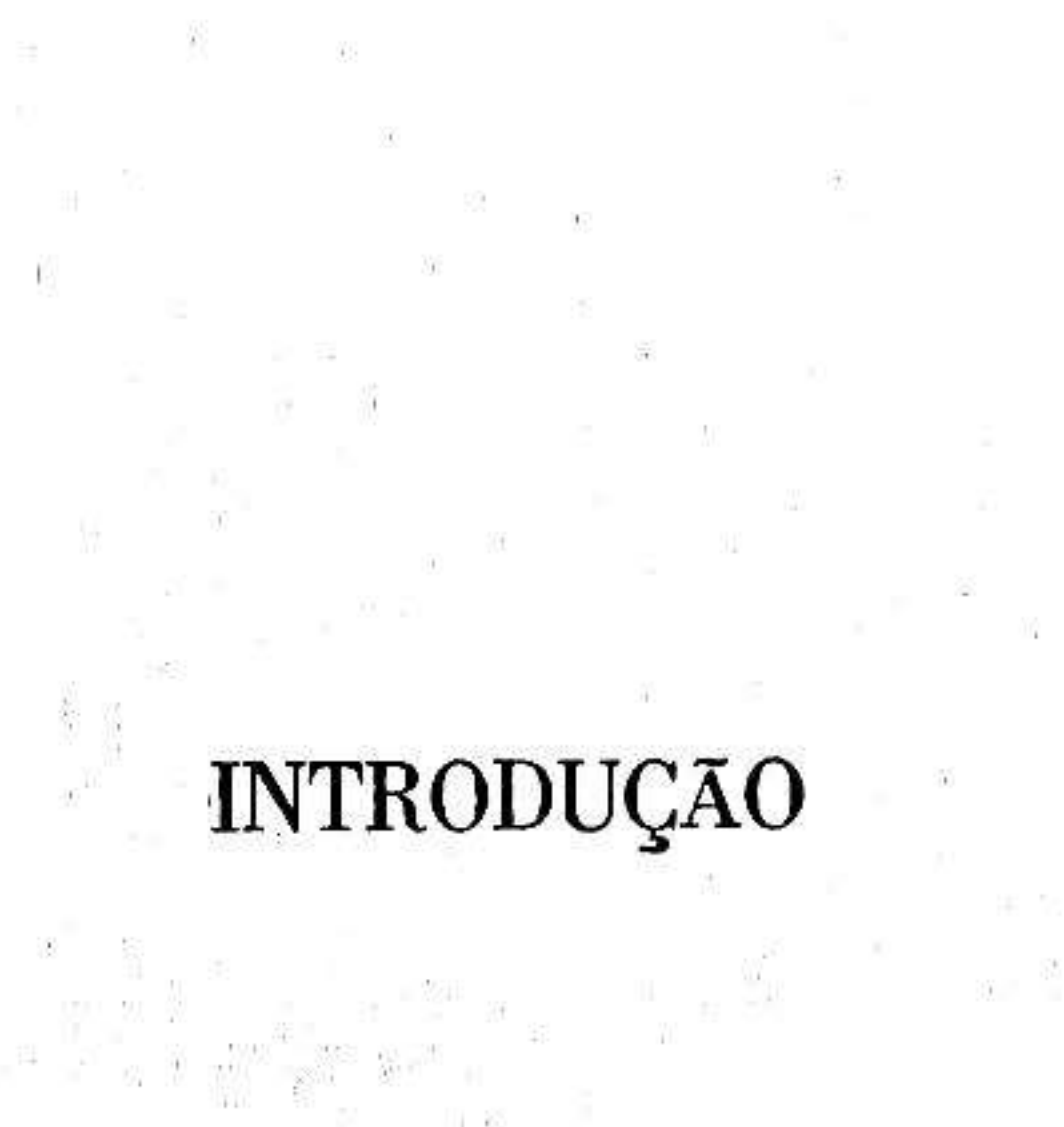


Procuramos neste volume não somente ministrar aos candidatos a exame da matéria um mínimo de noções em linguagem compreensível; desejamos (oxalá o tenhamos conseguido) ir um pouco além e despertar no espírito do leitor, estudante ou não, mas em qualquer hipótese curioso da matéria, o desejo de prosseguir, de aprofundar o conhecimento e de chegar a conclusões concretas. Evitamos a aridez dos simples quadros sinópticos e tentamos, ainda que nos limites apertados de meras sínteses, deixar em relêvo os grandes problemas fundamentais do espírito humano: o problema do conhecimento, o problema do ser, o problema da vida, o problema da consciência psicológica e o da consciência moral... E é de caso pensado que repetimos aqui o vocábulo "problema". E o mais grave de todos: a própria significação da finalidade da vida humana.

Ambição desproporcionada às modestas contingências de um compêndio? Não importa. Estas, como outras páginas, foram escritas sob o signo da Esperança.

J. S.





# I

## A CIÊNCIA

Todo homem tende naturalmente a indagar a razão ou motivo das coisas e dos fatos e a descobrir a verdade: a simples observação quotidiana nô-lo ensina. Já o havia notado ARISTÓTELES, com a sua habitual sagacidade. “Todos têm o desejo natural de saber.”

Não há quem ame sinceramente o erro e nêle se compraza. Os ignorantes querem passar por entendidos e os próprios mentirosos não gostam de ser enganados por outros mais espertos. “Omnes homines gaudent de veritate: multos expertus sum qui vellent fallere; qui autem falli, neminem.” A experiência de todos os tempos e em qualquer ponto do globo confirma as palavras de SANTO AGOSTINHO.

Pode-se dizer que a ciência é filha da curiosidade. “A surpresa — observou ainda Aristóteles — constitui o princípio da ciência.” O nosso espírito só repousa quando descobre o *porque*, ou pelo menos o *como* das coisas, não lhe bastando saber apenas que tal fato se passou, ou que isto ou aquilo existe. As crianças, na sua espontaneidade, não occultam essa tendência natural e por isso mesmo multiplicam as perguntas, que não raro causam embaraço aos adultos.

Ao vulgo talvez lhe baste (nem sempre todavia) conhecer o fato, o *fenômeno*, ou seja o *que aparece*; o homem, porém, que raciocina, que exercita a faculdade humana por excelência, procura a *razão* do fato; e dês-

te esforço intelectual no sentido de encontrar a explicação satisfatória dos fenômenos ou dos acontecimentos nasce a ciência, conhecimento raciocinado, pesquisa das razões ou causas, não mero conjunto desconexo de noções sem fundamento racional, simples repetir de afirmações de outrem, inverificadas ou inverificáveis, saber supersticioso ou rotineiro, que não resiste a uma análise crítica ou a uma prova experimental.

Facilimo, aliás, reconhecer nos fenômenos que se passam em torno de nós quotidianamente certo caráter de regularidade, certa ordem, que afasta logo a idéia de arbitrariedade no universo a que pertencemos. A simples sucessão dos dias e das noites, o nascer do sol, as fases da lua, a queda dos corpos são exemplos que dispensam qualquer comentário. A ebulição a 100° centígrados, em condições normais de pressão atmosférica, as reações químicas mais mezinhas, tudo são demonstrações de que há relações constantes entre fenômenos e de tal jeito que, dado um, fatalmente ocorrerá o outro.

O antecedente necessário, sem o qual não se produziria o fenômeno, chama-se *causa*; o conseqüente, que resulta do fenômeno observado, é o *efeito*. Entre causa e efeito existe uma relação constante: é a *lei*.

Com mais exatidão ainda, poderemos dizer que é *causa* tudo quanto de certo modo concorre para a produção de um *fenômeno* ou de um *ser*. ARISTÓTELES distinguia quatro gêneros de causas: *material*, *formal*, *eficiente* e *final*. Intrínsecas, as duas primeiras, são os próprios elementos constitutivos do ser; as outras duas são extrínsecas, sendo que a causa eficiente é a que influi imediatamente na produção do efeito. ARISTÓTELES considerava esta última de especial relevância, pois dela afirmou ser a causa no sentido primeiro e principal da palavra. A causa final é o escopo, o pro-



pósito, o objetivo, ou melhor ainda a razão pela qual se faz alguma coisa ou algo sucede como resultado de uma vontade inteligente. De certo modo se pode considerar como a causa da causa: por isto que move e determina a causa eficiente a produzir o efeito. Suponhamos o conhecido exemplo do leito ou cama. A causa final é o repouso ou descanso que se tem em vista; a causa eficiente é o marceneiro, o artífice que faz o móvel; a causa material é a madeira de que este último é fabricado; e a causa formal se refere à disposição particular das diferentes partes do objeto, de sorte que seja um leito e não outro móvel ou objeto qualquer. O fim visado preexiste na mente do artífice ou de quem haja de realizar alguma obra; mas com razão observaram os Escolásticos que na realidade concreta é o termo último que se atinge: só depois de concluída a fabricação do objeto poderá ele preencher a sua função, isto é proporcionar a utilidade desejada. Daí o aforismo: *Finis est prior in intentione sed posterior in executione.*

A ciência não é simples coleção de fatos observados, sem ordem ou relações lógicas de qualquer espécie. Pelo contrário: supõe que entre os fatos observados se haja podido estabelecer nexos causais. Conjunto sistematizado de conhecimentos certos, não meramente aceitos sem análise, sem provas, sem meios de verificação. Daí a velha definição, sempre verdadeira, ainda que muito criticada: *Scientia est cognitio rerum per causas.* Bem entendida, esta definição nada implica de incompatível com as exigências mais rigorosas dos métodos mais modernos de pesquisa experimental. Basta que se reconheça que o termo causa tem acepção bem larga, aliás o genuíno sentido aristotélico.

BACON reconheceu e claramente afirmou: "Vere scire per causas scire." E MONTAIGNE: "Savoir par coeur n'est pas savoir."

Os conhecimentos científicos propriamente ditos apresentam como características principais portanto: certeza, coordenação metódica ou sistemática e generalidade. Nem sempre, porém, tôdas e cada uma destas características se realizam plenamente. No âmbito da ciência nem tudo está investigado e estabelecido com perfeita segurança: temos a miúdo que distinguir hipóteses e fatos comprovados, conhecimentos certos e outros ainda só hipotéticos, mais ou menos prováveis, ou até simplesmente possíveis. Nem jamais possuirá o homem um saber integral e definitivo, privilégio da Onisciência divina, evidentemente. Dada a contingência humana, dela resulta a relatividade e a inevitável imperfeição da ciência. Como já se disse mais de uma vez, "o real transborda do cognoscível."

Não se infira entretanto destas palavras que a ciência deixe de ter importância fundamental para a humanidade. Quer a consideremos de um ponto de vista meramente especulativo ou teórico, ou de um ponto de vista aplicado ou prático, a relevância do saber científico ressalta incontestável.

Ainda que outras vantagens não apresentasse, a ciência satisfaria a mais nobre das nossas aspirações e daria alívio à mais ardente das sêdes: este nosso desejo irreprimível de compreender e explicar. Colocado no meio das maravilhas do universo, sente o homem a necessidade de investigar a razão de ser dos fenômenos e de encontrar o *como* e o *porque*. Todos os espíritos superiores o sentiram. "A simples visão da luz é algo de mais belo e de maior do que tôdas as vantagens que dela nos advêm." E BACON tinha razão.

Mas, ao descobrir os nexos causais que ligam os fenômenos e ao investigar as propriedades características dos seres, a ciência não se limita a satisfazer a nossa curiosidade, a saciar completa ou parcialmente a nossa sede de compreensão e explicação: vai ainda além e permite-nos *prever* as conseqüências ou efeitos, *agir* de acôrdo com as previsões e portanto *prover* as necessidades da existência humana. Daí a fórmula célebre de AUGUSTO COMTE: "Science, d'où prévoyance; prévoyance, d'où action." Ou, mais concisamente: "saber para prever, afim de prover."

Tanto mais difícil todavia a previsão quanto mais complexo o objeto do nosso conhecimento. Eis porque as previsões astronômicas (um eclipse, por exemplo) são infalíveis, ao passo que em assuntos sociais quase sempre aleatórias ou meramente aproximativas.



## II

### CLASSIFICAÇÃO DAS CIÊNCIAS

A ciência é uma só, teoricamente indefinida e indivisível. O conhecimento completo e adequado do Universo seria a ciência perfeita, síntese de tôdas as ciências particulares. Isto, porém, é privilégio divino. O espírito humano precisa de analisar para melhor compreender e é incapaz de abranger tôda a vasta extensão do campo da verdade. Deparam-se-nos várias ordens de fenômenos, quando observamos a realidade; a cada ordem fenomenal corresponde uma ciência particular.

A classificação das ciências serve para dar uma idéia do conjunto do saber humano, para determinar os limites de cada ciência particular e para mostrar a ordem em que devem ser dispostos os nossos conhecimentos.

ARISTÓTELES parece ter sido o primeiro filósofo que se preocupou com a classificação das ciências. Tomou para base da sua classificação o *fim* de cada ciência e distribuiu-as em três grupos correspondentes aos três modos possíveis de desenvolvimento de um ser inteligente: *saber, agir, produzir*.

As *ciências especulativas* ou *teóricas* têm por fim o *conhecimento puro*, a contemplação da verdade, sem preocupações práticas. Tais são: a *matemática*, a *física* e a *metafísica* ou *filosofia primeira*.

As *ciências práticas* determinam as *regras de nossas ações*. Tais são: a *ética* ou *moral*, a *econômica* e a *política*.

As ciências poéticas têm por fim a *realização de obras exteriores ao agente*. Tais são: a *poética*, a *retórica* e a *dialética*.

Classificação notável, mas inaceitável hoje. Restringe muito o domínio das ciências especulativas e coloca a poesia entre as ciências.

Os Escolásticos dividiam os conhecimentos humanos em *trívio* e *quadrívio* ou *quatrívio*. O trívio abrangia a *gramática*, a *dialética* e a *retórica*; o quadrívio a *música*, a *aritmética*, a *geometria* e a *astronomia*.

Isto em rigor não é uma classificação das ciências, mas uma enumeração das matérias que se estudavam no curso das *artes liberais* das universidades.

Acima ficavam (e eram estudadas em cursos especiais): o direito *canônico* e *civil*, a *medicina* e a *teologia*.

FRANCISCO BACON, no princípio dos tempos modernos, tomou como base da sua classificação das ciências as faculdades intelectuais de que elas derivam. Assim distinguiu três classes de ciências: as da *memória*, as da *imaginação* e as da *razão*. Tais são: a *história*, a *poesia* e a *filosofia*. É uma classificação inaceitável. Coloca a poesia entre as ciências e parece desconhecer que todas as ciências dependem da razão e exigem também o concurso da memória.

AUGUSTO COMTE classificou as ciências segundo o princípio da *complexidade crescente* e da *generalidade decrescente*, distinguindo as seguintes: *matemática*, *astronomia*, *física*, *química*, *biologia* e *sociologia*. Mais tarde acrescentou a *moral*.

A classificação de COMTE é rigorosamente objetiva. Até certo ponto segue a própria ordem pedagógica ou didática; mas tem defeitos: não considera a psicologia como ciência autônoma e sim como simples capítulo da



biologia nervosa; reduz a filosofia a uma sistematização das ciências e nega caráter científico à metafísica.

SPENCER criticou a classificação de COMTE e propôs outro ponto de vista. Distribuiu as várias ciências particulares em três grupos: ciências abstratas (*matemática e lógica*); ciências abstrato-concretas (*mecânica, física e química*); ciências concretas (*astronomia, geologia, biologia, psicologia e sociologia*). Esta classificação restitui à lógica e à psicologia o lugar que COMTE lhes negara em sua classificação; mas não considera a moral nem a metafísica.

Na sua obra *O Mundo Interior* (1914), FARIAS BRITO apresentou uma classificação um pouco diferente da que propusera em trabalhos anteriores. Distinguiu três grandes grupos de ciências: as da matéria inorgânica — *cosmologia* —; as da matéria organizada ou *biologia* e as do espírito ou *psicologia*.

Admitiu também uma *psicologia transcendente* ou *metafísica*, à qual corresponde na prática a religião.

Em verdade tôdas as classificações são criticáveis, porque a ciência é uma só e não raro é bem difícil traçar os limites de duas ciências próximas. Podem-se admitir, em linhas gerais, cinco grandes grupos: *matemática, ciência físicas e naturais, ciências psicológicas e ciências sociais*. Estes dois últimos grupos frequentemente são reunidos sob a denominação de *ciências morais* (ou psico-sociais). Acima, ou, além, das ciências particulares está a *Metafísica* ou *Filosofia*, conforme veremos no capítulo seguinte.



### III

## CONCEITO DE FILOSOFIA

A princípio, quando as ciências ainda não se tinham constituído perfeitamente, tôdas formavam, por assim dizer, um todo único e a palavra *filosofia* indicava a ciência universal, o conjunto de todos os conhecimentos humanos, tanto a origem da alma quanto a constituição da matéria. Coube a SÓCRATES a glória de determinar os limites e o verdadeiro objetivo da filosofia. Impressionara-o a inscrição que lera no frontão do templo de Delfos; daí tirou o seu programa de estudo do verdadeiro filósofo: “conhece-te a ti mesmo.” O homem deve conhecer-se afim de dirigir a sua própria vida. Desta maneira, como observa CÍCERO, fez Sócrates descer a filosofia do céu para a terra.

Ainda hoje se discute apaixonadamente que coisa é filosofia. Segundo SÍLVIO ROMERO, quatro são as correntes capitais que se nos deparam ao tentar dizer qual o conteúdo exato dessa disciplina.

“A primeira vem a ser de que esta ciência, que no princípio abrangia todo o conjunto do saber, formando uma ciência geral, foi assistindo à emancipação de várias das suas partes que se foram constituindo em ciências independentes, especiais, e se ocupa agora daquelas porções da antiga ciência geral primitiva, daqueles resíduos, digamos assim, que não se constituíram ainda em ciências particulares.”

Neste número entram a Lógica, a Psicologia, a Moral e a Estética.

Sílvio acha que “dos quatro modos de compreender hoje a filosofia, êste é o mais fraco.”

O segundo modo de compreender a filosofia é o daqueles que a consideram uma ciência geral, síntese das ciências particulares. Convém não confundir esta maneira de pensar com a da primitiva ciência geral, que tinha a pretensão de ser capaz de abranger o conjunto do saber. No moderno significado é a filosofia a ciência geral no sentido de ser apenas a síntese das ciências particulares; e tal é o modo de ver dos positivistas. “Filosofia, escreveu LITTRÉ, é a ciência que prepara e formula a intuição geral do mundo e da humanidade.” O próprio SPENCER a intitulou: a *unificação do saber*.

O terceiro modo de compreender a filosofia é considerá-la uma ciência geral que se ocupa daqueles assuntos que, por sua natureza, não têm sido, nem serão jamais, objeto das ciências particulares.” Tais são as questões de origens, finalidades, natureza intrínseca das coisas etc.

O quarto e último dos modos é o que nela vê, como via KANT, a crítica do conhecimento. Isto é: *como é que se conhece; que é que se conhece e até onde se pode conhecer*.

Se examinarmos cuidadosamente estas várias opiniões, verificamos que nenhuma delas, isolada, resolve o problema. Que a filosofia seja a ciência universal, o conjunto de todos os conhecimentos humanos, conforme o conceito ante-socrático, hoje ninguém mais pode admitir. Que seja uma ciência puramente formal, sem objeto real próprio, limitada à missão de hierarquizar e sistematizar as ciências particulares, dando a cada uma o seu lugar na vasta síntese do saber humano, também, apesar do que afirmam os positivistas, não o podemos em boa lógica admitir como exato.



Há assuntos que por sua própria natureza não têm sido nem serão jámais objeto de ciências particulares. As noções de espaço, tempo, fôrça, matéria, movimento e outras muitas, interessam vivamente, mas as ciências não as explicam de modo satisfatório. Dêsses assuntos é que se ocupa a filosofia. SÍLVIO acha que êste é um modo muito legítimo de encarar a filosofia. Com uma condição, porém: evitar fantasias, construções *a priori*..

Mas que valor têm os nossos conhecimentos? Como é que se conhece? Que é que se conhece e até onde se pode conhecer?

O terceiro e o quarto modo de encarar a filosofia, tomados isoladamente, não resolvem êstes problemas.

Porque a filosofia não é apenas a crítica do conhecimento, como queria KANT, porém não pode ser indiferente a essa questão do valor e dos limites da razão humana.

Em que pese a muitos, a metafísica é a alma da filosofia. Para levantar o interdito lançado pelos positivistas contra a metafísica, bastará dissipar uns tantos equívocos. Dêstes, o principal é o dos que pretendem que a metafísica e a ciência positiva têm o mesmo objeto e por conseguinte não podem senão combater-se uma a outra no mesmo terreno. A verdade é que ocupam terrenos separados, têm objetos distintos e podem portanto coexistir no tempo e no espírito humano, completando-se.

A filosofia na realidade não evolve no mesmo plano que as ciências; não porque seja anticientífica, mas porque as coisas de que se ocupa são de ordem diferente.

De fato a Metafísica, isto é a filosofia propriamente dita, é a investigação das causas primeiras e dos primeiros princípios, conforme o dizia já ARISTOTELES; é a "*scientia rerum per altissimas causas*", segundo S.



TOMAZ e os Escolásticos em geral; é o “conhecimento da verdade pelas causas primeiras” na opinião de DESCARTES.

O objeto da metafísica é atingir a causa suprema, formando um sistema geral das causas, e satisfazer o desejo imperioso do nosso espírito, “principal exigência do nosso pensamento: a unidade.” Esta exigência é reconhecida pelos próprios positivistas.

Pode-se dividir a metafísica em duas partes: a metafísica geral e a especial. Na metafísica geral estuda-se o valor dos nossos conhecimentos e o problema do *ser* (crítica e ontologia); na especial, a matéria, a alma humana e Deus (cosmologia racional, psicologia racional e teologia racional ou teodicéia).

# HISTÓRIA DA FILOSOFIA

# I

## O ALVORECER DA FILOSOFIA

1 — O verdadeiro espírito filosófico, a reflexão, a análise, a pesquisa pessoal e livre começam propriamente na Grécia. É todavia inegável que os povos orientais — indús, chineses, persas, de modo mais acentuado — tiveram doutrinas de fundo filosófico, dignas de atenção e não raro profundas. Filosofia, poesia e religião intimamente se mesclam em tais doutrinas; mas, não obstante essa indistinção, a análise aí descobre as raízes do pensamento filosófico propriamente metafísico, as primeiras tentativas de explicação do conjunto das coisas. O homem pré-histórico, do qual tão pouco em verdade sabemos, não podia ainda elevar-se a sínteses racionais de tal envargadura. Há nêle — já o podemos afirmar cientificamente — manifestações inequívocas de preocupação de além-túmulo; o terror, ou pelo menos o espanto ante as forças naturais desencadeadas, a tempestade, o raio, o trovão, as inundações, o ciclo das estações de cada ano, a morte: quantos e quantos problemas bastantes por si para despertar nesse homem primitivo, por mais rude que exageradamente o quiséssemos imaginar, a idéia confusa de leis e de entidades superiores. E por outro lado a voz da própria consciência, ainda que balbuciante, mas existente, porque fundamentalmente humana. Nem queremos discutir, para não deixar o terreno estritamente natural, a existência de uma tradição primitiva de ordem religiosa mais alta ou revelada.



2 -- Pouco a pouco o esforço mental do homem irá esgalhando, do rude tronco primitivo, os ramos novos; aos gregos, especialmente a SÓCRATES, caberá a glória de traçar os justos limites da filosofia; fazendo-a, consoante a palavra ciceroniana, descer do céu à terra “*philosophiam e cælo evocavit* —; mas fôra êrro desprezar as idéias dos homens das eras mais remotas.

Seria até de alto interêsse para nós conhecer exatamente as concepções grosseiras dos grupos pré-históricos. Naqueles longínquos períodos da pedra lascada e da pedra polida, em que os trogloditas ou os habitantes das palafitas lutavam pela vida material em recontros diários com as feras monstruosas e as fôrças formidáveis da natureza, desarmados quase, tão semelhantes para um observador superficial aos próprios brutos, e tão diversos e superiores na realidade psicológica. *Homo faber, homo loquens, homo sapiens*, capaz de fabricar armas e utensílios, dotado da prerrogativa da palavra e do poder de abstrair e generalizar, já é o dominador do mundo animal, vegetal e mineral, já revela o sentimento artístico em toscos desenhos e inscrições rupes-tres, o respeito aos mortos e a idéia de sobrevivência.

Há tantos anos escrevia QUATREFAGES: “Qualquer que seja a natureza dos túmulos, sempre aí se nos deparam oferendas mortuárias, que são para nós tesouros etnográficos.” (1) Desde o período musterião — dados os cuidados funerários — já havia religião na humanidade e preocupação do mistério de além-túmulo (2) Ora “as religiões, tôdas as religiões são filosóficas;” e FAGUET não hesitou em acrescentar: “Ce sont même les plus complètes” (3).

---

(1) HUBY — *Christus*, p. 87.

(2) HUBY — *Christus*, p. 87.

(3) *Initiation philosophique*, p. 1.

3 — Entre os egípcios imensa foi na verdade a influência da religião. A idéia da divindade e da vida futura domina-lhes a existência terrestre e leva-os a construir aquêles gigantescos monumentos que ainda hoje, em ruínas, provocam o nosso pasmo: pirâmides, templos e esfinges. Ao lado dêsses milagres de uma arte sem os recursos da nossa, parecem construções desprezíveis os palácios dos faraós e as moradas dos príncipes. Só para os deuses trabalha e se esmera a capacidade excepcional dêsse povo admirável. Tudo aliás foi aí divinizado: o Sol, o céu, o Nilo, as fôrças da natureza, as plantas, os animais que encarnam o espírito divino... BOSSUET o pôs em relêvo na sua frase impressionante: “Tudo era deus, exceto Deus.”

Hoje, porém, se reconhece que, através do politeísmo evidente das épocas mais conhecidas, e da prática da população em sua totalidade aparente, a leitura de certos hinos mostra-nos a concepção mais elevada de um Deus supremo, de quem teriam provindo os outros deuses: “Amon Râ... o deus venerável, o senhor de todos os deuses. Amon Râ, o espírito augusto que existiu no princípio, o grande deus que vive da verdade, o deus do primeiro ciclo que gerou os deuses dos outros ciclos e por quem existem todos os deuses, o Uno único autor de tudo quanto é...”

“Qualquer que seja (o modo de ver) quanto ao Kâ, — ou o consideramos distinto da alma, opinião comum dos egiptólogos —, ou a ela idêntico, o que parece difícil de aceitar —, é absolutamente certo e reconhecido por todos que os egípcios tinham a crença mais firme na existência da outra vida, portanto na sobrevivência de uma parte essencial do homem.” (4). Essa crença era acompanhada da convicção de que tôdas as ações

---

(4) ALEXIS MALLON, in *Christus*, p. 487.



humanas recebem sanção na vida de além túmulo. O castigo dos maus será voltar à terra e viver miseravelmente encarnado, por exemplo, num animal desprezível; doutrina da metempsicose.

A felicidade suprema, após longas provas de além túmulo, e passado o juízo perante Osiris, será a admissão junto aos deuses, em um paraíso concebido à egípcia, mixto de eden sensual e de eden contemplativo. A idéia da ressurreição universal não se pode concluir claramente do "Livro dos Mortos". Este é um dos mais antigos textos conhecidos; remonta às primeiras dinastias e cada defunto levava consigo para o túmulo um exemplar. O cap. CXXV dá-nos idéia das virtudes egípcias, pelo que a alma devia alegar no tribunal de Osiris:

"Jamais pequei contra os homens! não atormentei a viuva! não tirei o leite da boca das criancinhas! não dei testemunho falso! não conheço a mentira! não caluniei o escravo perante o senhor! não matei!... sou puro! sou puro! sou puro! Dei pão ao faminto! dei água ao que tinha sede! vesti o nú."

4 — Há pouco mais de meio século só possuímos sobre a civilização dos assírios e babilônios, e em especial quanto à religião e às idéias morais, as informações, aliás bem reduzidas, da Bíblia e de um ou outro escritor antigo. Hoje, pelo contrário, temos uma quantidade imensa de textos cuneiformes de todo gênero à nossa disposição nos grandes museus da Europa, sendo que até aqui só se extraiu uma relativamente pequena porção dos soterrados nas planícies mesopotâmicas. (5).

---

(5) Só da biblioteca de Assurbanipal há 200 000 tabuinhas (*tablettes*) no British Museum. O assiriólogo HILPRECHT dizia, em 1906, já ter examinado mais de 50 000, provindas de Niffer (Nippour).



“Os babilônios e assírios são semitas. Terão êles recebido dos sumerianos, povo de raça diferente, o seu sistema de escrita ideográfica e silábica e, de modo geral, uma parte maior ou menor de sua civilização, de suas mais antigas concepções religiosas? A maioria dos sábios o admite. Os textos sumerianos, contudo, que se deparam em número avultado junto aos semíticos, grandes dificuldades oferecem e provocam problemas ainda não solvidos.” (6).

A *cosmogonia* babilônica (de que possuímos uma parte considerável, transcrita, traduzida e comentada por DHORME, em 1907) apresenta *Apson*, o Oceano, e *Tiamat*, o Mar, que mesclam suas águas, personificando o cáos; geram os deuses, representantes da ordem, que sai dêste mesmo cáos. Data o poema do XXI século a. C.; mas a tradição que lhe forma o assunto deve ser muito mais antiga. Têm exagerado as suas semelhanças com a Gênese hebraica, quando a verdade é que há diferenças essenciais. O poema babilônico visa erguer Marduk, deus de Babilônia, acima de tôdas as outras divindades; mas a sua onipotência é ridícula e precária e está muito longe da de Jeová. Na Bíblia refulge o mais puro monoteísmo. “A espiritualidade das idéias, a dignidade do tom, a majestade do quadro elevam essa primeira página da Gênese incomparavelmente acima da legenda babilônica e de tôdas as cosmogonias antigas.” (7).

5. — Enquanto os outros povos do Oriente viviam em grosseira idolatria, os hebreus admitiam a existência

---

(6) A. COMIN — *La Religion des Babyloniens et des Assyriens* (Cf. Christus, pag. 503 sqq.)

(7) *Ib.*, 516.

de um Deus único, universal, criador de tôdas as coisas por um ato livre de sua vontade soberana. (8). Adoravam êsse Deus supremo sob o nome de "Eterno", (Jeová, ou melhor Iavé); acreditavam na imortalidade da alma, sem os absurdos da metempsicose; criam na existência de anjos bons e maus, no milagre, no mérito das boas obras, na eficácia da prece e aguardavam cheios de esperança o Messias ou Redentor da humanidade, decaída pela culpa original.

O vulto máximo dêsse povo no período anterior a Jesus Cristo é sem dúvida Moisés, libertador, legislador e primeiro historiador hebraico. A sua grande obra é o *Pentateuco*: Gênesie, Êxodo, Números, Levítico, Deuteronomio. Resumo das leis religiosas, o Decálogo é um código admirável em dez artigos, o qual condensa todos os preceitos morais e os deveres capitais do homem para com Deus e para com os seus semelhantes. Atendendo-se às circunstâncias de tempo e de lugar, a legislação mosaica é um prodígio estupendo. Exalta quanto o mundo então rebaixava; estabelece o dogma fundamental da unidade de Deus; determina as cerimônias do culto; protege o estrangeiro, pelos próprios romanos, muito mais tarde, ainda olhado como inimigo; ampara o pobre; dignifica a mulher; e enfim castiga o furto, pune o homicídio, prescreve a caridade, suaviza a escravidão. O código de Hamurabi, entre os babilônios, punia de morte o que auxiliasse a evasão de um escravo ou quem abrigasse em casa o escravo

---

(8) Os hebreus, — diz o dr. CARLOS WEULE, diretor do Museu etnográfico de Lípsia — são um povo maravilhoso, cujo modo de ver as coisas, mesmo além dos limites religiosos, dominou tôda a vida espiritual da Idade Média e de grande parte dos tempos modernos até aos presentes dias; de seu seio nasceu o Cristianismo, que imprimiu a mais durável direção à civilização dos dois últimos milênios."



prófugo; ao passo que o Deuteronômio recomenda: "Não entregarás ao seu senhor o escravo fugitivo que se refugiou junto a ti." (XXIII, 15.16) (9).

6 — Além das informações ministradas pelos antigos, maximé por HERÓDOTO (*Clio*, 131 sqq.) dispomos, para conhecer a religião dos iranianos ou persas, das inscrições dos monarcas Aquemênides (Ciro, Cambises, Dario, Xerxes...) e do próprio livro sagrado o *Avesta*.

Segundo HERÓDOTO, os persas não erigiam estátuas, nem templos, nem altares, considerando insensatos os que tais monumentos erguem, pois não admitiam que os deuses participassem da natureza humana. Tinham especial horror à mentira e respeitavam escrupulosamente os contratos.

O Zoroastrismo é a forma religiosa mais interessante dos persas e difere em certos pontos da primitiva religião. Atribui-se-lhe a fundação a ZOROASTRO ou ZARATUSTRA, e seu mais antigo monumento literário é o *Avesta*. (10). A data em que viveu ZOROASTRO (VI sec. a. C.?) e a sua mesma existência são discutíveis e discutidos.

O dogma fundamental persa é a oposição de dois princípios (do bem e do mal), respectivamente ORMUZ e ARIMAN. Antes da criação era o tempo infinito: zer-

---

(9) Além disso autorizava a legislação de Hamurabi certas práticas imorais, como a prostituição sagrada. Ninguém aliás contesta hoje a *superioridade moral das concepções hebráicas*.

(10) *Avesta* é palavra de duvidosa etimologia. *Zend Avesta* é expressão imprópria provinda do êrro de ANQUETIL DU PERRON, primeiro tradutor da obra, que supôs ser o termo *zend* relativo à língua, quando na realidade *Avistak va zend* significa o *Avesta e seu comentário*, em parto ou *pehlevi*, forma literária do persa nos primeiros séculos da era cristã. A primitiva coleção do *Avesta* abrangia 21 livros, de que só nos chegou integral o *Vendidad*; o resto são fragmentos.



*van akarana*. Depois *Ahura Mazda* — (“o deus que tudo vê”) — conserva a criação em um estado imaterial. Segue-se a luta contra *Anro Mainyav*, que é auxiliado pelos *devas* ou demonios, e a criação dos seres materiais. A vitória final será de *Ahura Mazda* ou *Ormuz*, mas o mundo é por enquanto um campo de batalha entre os dois princípios inimigos e todo homem deve pugnar por *ORMUZ*, alistando-se, pela prática da virtude, em suas fileiras. *ARIMAN* ou *ANRO MAINYAV* persegue as criaturas de *ORMUZ* por tôdas as formas e com todos os males, inclusive o veneno das plantas e as 4.333 doenças que afligem a humanidade.

A moral do masdeismo é em geral elevada, mas contém disposições não raro grotescas e até condenáveis. Após a morte a alma vai ao tribunal divino e pesam-se-lhes os vícios e as virtudes. Os bons transpõem a ponte do *CHINVAT* e entram na eterna luz; os maus tombam no abismo, que aliás não será eterno, pois virá a ressurreição geral, com o triunfo definitivo de *ORMUZ*.

Há quem veja no dualismo persa o efeito dos contrastes climáticos de Irã (11), onde o solo é em grande parte árido e deserto, apresentando porém nos vales das montanhas próximas, devido às chuvas copiosas, zonas férteis, com cereais, árvores frutíferas e roseirais famosos. A temperatura oscila entre um frio siberiano e um calor senegalesco.

A explicação todavia é superficial e inaceitável. Oposições e contrastes, em todos os países, em grau maior ou menor, sempre se deparam ao homem, e não há mister ir ao Irã para poder dirigir à Natureza o belo soneto de Bilac:

---

(11) SEIGNOBOS, p. ex., *Histoire de la Civilisation Ancienne* p. 86.

*E êsse teu seio de onde a noite nasce,  
É o mesmo seio de onde nasce o dia.*

A verdade é que o masdeismo, forma religiosa aliás *relativamente* apreciável, resultou dos esforços do pensamento persa para resolver o difícil problema metafísico da origem do mal.

7 — Povo de ardente imaginação e poderoso engenho, os indús foram sempre amantes da contemplação e das especulações metafísicas. A princípio adoravam as fôrças da natureza: Indra, Varuna, Agni, eram os principais deuses, subordinados todos a Brama. Havia também um culto doméstico. Depois de estabelecidos no Ganges foi que os indús organizaram o Bramanismo, cujo dogma fundamental é a *trimurti*, isto é a trindade de Brama, creador; Vichnú, conservador, e Siva, destruidor e regenerador. Admite a metempsicose, devendo as almas ter outra vida, feliz ou desgraçada, conforme o seu proceder terreno. A íntima união com Brama é a suprema ventura.

A doutrina religiosa está nos *Vedas*, hinos escritos em sânscrito e recolhidos por Viasa uns 1.500 anos a. C. A moral bramânica ordena o amor a todos os seres, mas admite a distinção de castas. Os trechos védicos por vêzes têm surtos de beleza bíblica.

Seis séculos antes de Cristo o bramanismo sofreu radical transformação: contra a influência dos brâmanes, se ergueu uma reação e foi estabelecido o *budismo*, cujo fundador nasceu em Kapilavastu, e desde jovem se entregou ao estudo das questões religiosas. *Buda* ou *Sidarta*, ou *Gautama*, ou *Çáquia Muni*, percorreu tôda a Índia, sendo que segundo a lenda foi até à ilha de Ceilão, pregando a nova doutrina. Morreu após quarenta e cinco anos de propaganda. Para melhor impressionar os espíritos, empregava as parábolas. A no-



va religião espalhou-se rapidamente, e ainda hoje é uma das que conta maior número de fieis.

Buda era da família real de Magada, parente do rei Bimbisara; viveu durante o século VI, tendo morrido provavelmente em 483 a. C. Apesar de sua posição social, retirou-se da corte aos 29 anos de idade e empreendeu uma larga pregação, que deu em resultado fundar-se uma das maiores religiões existentes: o Budismo. A antiga religião dos Árias, o Bramanismo ou Induismo, por influência dos sacerdotes ou Brâmanes viera a confinar-se em um ritualismo estreito. O Budismo, pregado por Gautama, foi uma reação de caráter místico assaz elevado. Buda partia da observação do sofrimento e das misérias da vida e mostrava que só pela pureza da alma é possível a libertação humana. Aconselhava portanto a prática das virtudes — amor do próximo, esmola, assistência aos necessitados, pobreza, pureza de costumes e perdão das injúrias, desprezando os preconceitos de casta. Estes preconceitos eram (e ainda hoje o são) muito fortes na Índia bramânica. Os sacerdotes ou brâmanes e os guerreiros ou xátrias não se entendiam bem e desprezavam as outras castas: os *vaisias* ou agricultores, os *sudras* ou servos.

Pela prática da virtude o homem poderá enfim dominar-se a si próprio, extinguir todo o desejo e, depois da morte, alcançar o *nirvana*, integrando-se na alma universal.

Buda pregava, como se vê, uma espécie de panteísmo espiritualista, desprezando os vários deuses do bramismo popular. Contrariamente ao Bramanismo, a nova doutrina se dirigia a todos, sem distinção de castas, e admitia tanto os nacionais quanto os estrangeiros. Introduzida na China em época incerta invadiu sucessivamente a Coreia, o Japão e o Tibet. Adoptaram-na os



mongóis, no tempo de Gengis-Cã, e atualmente ela cobre tôda a Ásia.

É de estranhar que o budismo, tendo nascido na Índia da reação contra os brâmanes, tenha de lá desaparecido (salvo de Ceilão).

A moral búdica, pelo menos no princípio, era muito elevada. Buda aconselhava ao homem seis perfeições: a ciência, a energia, a pureza, a paciência, a caridade e a esmola. O budismo considera como supremo bem para o homem o *nirvana*, isto é o repouso absoluto. O *nirvana* não é o nada, mas também não é nenhuma forma conhecida nem imaginável de existência; é a libertação da transmigração das almas, desagregação de uma individualidade aparente, fim do processo dos fenômenos mentais. Assim afirmam indianistas eminentes. E mister confessar que, se o *nirvana* não é o nada, muito com êle se parece.

As leis de Manú constituem o código dos indús. Os brâmanes atribuíram-nas a *Manú* ou *Mânava*, o primeiro homem. Regulamentam a organização da sociedade, determinam os dogmas, o culto, e asseguram a predominância dos brâmanes.

O código é redigido em versos sânscritos e compreende 12 livros:

1. Criação do universo.
2. Sacramento e noviciado.
3. Casamento e deveres de chefe de família.
4. Meios de subsistência e preceitos para os brâmanes.
5. Regras de penitência e de purificação das mulheres.
6. Máximas de conduta para os reis e guerreiros.
7. Deveres do anacoreta e do asceta.
8. Ou juizes: leis civis e penais.
9. Leis do casamento e sucessão.
10. Regras para as classes mistas e para as épocas de penúria.

11. Penitências e expiações.
12. Transmigração das almas, meios de obter a bem-aventurança.

Encontram-se, nesse código, pensamentos elevados e profundas observações sobre os homens. Manú exalta a justiça.

“A justiça fere, logo que a ferem; protege, quando a respeitam.”

“A justiça é o único amigo que acompanha o homem depois da morte; tôdas as outras afeições são sujeitas à destruição, como o corpo.”

“Em uma decisão injusta um quarto da injustiça recai sobre as partes; outro quarto sobre a testemunha falsa; outro sobre os juizes e outro sobre o rei.”

“A alma (*atman*) é sua própria testemunha, a alma é o seu próprio asilo; nunca desprezeis vossa alma, testemunha por excelência do homem.”

Dos seis sistemas filosóficos indús, dois são ortodoxos, isto é, interpretam mais fielmente a doutrina religiosa dos textos sagrados dos *Vedas*, e quatro são, em grau maior ou menor, heterodoxos, formando a transição do bramanismo tradicional para o budismo revolucionário.

Sob o nome comum de *Vedanta* reúnem-se às vezes os dois sistemas ortodoxos, atribuindo-se-lhes a autoria a *Viasa*, compilador dos *Vedas* e autor da grande epopeia do *Mahâbhârata*. Realmente podemos distinguir um do outro os dois sistemas: o *Purva-Mimânsa*, de JAIMINI, que se submete mais fielmente aos textos védicos, e o *Uttara-mimânsa*, de BADARÁIANA, às vezes confundido com o próprio VIASA. É difícil, quase impossível, resolver definitivamente se de fato existiram ou não esses pensadores, e se não serão seus nomes apenas símbolos ou personificações de uma pluralidade de filósofos.



fos. E' dificuldade análoga à que nos depara a Grécia quanto à existência de um Homero ou de um Licurgo.

O *Vedanta*, ensinado nos *Upanishads* ou livros filosóficos do velho bramanismo, procura explicar os grandes problemas das origens e dos destinos com uma concepção panteística do cosmos, negando a realidade da matéria, — simples ilusão dos sentidos (*Maya*) — e pregando a metempsicose como o melhor meio de ascenderem as almas, após sucessivas purificações em existências várias, até à suprema união com o Espírito universal, que é Brama, o Ser único, real e eterno.

Quatro são, como já dissemos, os sistemas não ortodoxos: o de *Kapila*, o de *Patandjali*, o de *Kanada* e o de GOTAMA ou GAUTAMA. Pairam sôbre a existência dêsses filósofos as mesmas dúvidas a que aludimos a propósito de Viasa.

O sistema de KAPILA, denominado *Sankhya* (razão ou raciocínio) é francamente racionalista. Admite a eternidade da matéria, rejeita o panteismo idealista dos sistemas ortodoxos e a possibilidade de se demonstrar a existência divina, afirma que a libertação do homem está na ciência. A percepção sensível, a indução, o testemunho são os meios de que dispomos para desvendar a natureza. Há três qualidades fundamentais correspondentes a três estados do mundo e da alma: luz ou bondade, obscuridade ou vício, e paixão. As categorias da realidade são 25 (a natureza, origem e eterna matriz de tudo; a inteligência ou grande princípio; a consciência que produz o eu, as cinco partículas sutis, essenciais dos cinco elementos; os onze órgãos dos sentidos e da ação; os cinco elementos (éter, ar, fogo, água e terra); a alma eterna, que luta por subtrair-se às contingências da natureza. E', como se vê, uma classificação assaz confusa. A doutrina de KAPILA é, senão materialismo, pelo menos um dualismo



ateu, que rejeita a existência de um Deus pessoal, creador e regedor do cosmos. E não se compreende em que sentido KAPILA poderia afirmar e demonstrar que o conhecimento das três qualidades fundamentais e das 25 categorias (isto é tôda a ciência), liberta a alma humana das torturas da metempsicose.

PATANDJALI, discípulo de KAPILA, era um místico. Afastou-se do mestre quanto à impossibilidade de demonstração da existência do princípio divino. Substituiu à 25.<sup>a</sup> categoria, que é a alma individual, o espírito ou alma universal, que é Deus. O fim da ciência é a nossa união (Yoga) com o Ser Supremo. Daí o nome do sistema. A doutrina de Yoga é celebrada no poema *Bhagavadgita* em versos magníficos.

O sistema *Vaishéshika* (de *visesha*, a diferença), atribuído a KANADA, é sobretudo uma análise das substâncias e das qualidades. Admite a existência de átomos eternos, de cujas variadas combinações resultam as coisas. Para KANADA há seis categorias (*padârthas*): substância, qualidade, ação, geral, particular, relativo.

A filosofia de GOTAMA, fundador do sistema *Nyaya* (raciocínio), ocupa-se principalmente com a investigação da teoria da certeza. É uma dialética, mesmo um esboço notável de lógica, em que já se entrevê, pôsto que ainda confusamente, o raciocínio silogístico, definido na Grécia pelo grande ARISTÓTELES, que lhe determinou os diversos modos e figuras.

---

(12) "No ponto de vista ontológico, a oposição do *Sankhya* ao Vedanta é bem nítida; mas quanto à prática do ascetismo e à escatologia (*nirvana*, felicidade inconsciente) quase se confundem". LA VALLÉE POUSSIN, *Les Religions de l'Inde*, em *Où en est l'Histoire des Religions*, vol. 1, pag. 257.

Os indús, em resumo, estabeleceram algumas noções metodológicas; discutiram e classificaram, mui imperfeitamente aliás, as categorias; usaram, antes do Estagirita, da argumentação silogística, e tudo isto lhes dá incontestável pôsto saliente na história do pensamento filosófico.

8 — Ainda que anteriormente a CONFÚCIO LAO KIUN tivesse manifestado idéias filosóficas em parte semelhantes às de PLATÃO e às dos BRÂMANES, fóra de dúvida é que os principais filósofos chineses foram LAO TSEU e CONFÚCIO.

LAO-TSEU viveu um pouco antes de CONFÚCIO, uns 6000 anos antes de Cristo, e ensinou uma espécie de panteísmo. Há dois princípios fundamentais: o *lao*, que é o todo, a unidade, princípio primordial ou força evolutiva, que se manifesta progredindo e regredindo, e o *ki*, matéria sutil, substrato das progressões, e regressões. O princípio primordial não teve comêço, é eterno. A vida terrena pouco vale ou nada: a sabedoria consiste em esperar o repouso de além-túmulo. LAO-TSEU admitia a metempsicose e como PITÁGORAS, pretendia lembrar-se dos diversos corpos de homens e de animais em que seu espírito já encarnara anteriormente. A sua moral é abstencionista e quietista: ver, ouvir, desejar são inutilidadés, sábio é o que se abstém e fica em completa quietação. LAO-TSEU não aprovava a difusão do ensino. “Instruir o povo é arruinar o Estado”. “A guerra é por êle amaldiçoada, e com singular energia. A obra principal do filósofo, o *Tao-tei-king* (a razão primordial) teve incalculável influência na sociedade chinesa. Daí deriva o *taoismo*, que não é propriamente uma religião, mas uma política fundada em noções elementares de filosofia natural.

CONFÚCIO (*Koung-fu-tzee* ou *Kong-fou-tseu*) — 551-479 a.C. —, a quem denominaram o Sócrates chinês, é o mais célebre dos pensadores da China, ainda que em



rigor não tenha sido um filósofo transcendente, amante de especulações abstratas, mas apenas um político, preocupado sobretudo com regras práticas de governo e de moral. Filho do governador de uma das cidades do principado de Lu, descendente, ao que parece, do célebre imperador HOANG-TI, desde jovem se distinguiu nas funções públicas. Após o falecimento de sua mãe, resolveu, com pouco mais de 20 anos, entregar-se à meditação; em breve empreendia a reforma dos costumes de sua pátria. Viajou, fêz prosélitos, adquiriu renome. Primeiro ministro do soberano de Lu, reorganizou a justiça, protegeu a agricultura e o comércio; mas afinal se indispôs com o rei e retirou-se. Viajou ainda e pregou suas idéias, tendo-se imortalizado com as obras que escreveu. Reviu os *Kings*, compôs tratados de moral e política e escreveu em parte a história do reino de Lu. Sem atacar de frente o dualismo panteista de LAO-TSEU, CONFÚCIO não se conforma com as idéias do seu predecessor no tocante à instrução; acha que o povo deve ser instruído rudimentarmente, mas só dos seus deveres e do que lhe pode ser útil, num ensino prático, de aforismos, sem demonstrações teoréticas. Detesta a guerra também e exalta a família, a célula original. O principado, o reino, o mundo são grandes famílias.

O confucianismo, como o taocismo, não é uma religião. Se LAO-TSEU negou teoréticamente a divindade, CONFÚCIO praticamente a desprezava, com o seu oportunismo. Algumas de suas máximas, porém, merecem menção: "Faze aos outros o que quizeras que te fizessem".

MENG-TSEU (o *Mencius* dos missionários) foi o mais notável discípulo de Confúcio, cujas idéias desenvolveu. Nasceu pelo ano 400 a. C. e morreu com mais de 80 anos. Escritor fluente e elegante, compôs um tratado de moral conhecido por seu próprio nome. Ai



admite duas faculdades no homem: sensibilidade externa e inteligência. Esta investiga os motivos do nosso proceder e os resultados de nossas ações. Todos temos que trabalhar no próprio aperfeiçoamento e as observações psicológicas devem tender para o conhecimento exato do homem como ser moral ou ético.

## II

### OS ANTE-SOCRÁTICOS

1. Numa das colônias gregas da Ásia Menor, em Mileto, foi que a filosofia grega nasceu, com o grande **TALES** (639-546, provavelmente), fundador da escola jônica ou milésia e um dos vultos mais notáveis da antiguidade. De origem fenícia, **TALES** foi um espírito curioso de saber, que em diversas viagens ao Egito e Babilônia teve ensêjo de aprender verdades importantes de matemática e astronomia.

Grande físico e astrônomo, para sua época, ainda se revelou hábil político e negociante avisado; e figurava-lhe o nome entre os dos sete sábios da Grécia. Pouco sabemos de positivo sobre a filosofia de **TALES**, que parece ter sido um monismo ainda muito influenciado pelas tradições mitológicas, segundo as quais o mundo saíra do seio das águas. O filósofo admitia por certo a teogonia de **HOMERO** e **HESÍODO** em que tudo provinha, homens e deuses, de Tetis, a deusa do mar. A essa tradição juntou-se a observação de uns tantos fatos notórios, em que a água aparece com importante papel. Sem certo grau de humidade, impossível a vida vegetal ou animal; evapora-se a água e toma o estado gasoso; a água do mar, tendo secado em um vaso, deixa resíduos sólidos; todo alimento contém água; e assim ela foi por **TALES** considerada o princípio de tôdas as coisas. Ele não procura, aliás, saber qual a lei das transformações que se operam no cosmos; preocupa-o

sobretudo conhecer a substância dos seres. Explica as transformações por meio da ação de almas e deuses que distribui liberalmente, forçado talvez a isso pela necessidade de encontrar uma razão de ser superior para o movimento e para certos fenômenos mais embaraçosos, quais os elétricos, produzidos pelo âmbar friccionado.

Para TALES a terra é um disco em repouso na água; a abóboda celeste, um hemisfério, cujo diâmetro é a própria largura do mundo. Êle soube entretanto prever eclipses, como o de 28 de maio de 585, e segundo as legendas teria caído num poço quando a observar o céu estrelado. Cabe-lhe a glória de ter sido o primeiro mestre de geometria entre os gregos e aos próprios egípcios dizem que ensinou a medir pela sombra a altura das pirâmides.

2. O mais ilustre dos discípulos de TALES foi ANAXIMANDRO (610-546), que compôs um *Tratado da Natureza*, a primeira obra filosófica grega escrita em prosa. Pôsto que não tenhamos coisa alguma de seus primeiros trabalhos, conhecemo-lo um pouco melhor do que ao mestre. Distinguiu-se mais na física do que na matemática, cultivou a astronomia e ensinou a redondeza da Terra, mas considerando-a um cilindro de largura tripla da altura e fixo no meio da esfera celeste. Traçou a primeira carta geográfica e trouxe de Babilônia o gnomon ou relógio de sol.

ANAXIMANDRO foi um precursor das doutrinas transformistas. Considerava os peixes como os mais antigos dos animais, tendo provindo deles todos os outros por transformações sucessivas, inclusive o próprio homem. O primeiro princípio das coisas para êle era o *indeterminado*, espécie de matéria sem qualidades e sem limites. Esta matéria, aliás, era divina aos olhos do filósofo milésio, que, como os seus companheiros de escola, foi um panteísta mais ou menos hilozoísta.



3. Ainda em Mileto vamos encontrar ANAXÍMENES, que floresceu por volta de 550 e morreu cerca de 500 a. C. Inferior em geral a ANAXIMANDRO, consegue às vezes corrigi-lo num ou noutro ponto. Considera primeiro princípio de tôdas as coisas o ar, que é o corpo mais dotado de mobilidade e que, condensando-se, produz o vento, a nuvem, a água, a terra, a pedra, e rarefazendo-se torna-se fogo. Tudo portanto resulta da condensação ou rarefação do ar.

A própria vida não é essencialmente um sôpro, *anemos, anima, spiritus*? A terra e os astros são chatos e equilibram-se como fôlhas no ar.

As doutrinas de Anaxímenes foram posteriormente retomadas por Diógenes de Apolônia, um candiota do V século a. C., que no seu *Tratado da Natureza* defendeu contra Anaxágoras o hilozoismo jônico.

4. O mais ilustre dos pensadores da escola jônica foi HERACLITO de Éfeso, que viveu no V sec. a. C. e compôs em prosa um *Tratado da Natureza* de que nos restam fragmentos e outros escritos hoje perdidos. Inimigo da democracia, aristocrata de raça, filho de uma das primeiras famílias efésias, a tradição nô-lo apresenta sempre a chorar, por melhor frisar-lhe o sombrio pessimismo. A verdade é que é muito difícil penetrar bem as idéias heraclíteas, tal a sua obscuridade, que ao próprio Sócrates fêz confessar que só por metade as compreendia.

HERACLITO vê no fogo o elemento primitivo e fundamental; a alma é um fogo sutil e o frio é a morte mesma. A essência das coisas não é o *um*, nem a imutabilidade, mas o múltiplo, o instável. Tudo flui, as coisas transformam-se por um movimento progressivo,

nada propriamente é. (13). O filósofo de Éfeso parece até certo ponto um precursor de HEGEL. LECLÈRE compara-lhe à mentalidade de PASCAL.

5. Não é fácil tarefa reconstituir com exatidão as idéias pitagóricas. A não ser talvez a metempsicose, aliás de origem indu e egípcia, não se pode sem hesitação atribuir tal ou tal idéia a PITÁGORAS, cujas doutrinas não chegaram senão através de discípulos. As próprias máximas dos *Versos aureos* são provavelmente de LISIS, o controvertido tarentino mestre de EPAMINONDAS.

PITÁGORAS era sâmio e viveu no VI sec. a. C. (580 a 500, mais ou menos). Fêz, ao que parece, viagens pelo Egito, Fenícia e Chaldéia, e acaso penetrou as doutrinas secretas dos sacerdotes. Em 529 fundou em Crotona uma espécie de comunidade filosófico-religioso-política. Não tardou que os crotoniatas o obrigassem a ir para Metaponte, a *Torre di Mare* de hoje, onde o filósofo mais tarde pereceu no incêndio de seu monastério.

Os pitagóricos praticavam uma austera moral, condenavam o suicídio, admitiam a comunhão dos bens, a frugalidade, o celibato, a prece comum, o exame de consciência. Viam no sofrimento uma condição da virtude e acreditavam na transmigração dos espíritos. Julgaram descobrir nos próprios números os primeiros princípios de tôdas as coisas e não hesitaram em afirmar, que, por exemplo, 1 é o ponto, 2 a linha, 3 a super-

---

(13) Ele dava o exemplo célebre, ninguém se banha duas vezes no mesmo rio, nem sequer uma só vez, porque muda incessantemente o rio, e o próprio indivíduo que se banha, e não são jamais os mesmos. A idéia *mater* do sistema bergsoniano de uma fluidez universal dos seres é afinal a velha idéia heraclíteia rejuvenescida; sendo para BERGSON o tempo, "la durée pure", a substância ou a estôfa mesma das coisas.



ficie, 4 o volume, como 7 é a saúde, 8 o ano, etc. Porventura PITÁGORAS quis a princípio apenas calcular a medida dos átomos homogêneos componentes das coisas e os discípulos depois lhe exageraram a idéia, tomando a fórmula pela própria realidade. Um mérito, porém, tiveram e foi o de reconhecer a harmonia do cosmos e a possibilidade de uma representação matemática das leis que regem os fenômenos. Admitiram a esfericidade da terra, cultivaram a aritmética, a geometria, a música, e a astronomia, explicaram a causa das estações do ano e em 286 ARISTARCO de Samos proclamou verdadeira a teoria que mais tarde havia de imortalizar o grande COPÉRNICO (14).

6. A escola eleática levou ao exagero a tendência idealista e seus três vultos capitais não recusaram ir de encontro ao testemunho dos sentidos e aos postulados do bom senso para afirmar as coisas mais paradoxais. XENÓFANES, a quem se atribui a fundação da escola, era colofônio, jônio portanto, mas por fugir ao jugo persa estabeleceu-se em Eléia, na Magna Grécia. Viveu, ao que parece, de 575 a 490. Era um rapsodo, de temperamento épico e satírico ao mesmo tempo, mas de seus versos poucos chegaram até nós. Nada dogmático, quase céptico, dotado entretanto de um caráter reto, religioso sem superstições, XENÓFANES admitia um Deus único, eterno, imutável e imóvel, que tudo governa pela simples força do pensamento puro. Adversário da mitologia, o politeísmo antropomórfico dos gregos afigurava-se-lhe imoral; mas ao demonstrar a unidade absoluta de Deus, que é a perfeição e a plenitude do ser, concluía que nada pode existir fóra dêste

---

(14) Os principais discípulos de PITÁGORAS foram o tarentino ARQUÍTAS e o crotoniata FILOLAU, contemporâneo de SÓCRATES e o primeiro pitagórico que escreveu sobre as doutrinas do mestre.



Deus. — panteísmo idealista mal definido, em que se confundia a plenitude do ser por transcendência com a totalidade do ser real.

7. O eleata PARMÊNIDE (nascido por volta de 515) foi propriamente o organizador da escola. Aprofundando as idéias de XÉNOFANES, estabeleceu a identidade absoluta do ser com o pensamento, de sorte que a multiplicidade sensível não existe objetivamente; o mundo, tudo que nos cerca, nós inclusive, somos apenas aparências, fantasmas, uma grande ilusão. E o apogeu do idealismo panteista.

PARMÊNIDE expôs suas teorias no poema *Da Natureza*. Já velho, tendo comparecido às Panatenéias, causou a SóCRATES, então ainda jovem, a mais viva impressão.

O mais sutil porém, dos eleatas foi incontestavelmente ZENÃO, discípulo e concidadão de PARMÊNIDE, nascido pelo ano 490 a. C. Para provar a unidade do Ser, este filósofo obstinado negou a realidade da matéria, do tempo, do movimento e do espaço em argumentos famosos, (15) que desde ARISTÓTELES até hoje têm exercitado as mais sólidas inteligências.

---

(15) Eis alguns dos principais:

(a) Aquiles, suposto dez vezes mais veloz que uma tartaruga, jamais a poderá alcançar, porque de cada vez que ele chega ao ponto de onde ela partiu, tendo ele partido de mais longe, ela se adiantou um pouco; e ainda que de cada vez a distância que os separa se vá tornando dez vezes menor, nunca há de ser nula. E se disserdes que vêdes afinal Aquiles alcançar a tartaruga, dir-vos-eis que vosso sentido vos fludom, pois o fato é impossível.

(b) O movimento é impossível, porque, supondo-se uma flecha em movimento, onde poderia ela mover-se? No ponto em que agora está? Não, visto que ela aí se acha. No ponto para onde se dirige ou aonde vai? Tampouco, porque ainda lá não está. Logo não se move em ponto algum; logo está em repouso.

8. Nada de positivo sabemos quanto a LEUCIPO (500 a. C.) que passa por fundador da escola atomística, também chamada escola de Abdera. Uns o dão por abderita, outros por milésio de origem. Já houve quem lhe negasse a própria existência. E' provável entretanto que tenha sido acompanhado por DEMÓCRITO em algumas de suas viagens.

Filho da trácia Abdera, onde morreu quase centenário, discípulo de LEUCIPO, de cujas idéias não podemos calcular bem o quanto reproduziu ou desenvolveu, DEMÓCRITO (420 a. C.) foi um grande curioso, ávido de saber, homem viajado como poucos do seu tempo, e espírito aberto a um otimismo que lhe valeu a fama de estar sempre a rir, em contraste com HERACLITO, que chorava sempre em seu pessimismo. E' um exagero, bem se vê, mas não há negar que DEMÓCRITO foi o verdadeiro pai espiritual dos epicuristas, como HERACLITO o dos estóicos.

LEUCIPO e DEMÓCRITO inventaram a teoria dos átomos, minúsculos corpos indivisíveis e eternos, dotados de movimento, e de que resultam por agregação todos os seres, inclusive nossa alma. Se alguns destes átomos sutis que a formam fojem dela, é o sono: se muitos, a catalepsia, a morte aparente; se todos, a morte real. Tudo perece por desagregação de átomos. Conhecemos os corpos graças às imagens que êles emitem e que pelos sentidos nos chegam até a alma. Os átomos são todos homogêneos, apenas diferem em forma e grandeza. Perpétuo movimento arrasta-os em turbilhões.

Considerável foi o número de obras escritas por DEMÓCRITO; delas porém, só nos vieram fragmentos. O abderita recolheu das longas viagens um tesouro de conhecimentos e o seu saber enciclopédico lhe inspirou



os mais variados trabalhos. LECLÈRE o compara aos grandes eruditos da Renascença.

9. Embora alguns o filiem à escola milésia, e não se possa negar a influência que sobre ele exerce ANAXIMANDRO, o clazomênio ANAXÁGORAS foi um robusto pensador, mais ou menos independente, que procurou harmonizar em síntese os fragmentos da verdade esparsos nas várias doutrinas filosóficas ante-socráticas. De Clazomena, onde nasceu por volta de 500 a. C., foi para Atenas, onde em 470 se estabeleceu e teve ilustre discípulos, quais PÉRICLES, EURÍPIDES, TEMÍSTOCLES e TUCÍDIDES. Acusado mais tarde de impiedade fugiu para Lâmpsaco, onde faleceu.

ANAXÁGORAS admitia que a princípio era o cáos, isto é, todos os elementos simples (e os há tantos quantas são as substâncias) estavam misturados confusamente. Dêsse estado de indeterminação saíu, enfim, o Cosmos, graças ao pensamento, a fôrça organizadora, que é o Espírito ou Inteligência (*Nous*), sem o qual não se explica a ordem existente no universo. Esta maneira de ver de ANAXÁGORAS arrancou mais tarde expressões de aplauso a ARISTÓTELES.

ANAXÁGORAS foi um ilustre físico, expôs a teoria dos eclipses e das fases lunares e reconheceu que a lua recebe luz do sol.

10. Pouco se sabe ao certo da vida do agrigentino EMPÉDOCLES (450 a. C.), que foi sem dúvida um dos talentos mais enciclopédicos do seu século. Poéta, músico, médico, filósofo, exerceu enorme influência e gozou da fama de mágico, iluminado ou taumaturgo. Parece que morreu exilado, mas é provavelmente mera lenda a afirmação de que se lançou no Etna, para que acreditassem haver ele desaparecido misteriosamente, embuste que o vulcão teria desmascarado vomitando-lhe uma das sandálias.



Suas obras capitais foram dois poemas: *Da Natureza e Purificações*, aquêle altamente elogiado por LUCRÉCIO. EMPÉDOCLES sintetizou as doutrinas eleáticas e jônicas, juntando ao fogo de HERACLITO, ao ar de ANAXÍMENES e à água de TALES, a terra, porventura o denso dos pitagóricos concretizado. A sua teoria dos quatro elementos dominou até o grande LAVOISIER fundar a química moderna.

O princípio superior explicativo da ordem e unidade do Cosmos era para EMPÉDOCLES o Amor, que une, e a Discórdia, que separa. Há deuses e gênios bons que protegem o homem e espíritos maus que o perseguem. Esse dualismo lembra o zoroastrismo e o futuro maniqueísmo; seria êrro porém, supor-lhe relações de filiação, havendo apenas coincidências com a doutrina empedocléia.

O filósofo agrigentino admitia a metempsicose extensiva às próprias plantas. Emitiu por vêzes teorias extravagantes, mas fêz sagazes experiências sôbre a pressão do ar e afirmou não ser instantânea a propagação da luz.

11. As contradições das várias escolas ante-socráticas vieram a produzir o descrédito da especulação filosófica. O abuso da dialética e da retórica, unido à corrupção dos costumes, deu nascimento à sofística. O sofista não era propriamente um céptico, desiludido de atingir a Verdade e incapaz de uma afirmação categórica; mas ao contrário um hábil dialético, disposto a sustentar tôdas as causas e a aproveitar tôdas as oportunidades, se bem que não creia em nada e demonstre que não há motivos para crer em coisa alguma.

Gozam todos em geral de má fama, e da sofística escreveu PLATÃO que era “a arte de traficar com as coisas da alma”. Cumpre, entretanto, reconhecer que muitos sofistas foram homens de bem, conselheiros das

idades, e até considerados na severa e lacônica Esparta. Vem-lhes o mau nome do fato de receberem dinheiro pelo seu ensino e de atacarem o fundamento das leis e da moral. Foram em geral inteligentes e cultos, de um saber mais vasto que profundo, oradores eloqüentes e polemistas sutis. Sua obra, se por um lado foi prejudicial e tendente a desmoralizar a filosofia, não deixou contudo de prestar um bom serviço à mesma filosofia, fazendo uma penetrante crítica do conhecimento, modificando a orientação primitiva do pensamento grego e apressando a revoção, glória do grande SÓCRATES.

12. Abderitano de origem, PROTÁGORAS (481-411) foi para Atenas, onde captou a simpatia do próprio PÉRICLES; mais tarde, acusado de impiedade e prófugo, pereceu em naufrágio. Quase nada resta das muitas obras que compôs. Ensinou retórica, gramática, e poesia e foi um verdadeiro precursor dos modernos relativistas. Segundo PROTÁGORAS o homem é a medida de tôdas as coisas. Tôda opinião é verdadeira para quem a sustenta, enquanto a sustenta. Verdade ou êrro, tudo depende da sensação do momento. Nada propriamente é, tudo se transforma em um movimento progressivo incessante, conforme o dissera já HERACLITO.

O mais conhecido dos sofistas, GÓRGIAS, era natural de Leonte, na Sicília (485) a. C.) viveu mais de um século e faleceu em Larissa, na Tessália. Mandaram-no os leontinos a Atenas em uma deputação e tal foi a admiração que sua eloqüência aí provocou, que os atenienses o retiveram para que lhes desse lições de retórica.

GÓRGIAS fôra discípulo de ZENÃO e suas idéias filosóficas resumiam-se nas seguintes proposições: "Nada existe. Se algo existe, não o podemos conhecer. Se algo existe e pode ser conhecido, não o podemos tornar



conhecido a outrem”. Afim de provar tais paradoxos, GÓRGIAS recorria às mais rebuscadas sutilezas, aos sofismas aparentemente mais persuasivos.

Sofistas de menor fama foram CRITIAS, um dos Trinta Tiranos; HÍPIAS de Élida; TRASÍMACO de Calcedônia e PRÓDIGO de Cós, este último autor do célebre apólogo *Hercules in bivio*, em que nos apresenta o adolescente Hércules solicitado simultâneamente pela Virtude e pela Volúpia, e afinal resolvido a optar por aquela, que o leva à imortalidade.

### III

## SÓCRATES E OS GRANDES SOCRÁTICOS

1. Três períodos se distinguem geralmente na filosofia grega: o ante-socrático, o socrático e o post-socrático. Esta simples referência mostra com singular energia a relevância da ação exercida pelo grande mestre ateniense, nascido em 470 a. C., mais ou menos. Na mocidade estudou escultura com o pai Sofronisco, mas não se dedicou à carreira paterna, embora ela tenha concorrido sem dúvida para nêle despertar o gosto do belo e o sentimento artístico. Pouco aliás ou quase nada se conhece de sua mocidade. Sabe-se que era muito feio. Olhos à flor do rosto, nariz arrebitado, precocemente calvo, obeso, bem diferente (a observação é de COHEN) do perfeito atleta. Era entretanto corajoso, paciente, dotado de bom senso. Figura admirável e singular, nada escreveu e apenas influenciou — e quanto! — pelo exemplo e pela palavra falada. O que dêle sabemos é através de PLATÃO e de XENOFONTE. Não hesita contudo ROBIN em considerá-lo “a maior figura da história do pensamento grego”.

E’ de supor que tenha passado a mocidade a estudar, sòzinho ou na escola dos melhores mestres, pois sabia, além da escultura e da música, geometria e o que de matemática era conhecido na sua época. Quanto à filosofia, se aceitarmos o que diz XENOFONTE, foi um autodidata. Tomou parte na guerra do Peloponeso, salvou a vida de ALCIBIADES e a do mesmo XENOFONTE.



Eleito para o senado, aí se opôs, único, à condenação dos dez generais atenienses que haviam combatido nas Arginusas. Mais tarde, já sob o governo dos Trinta Tiranos, recusou trazer-lhe LEONTE o Salamínio, a quem queriam condenar à morte. Assim, no dizer feliz de um dos seus biógrafos, SÓCRATES defendeu a justiça contra todos os poderes: contra o povo e contra os tiranos.

Mais tarde os acusadores do grande ateniense exprobraram-lhe o não participar da política. Pensava êle porém com razão que a política não é forma única de servirmos à pátria: mais difícil e não raro mais fecunda é a missão do educador. "SÓCRATES não tinha necessidade de participar dos cargos públicos para servir a Atenas; sem quebra do dever podia lutar nas fileiras obscuras do exército, confundido com a multidão dos soldados, e permanecer simples cidadão; sua missão não era a de governar a comunidade, sim a de paciente trabalhar no aperfeiçoamento dos indivíduos: assim não servia apenas a sua pátria, mas tôda a humanidade".

Consagrou a vida inteira ao ensino da filosofia, sem idéia de lucro material; nada escreveu; era nas praças públicas e nos jardins, conversando e discutindo, que dava as suas lições imortais. Viveu a própria doutrina, merecendo ser considerado, qual o dissera o oráculo de Delfos, o mais sábio dos homens. A sua morte é uma das páginas mais formosas da história da inteligência. Acusado de corromper a mocidade com as suas idéias, teve de comparecer perante o tribunal dos Heliastas. Convencido da sua própria inocência, não quis defensores: êle mesmo falou e, em vez de insistir na improcedência da acusação, mostrou o que valiam os seus acusadores. O tribunal irritou-se e mais ainda quando SÓCRATES reclamou para si o di-

reito de ser alimentado até à morte no Pritaneu. (Aí os beneméritos da pátria eram sustentados a expensas públicas). Foi condenado a morrer bebendo cicuta.

2. Num dos seus diálogos nos conta PLATÃO o que foram os últimos dias de SÓCRATES. Tendo recusado fugir, ocupou-se na prisão em pôr em verso as fábulas de ESOPO e compôs um hino em honra de Apolo. Os amigos e discípulos vinham visitá-lo e o filósofo, sempre tranqüilo, discorria sôbre vários assuntos. No próprio dia em que deveria beber o veneno mortal, deu ainda uma lição a respeito da imortalidade. Ouçamos PLATÃO: "Todo aquêle que durante a vida renunciou aos prazeres do corpo, assim como aos seus ornatos exteriores e os considerou até perniciosos; que só buscou a ciência e ornou a sua alma, não de coisas estranhas, mas das que lhe são próprias, qual a temperança, a justiça, a fôrça, a liberdade, a verdade: êste deve esperar tranqüilamente a hora da partida..." Antes de receber o encarregado de lhe levar a bebida letal, tomou um banho, porque, disse aos discípulos, convinha que o fizesse antes de beber o veneno, para evitar às mulheres o trabalho de lavar um cadáver. O próprio mensageiro da morte estava comovido ao lhe entregar o veneno; SÓCRATES, porém, dirigiu-lhe a palavra serena e bondosamente. Um dos discípulos propôs que SÓCRATES não bebesse imediatamente o líquido mortal, pois o sol ainda não se ocultara e em geral os condenados nestas condições aproveitam o tempo para comer e distrair-se com os amigos. "— Os que assim fazem, respondeu SÓCRATES, têm as suas razões e julgam que vale a pena; eu também tenho as minhas para não o fazer; se bebesse um pouco mais tarde a cicuta, creio que sòmente ganharia tornar-me ridículo a mim mesmo, mostrando-me tão preso à vida a ponto de querer poupá-la quando dela nada mais resta". Tomou a taça



sem tremer, sem mudar de côr e com uma doçura admirável (são expressões do próprio PLATÃO). Os discípulos não podiam conter as lágrimas. CRITON saíra, APOLODORO gemia alto de modo lamentável e FEDON, o narrador da cena, cobriu-se com o manto para, diz êle, "chorar por mim mesmo, pois não era por SÓCRATES que eu chorava, mas pelo meu infortúnio ao pensar no amigo que ia perder". SÓCRATES pergunta-lhes, sempre sereno, o que faziam e de que valera ter afastado as mulheres. Acalmaram-se então. Sentindo enfraquecerem-se-lhe as pernas, o filósofo, que até aí caminhara de um lado para outro, deitou-se de costas, como lhe fôra recomendado. Pouco a pouco a ação do veneno foi progredindo e insensibilizando primeiro os pés, depois as pernas, o baixo ventre e por fim o coração. Descobriram-no. Tinha os olhos imóveis. CRITON fechou-lh'os. "Tal foi o fim do homem sem dúvida o melhor, o mais sábio e o mais justo que jamais conhecemos".

3. Sem ter escrito obra nenhuma, exerceu SÓCRATES, e exerce ainda hoje, tal influência que se pode em certo sentido afirmar que foi êle o verdadeiro fundador da psicologia e até da própria filosofia. O espírito de observação e de análise, a pesquisa humilde, sincera e paciente da verdade, a harmonia entre o pensamento e a ação, a finalidade moral, a capacidade de sacrifício pelos grandes ideais até à imolação da própria vida: tais as grandes lições, não apenas faladas, mas ainda e sobretudo praticadas, vividas, pelo mestre de PLATÃO. A êste último já se atribuiu alguma coisa, senão muito, da doutrina apresentada como genuinamente socrática: "Quanta coisa me faz dizer êste jovem nas quais eu nunca pensara!", teria sido a observação irônica do mestre, ante a exposição de suas idéias pelo discípulo.



A ironia, aliás, constitui um dos grandes processos socráticos, paralelamente *a maiêutica*. Para tornar patente o erro, desfazer as ilusões e humilhar os sofistas, não empregava SÓCRATES a demonstração direta, mas propunha aos adversários questões hábilmente escolhidas, ia de pergunta em pergunta até chegar a contradições e conseqüências tiradas das afirmativas do interlocutor e que este mesmo não poderia admitir. Era uma espécie de demonstração por absurdo. Dizem que o seu próprio aspecto zombeteiro, devido à fealdade natural e principalmente ao nariz, juntamente com o perfeito domínio de si próprio, concorriam para a força dos seus recursos dialéticos.

Quanto à maiêutica, o outro processo socrático, aspecto positivo de seu método, ao passo que o negativo é a ironia, consistia em levar os adversários, ou melhor agora os discípulos, a descobrirem por si mesmos as verdades escondidas no fundo da inteligência. Dizia SÓCRATES que de certo modo também praticava a profissão materna, facilitando a parturição das almas. Sabe-se que FENARETA, esposa de SOFRONISCO, era obstetriz. Vê-se portanto nesta singular arte ginecológica socrática, desejar o filósofo não impor as suas idéias, mas facilitar o nascimento da verdade naqueles que o escutavam. Afinal o fundo lógico dêsse método, de que ironia e maiêutica são aspectos originais, consiste na indução e na definição. SÓCRATES compreendeu que a ciência não procura apenas o individual, mas o geral; não o simples acidente, mas a essência.

4. No frontão do templo de Delfos estava escrito: "Conhece-te a ti mesmo". A miúdo repetia SÓCRATES essas palavras, que resumem a sua doutrina: o perfeito conhecimento do homem, que parte da psicologia e visa um fim de ordem moral. Há todavia um grave erro, posto que sedutora ilusão, na psicologia socrática, pois

o filósofo supõe que a vontade segue sempre o que a inteligência lhe aponta como sendo o melhor. A identificação do saber com o preferir ou da ciência com a virtude, é o que se chama o *paradoxo socrático*.

Apesar dessa ilusão, devemos considerar SÓCRATES o fundador da ciência moral. Considera a sabedoria a primeira das virtudes, diversificando conforme o seu objeto em coragem, temperança, justiça e piedade. Há leis naturais de origem divina e não escritas; as leis escritas, de origem humana, são mutáveis, mas devem basear-se naquelas. Censuram-lhe não ter estabelecido de modo categórico o caráter absoluto do bem, confundindo-o em geral com o útil. A sua estética também não distinguia o belo do bem e em política era contrário à democracia, ou melhor à demagogia.

A metafísica socrática admite um deus único, eterno, infinito e que governa o mundo sàbiamente. A sua existência prova-se com o argumento de que a ordem universal revela uma razão organizadora e a nossa inteligência exige uma causa também inteligente que a produziu; enfim a lei natural exige um legislador acima do próprio homem.

O que se chama o *demônio socrático* tem sido objeto de grande controversia. Parece que SÓCRATES admitia, não só a Providência em relação ao mundo, mas ainda em certos casos uma ação especial de Deus em relação aos indivíduos, uma espécie de revelação particular. Para outros entretanto esse *demônio* seria unicamente a personificação da própria consciência do filósofo, a voz interior que aprova ou reprova, e diz o que se deve ou não levar a efeito.

Estranha-se que nos últimos instantes, prestes a deixar a vida, tenha recomendado aos discípulos que por êle oferecessem um galo a ESCULÁPIO. Ainda aqui há diversidade interpretativa. Há quem veja nisso uma



derradeira ironia; para outros teria sido uma forma de mostrar a injustiça da acusação que lhe fôra feita de não respeitar os deuses reconhecidos pelo Estado. Poderia enfim traduzir sòmente a idéia de que a morte é uma libertação.

5. Ateniense, no pensar de alguns, eginense, conforme outros, o fundador da Academia nasceu em 428 a. C., tendo recebido o nome de ARISTOCLES. Mais tarde a largura de sua fronte inteligente valeu-lhe o cognome, que ia ser imortal, de PLATÃO (16). Pelo lado paterno era descendente de CODRO, o último rei de Atenas, que se sacrificou pela pátria; e por sua mãe procedia do grande SÓLON, filósofo e legislador.

A poesia foi quem primeiro o seduziu, inspirando-lhe, entre outras obras, uma tragédia. Quando, porém, já iniciado aliás nas doutrinas de HERACLITO, o jovem poeta conheceu SÓCRATES, a êste se ligou definitivamente, como o discípulo mais fiel. Por ocasião do processo do seu mestre, procurou em vão defendê-lo; morto o grande filósofo, PLATÃO e outros discípulos retiraram-se para Mégara. Dai partiu, talvez para a Ásia Menor, Magna Grécia e Sicília. Vendido como escravo pelo tirano de Siracusa, Dionísio o Antigo, foi resgatado por amigos, voltou a Atenas e no aprazível jardim de Academos, às margens do Cefiso, fundou a famosa escola filosófica, a primeira propriamente da Grécia, e modelo de todas as outras, visto que o instituto pitagórico era mais uma comunidade religiosa. A fundação da Academia ocorreu entre 388 e 385.

Mais tarde fêz ainda PLATÃO várias viagens, falecendo já octogenário, em 347, mas sempre lúcido, surpreendido, como nos afirma CÍCERO, com o estilete na mão, na composição de suas obras.

---

(16) Do grego *platon*, largo.

6. Entre os filósofos antigos é PLATÃO aquêle de quem maior número possuímos de trabalhos completos. São geralmente diálogos, e o papel principal é representado por SÓCRATES. Enumeram-se 35 dêsses diálogos, mas apenas se podem garantir como absolutamente autênticos o *Banquete*, o *Timeu*, o *Górgias*, as *Leis*, o *Fedon*, o *Protágoras*, e ainda os dez livros da *República*.

Não forma a obra platônica um conjunto completo nem metódico: é antes uma coleção de monografias, mais ou menos relacionadas, e tôdas profundamente impregnadas do espírito socrático. Há, porém, grande diferença entre SÓCRATES e PLATÃO, pois aquêle só se preocupava com a moral, ao passo que o fundador da Academia tratou também de idéias gerais, do conjunto das coisas, de problemas de legislação e de política.

A doutrina de PLATÃO é uma síntese vigorosa das escolas ante-socráticas, máxime da jônica e da pitagórica, mas síntese original, porque, mesmo quando em seus diálogos fala SÓCRATES, é o pensamento platônico, a maneira pessoal do discípulo encarar a questão que aí se nos depara. Por isto é que FAGUET lhe chama ao mesmo tempo discípulo fidelíssimo e o mais infiel dos discípulos de SÓCRATES.

O mestre não construíra grandes sistemas, fôra um moralista e não um metafísico; o discípulo, embora sempre vise em tudo primeiramente a moral, é ainda um poeta, de ardente imaginação, um idealista construtor de sistemas, que procura resolver o problema das relações entre o *conceito* geral e os indivíduos por meio da famosa teoria das idéias.

7. PLATÃO distinguia na alma humana três faculdades: o apetite concupiscível, o apetite irascível e a razão ou inteligência. SÓCRATES distinguira apenas os sentidos e a razão. Cada uma das faculdades admi-



das por PLATÃO tem a séde própria e a sua virtude especial: o apetite concupiscível ou desejo (em grego *epithymia*) é a alma inferior, localizada, na região gástrica, e sua virtude é a temperança; o *apetite irascível* ou *coragem* (*thymós*) é a alma por assim dizer média, situada no coração, princípio das paixões nobres, e que tem por virtude a fôrça; enfim a *inteligência* ou *razão* (*nous*), alma superior e única imortal, residente na cabeça, é o princípio das ciências e das tendências superiores que levam o homem ao supremo Bem, pela prática da sabedoria. Bem se vê que são antes três almas distintas que propriamente três faculdades.

SÓCRATES explicava a origem de nossos conhecimentos pela experiência sensível corrigida pela razão, isto é pela inteligência que descobre os conceitos gerais graças aos objetos particulares que nos revelam os nossos sentidos. Para PLATÃO, que aliás admite a teoria socrática, a explicação dos conceitos gerais está em que, recebidas as percepções dos sentidos, acordam em nossa alma as idéias inatas até então adormecidas, idéias existentes em nosso espírito desde antes de sua união com o corpo. Para o fundador da Academia, as idéias são, não somente princípios de conhecimento, mas tipos eternos das coisas, causas exemplares de tudo quando existe. Assim um círculo só é círculo emquanto representa, ou porque representa e reproduz com maior ou menor exatidão o círculo absoluto, tipo eterno, de todos os círculos. ARISTÓTELES rirá mais tarde dêsses exageros de seu mestre.

Admitidas as idéias inatas, PLATÃO logicamente conclui que o conhecimento é uma como *reminiscência*: nós não *aprendemos* propriamente, *recordamos*. As coisas sensíveis, o mundo visível, são apenas uma sombra da realidade, do mundo invisível das idéias. No VII livro da *República* PLATÃO descreve em famosa ale-

goria, uma enorme caverna iluminada por um grande fogo e em que desde a infância vivem de costas para a luz, acorrentados e imóveis, míseros prisioneiros, que supõem serem realidades as sombras que ante êles perpassam. Na caverna do mundo em que vivemos, tais somos nós, prisioneiros dos sentidos e conhecendo apenas sombras da verdade.

8. A lógica platônica está tôda na *dialética das idéias*, isto é no método que eleva o homem, do conhecimento das coisas sensíveis, à contemplação das idéias e das verdades superiores. Tal é a *ascensão* ou *viagem dialética* de PLATÃO.

Como, porém, o filósofo identifica a virtude com a ciência, e o vício com a ignorância, segue-se que a lógica vem a confundir-se com a moral.

Quer no mundo visível ou sensível, quer no inteligível ou das idéias, PLATÃO distingue dois graus de conhecimento: o das coisas pelas suas imagens, ou o das coisas vistas em sua própria realidade. Assim, no mundo visível, podemos conhecer os corpos pelas suas sombras nágua, pelo desenho de suas linhas, ou vendo-os diretamente. No primeiro caso temos a *conjectura*, no segundo a crença. Também no mundo inteligível há o conhecimento raciocinado, o que se deduz por exemplo das definições matemáticas, e o conhecimento *intuitivo* das próprias idéias. Conjectura e crença são processos lógicos conducentes apenas à *opinião*, ou conhecimento vulgar e imperfeito, visto que os sentidos nos podem iludir. O conhecimento raciocinado constitui a *ciência*, cuja culminância é atingida graças ao processo intuitivo, em que as idéias conhecidas são a própria essência das coisas.

9. Assim como SÓCRATES, julgava PLATÃO que ninguém faz o mal voluntariamente. Partidário dêste de-



terminismo racional que identifica a virtude com a ciência do Bem, o grande idealista não distinguiu em sua psicologia a vontade como faculdade autônoma e não cogitou do problema do livre arbítrio. Reconhece entretanto o alto valor da educação, e a necessidade dos castigos, remédios enérgicos para as doenças da alma, quais para as do corpo o ferro e o fogo.

PLATÃO resume toda a sua moral no grande dever que tem o homem de ser semelhante à divindade, tanto quanto lhe é possível. A moral platônica é, no dizer de FAGUET, uma *Imitação de Deus*.

A justiça é a virtude máxima, ou melhor a resultante da harmonia de todas as virtudes hierarquizadas: é a saúde e perfeição da alma, quando o apetite concupiscível está sujeito ao irascível e este por sua vez submisso à razão.

O amor platônico é a consequência lógica de tais premissas: visto que para o homem a perfeição é imitar a Deus, e neste o amor consiste na contemplação da beleza pura, física e moral, sem mescla de imperfeição material, nem prazer inferior, dependente dos sentidos.

10. Aplicação à sociedade civil de suas teorias psicológicas e morais, a política de PLATÃO, qual vem exposta nos dez livros de República, é francamente aristocrática. É possível que a democracia ateniense, que condenara a SÓCRATES e afinal levara a pátria do filósofo às humilhações posteriores à guerra do Peloponeso, tivesse contribuído para dar a PLATÃO uma idéia pouco favorável do regime democrático; o fato é que ele julga a melhor forma social a em que governam os sábios, isto é os filósofos, aos quais estão sujeitos os guerreiros, que por sua vez dominam os operários e lavradores. Cada classe corresponde a uma das três faculdades da alma: os filósofos são a *razão*, que dirige; os

guerreiros são a alma média, (*thymós*); os operários e agricultores a alma inferior, que provê as necessidades físicas do corpo social. A perfeita hierarquia, a subordinação das três classes, é a *justiça social*, obedecendo todos aos filósofos, que governam: é a *aristocracia*. Quando dominam os ambiciosos, os guerreiros, é a *timocracia*. O governo entregue à última classe é a *democracia*.

Platão é um verdadeiro socialista: para êle o indivíduo existe em vista do Estado, e não êste em vista do indivíduo.

Ao Estado cabe educar os filhos dos cidadãos, e não à família. PLATÃO vai ao ponto de prègar a comunidade das esposas e dos filhos e a abolição da propriedade. Expulsa de sua república ideal os poetas e os artistas, só permitindo as músicas e as dansas guerreiras. Guerras, aliás, só as admite de defesa, não de conquista.

O mesmo PLATÃO parece ter compreendido o que há de exagerado na sua República, pois nas *Leis* apresenta idéias mais moderadas, um ideal político menos perfeito (segundo êle próprio), porém mais fácil de ser atingido.

11. Deus e o mundo são coeternos. Deus é a alma do cosmos, que êle *organizou* e não pròpriamente *criou*. O mundo é, além de eterno, o melhor possível; a dor e o mal derivam da imperfeição da matéria, são apenas deficiências.

Unidade harmoniosa de tôdas as essências, archetipo supremo de tôdas as idéias, Deus conhece o mundo e o rege com sabedoria. Vê-se que PLATÃO admite assim uma Providência.

Provas da existência de Deus são, além da necessidade de uma Idéia suprema, que seja o modelo de tôdas as idéias inferiores, ainda também o nosso amor da beleza imperfeita, que supõe um Belo abso-



luto, e as *finalidades* patentes em a natureza, mormente no homem.

Quanto à imortalidade da alma, PLATÃO não é bastante preciso em suas afirmações. Inclina-se porém visivelmente para a teoria de penas e recompensas futuras.

12. Aquêle a quem COMTE chamava o *Incomparável* nasceu em Estagira, colônia grega da Trácia, em 384 antes da era cristã. Nicômaco, seu pai, da ilustre estirpe dos ASCLEPIADES, que remontava a ESCULÁPIO, gozava da estima de Amintas, soberano da Macedônia.

Em 367 o Estagirita foi para Atenas e aí por um vintênio seguiu os cursos de PLATÃO. Chamavam-lhe os colegas o *ledor*; deu-lhe o qualificativo de *pensador* o próprio mestre. Após a morte de Platão em 347, ARISTÓTELES deixa a capital, e em Lesbos é que em 343 o vai encontrar o convite de Filipe, para que se incumba da educação do jovem ALEXANDRE. O futuro conquistador tinha então apenas 13 anos, e parece que o período de sua formação intelectual por ARISTÓTELES não excedeu um quinquênio, pois já em 338 êle comanda a ala esquerda combatente em Queroneia. Mas o discípulo conservou profundo reconhecimento ao mestre incomparável, e foi até dizer que, si a Filipe devia a própria vida, a ARISTÓTELES agradecia o saber viver.

Em 335 o filósofo volta a Atenas e abre escola, perto de um templo consagrado a Apolo, Liceu ou Lício (matador de lobos), em um ginásio que por isto se chamou *Liceu*. Aristóteles gostava de dar suas lições passeando, e não sentado, donde o nome de *peripatéticos* (do grego *peripatéticoi*), os que gostam de passear, que foi dado aos seus discípulos.

ALEXANDRE, em sua marcha triunfal através da Ásia, não esquecia o mestre, e de lá enviava não só

avultadas somas, como também amostras de animais raros, as constituições das várias cidades aonde ia chegando, tudo enfim quanto fôsse digno de estudo. Morto, porém, o grande guerreiro, Aristóteles, agora suspeito aos atenienses, que sonhavam libertar-se da hegemonia da Macedônia, foi obrigado a sair da Ática. Em Calcis, na ilha de Eubéia, faleceu êle em 322, um pouco antes de DEMÓSTENES. Deixara suas preciosas coleções e a direção da escola a Teofrasto, o seu melhor discípulo.

De estatura medíocre, magro, de voz fraca e olhos pequenos, ARISTÓTELES foi pouco favorecido fisicamente. Trajava, porém, com elegância e de seus discípulos exigia escrupuloso asseio.

13. Os numerosos manuscritos de Aristóteles foram legados por TEOFRASTO a certo NELEU, cujos herdeiros, ignorantes, os esconderam numa cava, onde a humanidade grandemente os danificou. Se dermos crédito a ESTRABÃO e PLUTARCO, teriam os preciosos escritos, mais tarde vendidos a um amador, caído nas mãos de Sila, após a queda de Atenas. Em Roma foram confiados ao gramático TIRANION, até que ANDRONICO de Rodes obteve permissão de tirar dêles uma cópia, que lhe serviu para a famosa edição das obras do Estagirita.

Tôda esta história é mais ou menos sujeita a dúvidas. Não é de crer que só existisse a coleção de Neleu. O certo é que os escritos do grande peripatético nos chegaram já alterados, após vicissitudes várias, e que muitos dêles se extraviaram e se perderam irremediavelmente. (17).

---

(17) Assim por exemplo as *Constituições*. Em 1891, no *British Museum*, descobriu-se em um papiro a *Constituição de Atenas*.



Conforme a classificação das ciências imaginada pelo próprio Aristóteles, podem-se distribuir do seguinte modo os seus escritos:

a) obras especulativas: a *Física*, o *Tratado das Plantas*, a *História dos Animais*, o *Tratado da Alma* ou *Psicologia* (completado por uma série de monografias que os Escolásticos chamaram *Parva Naturália*; e que tratam da *Sensação*, da *Memória*, do *Sexo* e da *Vigília*, dos *Sonhos* e da *Divinação*, da *Longevidade* e da *Brevidade da Vida*, da *Juventude* e da *Velhice*, da *Vida e da Morte* e enfim a *Metafísica*, assim denominada por ter sido colocada “depois da física.”

b) obras práticas: a *Política*, a *Economia* e a *Ética* ou *Moral* a *Nicômaco*.

c) obras poéticas: a *Poética*, a *Retórica* e a *Lógica*, a qual abrange: as *Categorias*, a *Hermenéia* ou *Interpretação* da Proposição), os *Primeiros Analíticos* (do Silogismo) os *Segundos Analíticos* (da Demonstração), os *Tópicos* (da Dialética) e os *Argumentos dos Sofistas*. O conjunto destes tratados de Lógica é conhecido pelo nome de *Órganon*.

14. Aristóteles admite quatro princípios, ou causas, que explicam os seres: a *causa material* ou matéria, isto é o elemento indeterminado de que consta cada coisa existente; a *causa formal*, ou aquilo que determina a matéria a ser tal ou tal coisa; a *causa eficiente*, ou o agente que faz o objeto; a *causa final* ou aquilo em vista de que qualquer coisa é feita. As duas primeiras são causas intrínsecas ou constitutivas do ser; as duas últimas são extrínsecas ou produtoras. Exemplifiquemos: a causa material de um leito é a madeira de que ele é feito; a causa formal é o arranjo das diversas peças que a compõem, de sorte que o conjunto é uma cama e não outro móvel qualquer; a causa eficiente é

o marceneiro que o fêz; a causa final é o descanso ou repouso, razão de ser dos leitos e camas em geral.

Como se vê, a matéria, antes de receber a forma, é pura virtualidade ou receptividade: está em *potência*; recebida a forma, fica em *ato*. A passagem da potência ao ato é o *movimento*: o *substancial*, que é a *geração*; o *quantitativo*, isto é o *aumento* ou a *diminuição*; o *qualitativo*, ou *alteração* e o *espacial* ou *translação*.

Como o nada não pode ser movido, não há própria-mente *criação*; a matéria é eterna, como eterno é Deus, ato puro, motor imóvel de todos os seres, em quem não há potencialidade nenhuma, porque é a perfeição suprema. Aristóteles define Deus pela mais alta forma da vida, que é o pensamento: o Ser Supremo pensa-se a si próprio e, absorto na contemplação de sua perfeição infinita, goza inefável felicidade e não conhece o mundo, indigno objeto êste do pensar divino. Deus é portanto o “Pensamento do Pensamento”, organizador e não criador da matéria eterna, para o qual aliás tende o universo como para uma *causa final*. Não há portanto Providência: Deus exerce sua atração sôbre o universo espiritual e corpóreo sem o saber e sem o querer, da mesma sorte que o belo e o bem nos atraem a nós sem que o saibam nem queiram.

A natureza tôda aspira pensar, e todo o ser aspira, e todo o ser pensante gravita, sem jamais atingir, na direção do “primeiro Inteligível”, de “Pensamento Puro”, que é Deus.

15. Para o filósofo estagirita o homem é composto de corpo e alma. A alma é a forma substancial que determina em nós a matéria, e dá-nos a vida e unidade. Aristóteles distingue três graus na alma: a *alma vegetativa*, princípio vital das plantas; a *alma sensitiva*, princípio das operações sensitivas dos animais; a *alma intelectual* ou *racional*, própria do homem e princípio



das operações intelectuais. As formas superiores incluem, e em grau eminente, as propriedades das formas inferiores.

Pomo-nos em relação com o mundo que nos cerca por meio da *sensação*. Esta é que nos permite adquirir idéias. Mas fôra erro supor que o papel da alma na sensação é puramente passivo: de fato ela reage à excitação exterior e assim a sensação é “ato comum do objeto sentido e do sujeito sensível”. Há cinco sentidos: o *tato*, que é o fundamental, raiz de todos os outros; o *paladar*, como que um tato mais apurado; o *olfato*, que permite ao ser vivo discernir os alimentos a distância; a *audição*, graças à qual é possível a comunicação do pensamento pela palavra; e enfim a *visão*, o sentido mais elevado e mais próximo da inteligência pura. Para unificar tôdas as sensações vindas pelos diversos sentidos é mister admitir um *senso comum*, do qual nasce a *imaginação*, que forma as *imagens* dos objetos. Estas conservam-se, reproduzem-se e são por nós reconhecidas, graças à *memória*, a qual, exercida sob a influência da vontade, se chama *reminiscência*; nunca, porém, age arbitrariamente: as imagens sempre se associam em ordem regular, e por isto, quando queremos recordar um verso, repetimos as primeiras palavras.

Chegamos enfim ao limiar da inteligência. Ligada intimamente aos sentidos, é verdade que “nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu”; mas a inteligência é que descobre o universal que existe oculto sob as representações particulares ou acidentais das coisas, reveladas pelos sentimentos. A imagem é portanto a matéria de que a inteligência extrai o universal. Não se limita, porém, a inteligência a abstrair e generalizar: sobe até ao conhecimento dos princípios superiores que regem as coisas.

Sacudindo o jugo do determinismo psicológico de Sócrates e Platão, admite Aristóteles a liberdade ou livre arbítrio. A vontade, *apetite racional*, embora tenha necessariamente para a felicidade, pode optar por este ou aquêlê bem particular que se lhe afigure conducente ao supremo bem. Mas cumpre atender à influência das paixões.

Difícil é apurar o pensamento exato do filósofo quanto à immortalidade. O *intelecto ativo*, que percebe o universal, é distinto e separado do corpo; só êle pode aspirar à glória do seu imortal. Neste caso seria não propriamente uma immortalidade pessoal, mas antes impessoal, à maneira da dos panteístas.

16. Esta é porventura a glória maior do Estagirita: a sistematização da Lógica, de que foi, por assim dizer, o fundador. Depois dêle quase nada foi acrescentado à teoria do raciocínio dedutivo. No século XVI FRANCISCO BACON, em seu *Novum Organum*, estabeleceu as regras definitivas da indução científica e fundou, juntamente com DESCARTES, a filosofia moderna. Mas quanto à teoria da dedução, e em especial do silogismo, ninguém jamais ultrapassou o autor de *Organon*.

Impossível é aqui dar idéia completa da obra lógica de Aristóteles: seria mister quase reproduzir um compêndio dessa disciplina. Lembraremos apenas a famosa classificação das *categorias*. Dá o filósofo êste nome àquelas idéias gerais e irreduzíveis, às quais tôdas as outras se podem reduzir. São ao todo dez: *Substância, qualidade, quantidade, relação, ação, passividade, tempo, lugar, situação e maneira do ser ou hábito*. (18).

---

(18) Note-se que elas se seguem em ordem decrescente de importância. Só a primeira deve formar o objeto direto, poder-se-ia dizer único, de nossos estudos, porque só ela possui reali-



17. A moral aristotélica identifica a suprema felicidade com o bem supremo, que para o homem consiste no gozo de suas faculdades devidamente subordinadas, de sorte que o prazer mais alto é o exercício da mais nobre: a contemplação do inteligível, a contemplação do Pensamento pelo pensamento. Vê-se aí a influência de Platão. Mas Aristóteles admite como condições da felicidade a *saúde*, a *fortuna* e a *reputação*.

O homem é livre e portanto agente responsável de suas ações. A virtude é um hábito, e consiste num meio termo entre extremos opostos, quer por excesso, quer por deficiência. A família é um grupo natural e o homem é destinado a viver em sociedade: é um animal *social* ou *político* (*Zoón politicón*). A mulher é inferior ao homem, mas é verdadeiramente uma pessoa, pois tem o uso da razão e goza de direitos naturais. Aristóteles rejeita o comunismo platônico, mas admite a escravidão. O casamento deve começar, para a mulher, aos 18 anos, e para o homem aos 37. O número de filhos pode ser fixado pelo Estado. A educação das crianças será feita em casa, devendo-se evitar que vejam quadros, representações ou quaisquer cenas imorais. Aos 7 anos entrarão para a escola. O homem completo é o *cidadão*. O Estado deve trabalhar por tornar felizes os homens, aplicando a justiça *comutativa* e *distributiva*: esta consiste numa proporção aritmética. A justiça comutativa concerne as relações

---

dade própria; as seguintes interessam-nos apenas em a medida que dela se aproximam; as outras quase não merecem fixar nossa atenção, pelo que são completamente omitidas em vários passos da *Metafísica*. Aristóteles aliás parece ligar pouca importância à determinação precisa das formas do ser: ela só se lhe afigura uma introdução necessária à pesquisa dos *primeiros princípios*. ALFARIC, *Aristote*, p. 13-14.

ou transações entre simples particulares, e cada um deve receber tanto quanto dá: ( $a = b$ ). A justiça distributiva refere-se ao modo por que o Estado deve distribuir os cargos e as dignidades entre os cidadãos, proporcionalmente aos méritos de cada um. Se A e B são pessoas e c e d as distinções concedidas, podemos ter:

$$\frac{A}{B} = \frac{c}{d}$$

Tendo estudado 148 constituições de várias

cidades do seu tempo, Aristóteles conclui que o melhor governo é uma república moderada, em que domina a classe média.

18. A influência aristotélica atingiu durante a Idade Média as proporções de um verdadeiro culto: a palavra do filósofo era quase um dogma. Explica-se essa prodigiosa ascendência, não só pelo real valor e pasmosa extensão dos conhecimentos científicos do Estagirita, mas ainda pela sua clareza de exposição, pelo seu método e até mesmo pelo seu tom dogmático, de afirmativas quase sempre categóricas, sem as metáforas e alegorias platônicas ou os rodeios e ironias socráticas.

Aristóteles é um tipo de sábio, amante da observação, das demonstrações rigorosas, da linguagem precisa e concisa. PLATÃO é um poeta de imaginação ardente, que prefere a forma literária do diálogo para expor suas idéias.

Em lógica, em moral e em política é incontestável a superioridade de Aristóteles, que reconhece a existência do livre arbítrio e evita os exageros da *República*. Do século XIV em diante a influência aristotélica diminuiu, deixou de ser exclusiva e tirânica e passou a sofrer críticas não raro demasiadamente rigorosas. Ainda assim é, hoje mesmo, extraordinária. E fôra difícil resolver qual mais admirável, se o divino PLATÃO ou o incomparável ARISTÓTELES.



## IV

### OS PEQUENOS SOCRÁTICOS E AS ESCOLAS POSTARISTOTÉLICAS

1. Alguns dos discípulos de Sócrates foram simples amadores, não propriamente filósofos; tais por exemplo, EURÍPIDES, ALCIBIADES e o próprio XENOFONTE, o herói da retirada dos Dez Mil, autor de uma *Apologia de Sócrates* e de outros vários trabalhos em que expõe, com fidelidade, mas sem grande brilho, e sem as aprofundar, as idéias do mestre. Outros, porém, desenvolvendo os princípios socráticos em diversos sentidos, afastam-se mais ou menos d'ele e fundam escolas. Além de Platão e Aristóteles, os dois grandes gênios já estudados no capítulo anterior, cumpre citar os filósofos que, embora filiados a Sócrates, tomaram direções diferentes e não raro opostas à do ilustre pensador ateniense. São os chamados *pequenos Socráticos*.

2. A escola megárica tornou-se famosa pelas suas tendências dialéticas e sofísticas, e daí chamaram-lhe erística ou "disputadora". Fundou-a EUCLIDES, de Mégara, nascido em 440 a. C. e que se não deve confundir com o célebre geômetra grego que por volta de 320 ensinou geometria na corte de Ptolomeu, filho de Lagos, em Alexandria. Euclides de Mégara foi discípulo de PARMÊNIDE e para ouvir as lições de Sócrates disfarçou-se de mulher e entrou em Atenas, apesar da lei que punia de morte aos megarenses que ousassem ir à capital da Ática. Morto Sócrates, Euclides voltou para

Mégara e aí abriu a sua escola, em que tentou conciliar a doutrina socrática e o eleatismo.

Alguns dos sofismas da escola ficaram célebres, tal o do *Calvo*, ou o do *Mentiroso*. (19).

3. A orientação da escola de Cirena foi francamente hedonista: para ARISTIPO e seus discípulos o supremo bem era o prazer. O fundador da escola floresceu por volta de 400 a. C. e esteve em Atenas, atraído pela fama de Sócrates. Sucedeu-lhe na direção da escola cirenáica sua filha ARETE. Um dos filósofos de Cirena, EVÊMERO, inventou a teoria de que os deuses são apenas os grandes homens, reis ou heróis divinizados. Outro, HEGESIAS, que viveu por volta de 300 a. C., prê-gou a singular doutrina de que o sumo bem para o homem está no suicídio, pois a soma dos males existentes na vida excede a dos bens. Vários discípulos aplicaram a perigosa teoria e Ptolomeu mandou fechar a escola e exilar o sombrio pensador, que aliás preferiu, ao que parece, ir continuando a viver.

4. Os cínicos (20) orientaram-se em sentido oposto ao de Aristipo. O fundador da escola foi ANTÍSTENES, ateniense, nascido em 420 mais ou menos, e a princípio discípulo de Gorgias. Sócrates causou-lhe tal impressão, que êle resolveu daí por diante imitá-lo no desprezo da riqueza e na prática das virtudes. Exagerou, porém, as doutrinas socráticas, até o extremo do absurdo. Alguns dos seus discípulos, como o fa-

---

(19) Quem tira um cabelo a alguém não o torna calvo; logo tirados dez mil cabelos um por um, não faremos ninguém encalvecer. O mentiroso que se acusa de mentira, mente? Se mente, não é mentiroso; se não mente, é mentiroso.

(20) De Cinosargos, ginásio onde ANTÍSTENES ensinava, e não provavelmente de (*Kuon*) cão.



moso DIÓGENES de Sinope, ainda mais longe levaram o exagêro.

Vivia num tonel, andava em pleno dia de lanterna acesa à procura de um homem, e do próprio Alexandre zombou, dizendo que saísse do sol, pois lhe estava fazendo sombra.

5. A doutrina platônica foi conservada e continuada na *antiga Academia* por ESPEUSIPO e XENÓCRATES; mas os exageros idealistas levam-na pouco a pouco a uma retrogradação para a escola pitagórica. A *média Academia*, cujo representante é ARCÉSILA, interpretando ao pé da letra o dito socrático "Tudo que sei é que nada sei", descaiu no cepticismo, sob a forma de um probabilismo ético. Arcésila (315-240) argumentava contra o estoicismo opondo-lhe às afirmações categóricas os erros de nossos sentidos.

CARNÉADE (215-130) de Cirene foi o fundador da *Terceira ou Nova Academia*. Não dizia como Arcésila, que a verdade não existe; achava, porém, que o homem não a pode atingir, devendo contentar-se com a probabilidade. Deputado pelos Atenienses, foi a Roma, onde com tal eloquência falou pró e contra a justiça, que Catão achou conveniente banirem da cidade sofista assim perigoso.

6. Aristóteles deixou na direção do Liceu a TEOFRASTO, lésbio de origem, que ainda jovem fôra para Atenas, seguira o curso de Platão e depois o do Estagírita. Chamava-se TIRTANO, mas tal era o encanto de sua palavra que o cognominaram o "divino discursador" ou "aquêle que fala divinamente:" TEOFRASTO, único nome por que é hoje conhecido. Naturalista, botânico, autor de mais de 200 tratados, quase todos perdidos, compôs ainda uma admirável coleção de *Caracteres*, que serviu de modelo a LA BRUYÈRE.

Teofrasto, nascido em 371 a. C., morreu quase centenário.

7. O primeiro céptico famoso, contemporâneo de Aristóteles e amigo de Alexandre, a quem acompanhou na expedição à Índia, foi PIRRO, natural de Élide, no Peloponeso (370 a. C.). Impressionaram-no, pela sua impassibilidade, os ginosofistas indianos; e de volta à Grecia, fundou a escola céptica, assente no princípio da indiferença universal, e que procurou demonstrar que a *ataraxia* ou tranqüilidade do espírito é a condição da felicidade. Os cépticos pretendiam que nada é certo, sendo sempre possível a uma afirmação opor outra afirmação contrária. O filósofo deve abster-se de qualquer jûizo, e limitar-se apenas a um exame (*scepsis*, d'onde *sceptico*) das várias doutrinas, afim de evitar as opiniões extremas, igualmente falsas.

Céptico de renome foi ainda ENESIDEMO, natural de Creta e que teve escola em Alexandria no princípio da era vulgar. Criticou a noção de causalidade, e foi em vários pontos como um precursor do Kantismo.

No século II AGRIPA reduziu a cinco os motivos de dúvida: o círculo vicioso, a contradição, a hipótese, o *regressus in infinitum* e a relatividade.

SEXTO EMPÍRICO (II-III sec.) é o último dos cépticos. Em sua obra encontra-se a mais completa e radical exposição do cepticismo. Escreveu várias obras, de que nos chegaram *Hypotyposes pyrrhonicas* e *Contra os Matemáticos*; nesta última ataca a própria aritmética e a geometria. FAGUET compara-lhe a crítica, até certo ponto, à de POINCARÉ.

8. EPICURO (342-270) nasceu em Gargetos, burgo ateniense, mas passou a infância em Samos. Veiu-lhe aos 14 anos a vocação filosófica, ao ler a cosmogonia de HESÍODO. Se tudo provinha do Cáos, o próprio



Cáos de onde teria provindo? As respostas do mestre não satisfizeram a curiosidade do jovem, que desde então principiou a refletir nos grandes problemas metafísicos.

Em 308 fixou-se em Atenas, onde abriu uma escola, que dirigiu até à morte. De pasmosa fecundidade, escreveu mais de 300 trabalhos, de que só nos restam fragmentos em citações de autores gregos. O que dêle sabemos é devido a DIÓGENES, LAÉRCIO, CÍCERO e sobretudo LUCRÉCIO. Simples, sóbrio, meigo e paciente, amicíssimo de seus amigos, Epicuro foi tido em alta conta por seus contemporâneos, e estimadíssimo por seus discípulos. Mais tarde Lucrécio não hesitou em chamá-lo deus; "*Deus ille fuit, deus*" (*De nat. rer.* V., 1 sqq.).

9. Epicuro é um materialista completo: a matéria é a seu ver o princípio único de tôdas as coisas, inclusive da própria alma humana, composta de átomos sutis. Os átomos são eternos, increados e imperecíveis, e, contrariamente ao que afirmara DEMÔCRITO, gozam da faculdade de desviar a vertical. Êste movimento espontâneo dos átomos permite-lhes realizar as mais variadas combinações. CÍCERO critica esta idéia de Epicuro e acha que o *clinamen*, isto é, esta declinação atômica, é uma "ficção arbitrária", e uma "invenção pueril". Por ela introduz-se o acaso no seio das coisas; não há plano nem finalidade no mundo.

Epicuro admite a existência dos deuses, que vivem em suprema ventura nos intermúndios, sem se preocuparem conosco, em perfeita ataraxia. Nós também não devemos nem temê-los, nem cultuá-los. Após a morte nada há que recear, pois a alma não é imortal; ter medo da morte, quando ela ainda não chegou, é absurdo. Livre do pavor da morte e das penas do Tártaro, o homem pode ser perfeitamente feliz.

10. A lógica epicurista é chamada *canônica*, porque consta de regras práticas ou *cânones*.

Epicuro admite três critérios da verdade ou antes três fontes de conhecimento: as *sensações*, as *antecipações*, e as *afeições*. Rigorosamente a primeira é a principal e quase única, pois “a idéia geral é apenas a lembrança, de muitas sensações semelhantes.”

Retomando a teoria das idéias-imagens de Demócrito, Epicuro acha que as imagens se formam em nós devido à radiação contínua de finíssimas moléculas partidas da superfície dos corpos.

A sensação é sempre verdadeira, e o critério único da verdade é mesmo a sensação atual em condições normais, pois a *antecipação* não é mais que a memória de um objeto exterior que se apresentou muitas vezes aos nossos sentidos: é como que um eco das sensações.

As *afeições* são duas: o prazer e a dor. São o critério da verdade na ordem prática; portanto interessam mais ainda à moral do que à lógica.

11. Para Epicuro não padece dúvida que o supremo bem é o prazer. A seus olhos isto é tão evidente como afirmar que o fogo é quente e a neve branca. Distingue, porém, os prazeres dos sentidos e os do espírito. Estes últimos são os mais completos e consistem na ausência de toda inquietação, na posse da tranquilidade, na *ataraxia* enfim.

Epicuro exalta a virtude, não como um fim, mas qual um *meio* de atingirmos o prazer. Recomenda a temperança, a coragem, a amizade e a justiça. Condena a ambição das riquezas, os cuidados da família, a preocupação política. Vê-se pois que o epicurismo era a princípio uma doutrina bem diversa do que veio depois a tornar-se, com METRODORO e outros discípulos, que fizeram da volúpia o fim supremo da existência



humana, desacreditando destarte o termo *epicurista*, que passou a ter o sentido pejorativo hoje vulgar.

A doutrina de Epicuro teve imensa voga na antiguidade. DIÓGENES LAÉRCIO afirma que as cidades não podiam já conter os discípulos do filósofo, e observa que “o encanto desta doutrina iguala a doçura das se-reias”. O atrativo do prazer era de fato, para a época, uma causa de grande êxito; outro motivo era que o epicurismo não exigia iniciação custosa, nem tinha segredo nem mistérios. Enfim o próprio prestígio pessoal de Epicuro muito influuiu para a difusão de sua doutrina.

12. O estoicismo foi uma reação contra a doutrina epicúria. Ao passo que os epicuristas colocavam o supremo bem no repouso e na tranqüilidade, os estóicos prégavam o esforço, a tensão do espírito. O fundador da escola foi ZENÃO de Cittium, um cipriota de origem fenícia (340-263), que fôra discípulo de CRATES, filósofo cínico, e freqüentara a escola megárica, o Liceu e a Academia. Compreende-se que Zenão havia de tender para uma síntese dessas várias doutrinas. O stoicismo é, de fato, um *ecletismo*.

Zenão abriu escola aos 40 anos de idade, em Atenas, no pórtico denominado Pecile. Da palavra *stoa*, que em grego quer dizer pórtico, veio o nome de *estóicos*, dado aos discípulos de Zenão. O filósofo professou por uns trinta anos. Coerente com a doutrina que ensinara, de que é legítimo em certos casos o suicídio, deu êle próprio o exemplo pondo termo à existência.

Citam-se como estóicos famosos CLEANTO e CRISIPO, êste cognominado *segundo fundador* do estoicismo. Veremos em Roma a florescência desta escola entre os latinos.

13. A física estóica é fundada nas idéias de HERACLITO, e vê no fogo o elemento principal de todos os sêres. Tudo é matéria no universo, inclusive a alma, apenas uma matéria mais sutil. Neste monismo materialista, Deus é a própria alma do mundo, princípio imanente, e consubstancial às coisas, não distinto nem transcendente. É um panteísmo radical. Nada é livre, nem se faz por acaso: tudo é predeterminado e succede por fatalidade inexorável.

O universo todo é como um grande organismo em que tudo se liga e se relaciona. Deus é a substância única. As combinações e transformações da matéria reproduzem-se indefinidamente na mesma ordem, num ciclo eterno de destruição e renovações. (*palingenesia periodica*).

14. Há em todos os sêres um princípio de atividade, cada vez mais complexo à medida que subimos do mineral até o homem. No mineral é a coesão; no vegetal, a fôrça germinativa; no animal, é a alma sensitiva; no homem enfim é a razão. A razão tem duas faculdades principais; o conhecimento e a ação.

O conhecimento origina-se da sensação: *nihil est in intellectu, quod non prius fuerit in sensu*. Da sensação resulta na alma a imagem do objeto. A alma reage, e esta reação voluntária é o *assentimento*. A *compreensão*, grau mais alto do conhecimento, nasce de uma impressão forte do objeto e de uma forte reação do espírito. Das diversas compreensões resulta enfim a *idéia geral*, e da coordenação das idéias gerais é que se forma a ciência. Zenão comparava a sensação à mão aberta, o assentimento à mão meio fechada, a compreensão à mão fechada, e a ciência à mão fechada e apertada com fôrça pela outra.

Como faculdade de ação, a razão compreende o *instinto*, a *vontade* e a *paixão*.



15. Para Zenão, assim como para os seus discípulos, o bem supremo, ou antes o bem único é a virtude. Este é um ponto em que a doutrina (que aliás variou bastante e evoluiu em vários outros) jamais se desmentiu através dos tempos.

Mas em que consiste a virtude? Segundo a fórmula predileta da escola, em viver conformemente à natureza: *Naturam sequi*. Isto, porém, não se deve interpretar no sentido de dar satisfação aos instintos, mas sim no de proceder de acôrdo com a razão, que é o que essencialmente distingue o homem. Deve em todos os atos humanos reinar a mesma harmonia que se nos depara no cosmos. Cumpre que nos sujeitemos às leis que regem o universo, compreendendo e aceitando a ordem que elas revelam, à qual, aliás, se nos não submetemos voluntariamente, havemos de obedecer mau grado nosso.

*Abstine et sustine*: abstem-te e suporta, tal é a máxima favorita dos estóicos. Abstem-te do mal, que é o vício, e suporta sem queixas a dor e a adversidade.

As paixões, enfermidades da alma, são obstáculos à virtude; cumpre estirpá-las. A impassibilidade torna o homem livre, feliz, semelhante à própria divindade.

A virtude deve ser praticada por si mesma, sem idéia de recompensa. É una e indivizível, nem há graus entre ela e o vício. Quem não é sábio, é louco. Tôdas as faltas são execráveis, não há crimes pequenos, nem delitos leves.

Mais tarde a experiência mostrou o absurdo dêstes paradoxos e o rigor primitivo foi um tanto adoçado.

É título de glória do estoicismo o haver afirmado a grande fraternidade humana, condenando enèrgicamente a escravidão.

## V

### ROMA E O CRISTIANISMO

1. O povo romano, um dos representantes daquela antiguidade a que qualificamos de *clássica*, sofreu a poderosa influência grega nas letras, nas artes, na própria filosofia. Imitando modelos gregos, chegou a literatura latina a produzir obras apreciáveis, sem todavia atingir o mesmo nível dos grandes poetas da Grécia. Inegavelmente a maior contribuição dos romanos foi no terreno jurídico. Ainda hoje nas faculdades dos países mais cultos o direito romano é estudado como disciplina das mais importantes. Além do direito, ainda o latim representa em nossos dias uma herança preciosa de Roma: é a língua oficial da Igreja Católica e aquela em que estão feitas as classificações científicas mais célebres de plantas e animais. No terreno filosófico a inferioridade romana em relação à Grécia é evidente e incontestada. Não tiveram nenhum sistema filosófico próprio, original, mas tão somente traduziram, comentaram e vulgarizaram as idéias dos grandes pensadores gregos. Ainda assim alguns nomes são dignos de rápida menção: CÍCERO, o mais ilustre, SÊNECA, EPICURETO e MARCO AURÉLIO, podendo-se acrescentar a estes nomes o de LUCRÉCIO.

2. MARCO TÚLIO CÍCERO nasceu em Arpino, cidade dos Volscos, no ano 106 e morreu em 43 a. C.. Grande orador, advogado e político, escritor de rara elegância, não se pode dizer que tenha sido propriamente um filósofo.



As obras que escreveu, *De natura deorum*, *De legibus*, *De República*, *De fato*, *De officiis* e *De finibus bonorum et malorum*, *De amicitia*, *De senectute*, entre outras, ocupam-se na verdade de questões de natureza filosófica, mas nelas não há senão idéias tiradas das várias escolas gregas, salvo a de Epicuro, cujo sistema foi por êle de todo rejeitado. Vê-se que as suas preferências eram em geral para a Nova Academia. Cícero admittia a existência de Deus, a espiritualidade da alma, a liberdade humana, a vida futura, a imortalidade e a Providência. O mérito principal da obra ciceroniana está na refutação do epicurismo, que de certo modo contrabalança a influência do poema de Lucrécio, *De natura rerum*. Cícero não deixou nenhum discípulo; mas devemos reconhecer que tem o seu lugar na história da filosofia.

3. LUCRÉCIO (95-52) também não foi um filósofo, e sim um poeta; mas expôs, desenvolvendo-as em belos versos, as idéias de Epicuro. O poema tem por fim livrar os homens do medo da morte e do temor dos deuses. Em um dos seus seis livros a origem do mundo é descrita em sentido evolucionista. O epicurismo em Roma exerceu grande influência, como verificamos em HORÁCIO. CESAR e PLÍNIO o JOVEM também se ligaram à corrente epicurista.

SÊNECA (2-66 da era cristã) nasceu em Córdoba, na Espanha. Foi mestre de Nero, que mais tarde o condenou a morrer abrindo as próprias veias durante o banho. Além de outras obras de caráter literário, compôs muitos pequenos tratados de assunto filosófico: *De clementia*, *De vita beata*, *De tranquillitate animi*, etc. Poder-se-ia resumir a doutrina de Sêneca dizendo que é um estoicismo conciliador e indulgente. Nem sempre infelizmente a vida do pensador esteve à altura da elevação de suas idéias.

Foram representantes do estoicismo em Roma EPICTETO e MARCO AURÉLIO, aquêle escravo nascido na Frígia e que viveu no primeiro e no segundo século da era cristã; o último imperador da dinastia dos Antoninos. Epicteto foi escravo de Epafrodite, guarda particular de Nero. Ignora-se o seu verdadeiro nome e a data de sua morte (*Epicteto*, apelido pelo qual ficou célebre, quer dizer o *escravo*). A sua filosofia moral resume-se em fórmulas concisas: “Abstem-te e sofre”. “Queres que os teus desejos sempre se realizem? Deseja sòmente o que depende de ti”. Foi um dos discípulos, ARRIANO, quem lhe resumiu a doutrina em um manual, do qual já se disse ser digno de um cristão. Em rigor não é exato: falta-lhe a doçura da caridade.

MARCO AURÉLIO deixou-nos um livro intitulado *Pensamentos*, escrito em grego e de grande elevação moral. Imperador, ocupou o trono de 161 a 180. Foi um reinado em que houve lutas nas fronteiras, motivadas principalmente por velhas questões que vinham do tempo de Trajano. No interior manteve boas relações com o senado e fiscalizou cuidadosamente a administração dos dinheiros públicos. Mas os cristãos foram perseguidos e entre as vítimas merecem lembrança São Justino, apologista, em Roma, e Santa Blandina, cruelmente martirizada em Lião. O êrro maior de Marco Aurélio foi deixar o trono ao seu indigno filho Cômodo. Eis alguns dos pensamentos do imperador filósofo:

“A melhor forma de vingança é não nos parecermos com quem nos ofendeu”. “É ridículo que não fujas dos teus próprios vícios, o que é possível, e que fujas dos vícios dos outros, o que é impossível”. “Se não é honesto, não o faças; se não é verdade, não o digas”.

5. Como vemos, os romanos não criaram nenhuma escola filosófica original e limitaram-se a continuar as principais correntes que vinham do mundo grego. Com



o advento do cristianismo ia, porém, modificar-se em sua própria essência tôda a civilização antiga. Perseguido nos três primeiros séculos, desde Nero até Diocleciano, ora com mais, ora com menos violência, só em 313, com o edito de Milão, obteve, graças a Constantino, a' liberdade de culto. Ainda sofreu depois a odiosa perseguição incruenta de Juliano o Apóstata. Afinal com Teodósio Magno a religião cristã foi reconhecida oficialmente (381).

Desde os primeiros séculos foi necessário defender a doutrina evangélica, ora contra os pagãos, ora contra os hereges, isto é os cristãos que sustentavam opiniões contrárias ao ensino da Igreja. Assim, por exemplo, os *gnósticos*, pretendendo conciliar a filosofia pagã com o cristianismo, caíram em vários erros. O gnosticismo foi atacado principalmente por SANTO IRINEU, martirizado em 202 e por S.CLEMENTE de Alexandria (morto em 215). O arianismo foi outra grande heresia dos primeiros séculos. O principal defensor da ortodoxia foi SANTO ATANÁSIO (295-373), diácono e mais tarde bispo de Alexandria, cidade onde vivia ARIU, o sacerdote que ensinava uma doutrina herética, na qual negava a divindade de Jesus-Cristo. O concílio de Nicéia, em 325, condenou a doutrina ariana e firmou os pontos fundamentais do ensino cristão (símbolo de Nicéia). Foi êste o primeiro concílio ecumênico ou geral, da Igreja Católica.

Entre os apologistas, isto é defensores do Cristianismo contra os seus adversários no terreno filosófico, devemos citar TERTULIANO, nascido em Cartago, por volta do ano 155, escritor vigoroso, até veemente, e que mais tarde caiu na heresia dos montanistas. (O autor desta heresia era um frígio chamado MONTANO, que, por volta de 172, se pôs a ensinar que depois da revelação do Cristo, devia vir a revelação do Paráclito, pa-

ra completá-la). Outros apologistas notáveis foram S. CIPRIANO, ARNÓBIO e LACTÂNCIO. Os grandes nomes de S. JERÔNIMO, de SANTO AMBRÓSIO e de SANTO AGOSTINHO dominam as letras cristãs no IV para V século. Trataremos particularmente do último mais adiante.

6. Alexandre pressentiu o que poderia ser a união do Ocidente e do Oriente e assim (escreve ROBERT COHEN) estava três séculos adiantado em relação à sua época. Não souberam os seus sucessores conservar a unidade do império por êle fundado, mas pelo menos transmitiram o legado da civilização helênica. As idéias gregas, as ciências, letras e artes, enfim a cultura da Grécia, em contato com o mundo oriental, combinando-se com a cultura de vários povos, deu em resultado o que chamamos *civilização helenística*. Seria mais exato dizer no plural *civilizações helenísticas*. Embora haja certas semelhanças aparentes nos cultos, na arte, na própria linguagem das classes ilustradas, não há, no III e II século, unidade no mundo helenístico. Atenas, Pérgamo, Alexandria têm as suas fisionomias próprias. Atenas continua a ser o centro do movimento filosófico. Estóicos, epicuristas, cépticos abriram novas escolas. Mas Alexandria, no Egito, é também um grande centro intelectual. Os Ptolomeus esforçaram-se por fazer dela uma nova Atenas. O Museu torna-se de simples templo das Musas uma espécie de universidade, onde os que ensinam são isentos de impostos e têm casa e comida: “um internato para homens de letras” (COHEN). Ao Museu está anexa a primeira biblioteca digna dêste nome: no tempo de Ptolomeu IV continha mais de quatrocentos mil rôlos, cada qual com um capítulo de obras e cêrca de noventa mil com um ou vários livros completos.



Pode-se dizer que a escola de Alexandria é a derradeira escola filosófica do espírito grego. Data dos fins do segundo século da era cristã e veio a ser afinal um centro de confluência das antigas correntes estóicas, peripatéticas e principalmente platônicas, e daí o nome de escola neoplatônica. Podemos distinguir três fases em sua história: fundada por AMONIO SACAS (177-243), definitivamente se organizou com PLOTINO (205-270), seu discípulo e o mais ilustre representante desta corrente. Na segunda fase a escola torna-se hostil ao cristianismo com PORFÍRIO, JÂMBLICO e JULIANO O APOSTATA. Enfim, transportando-se para Atenas, com PRO-CLO, (412-485) não pôde resistir por muito tempo diante da filosofia cristã. Em 529 um edito de Justiniano determinou o fechamento da escola filosófica de Atenas. Esta data assinala o fim do paganismo na história da filosofia.

7. “Não foi o CRISTO fundador de uma escola filosófica e sim de uma religião sobrenatural. Trazendo ao mundo verdades desconhecidas, acima do alcance da razão, o cristianismo confirmou e depurou as grandes verdades metafísicas que o espírito humano, entregue aos seus próprios recursos, é por si capaz de demonstrar, mas a respeito das quais os mais pujantes pensadores da antiguidade haviam não raro hesitado. Tais a unidade a transcendência de Deus, a sua personalidade, a criação, a Providência, a finalidade do universo, a distinção da alma e do corpo, e a imortalidade pessoal. Lógico era portanto que uma filosofia nova, a filosofia espiritualista e cristã, resultasse pouco a pouco do ensino dos Padres e Doutores da Igreja. Era no entanto esta filosofia uma arma a serviço das verdades reveladas. Utilizam-na os Padres da Igreja conforme as necessidades e as circunstâncias do momento, para

afastar do dogma qualquer mescla com as heresias judaicas e pagãs. Eis porque não se deve buscar-lhes nas obras uma síntese bem coordenada, como mais tarde nos Escolásticos. As questões filosóficas aí se encontram apenas em segundo plano e no estado fragmentário. Herdeiros da tradição clássica, aproveitaram-se os Padres dos trabalhos dos filósofos pagãos, de modo notável dos Neoplatônicos, de Aristóteles e de Platão. Se novo é muitas vezes o fundo que trazem, permanece antiga a forma, ou melhor a forma do pensamento.” (SORTAIS, *Histoire de la Philosophie Ancienne*, p. 89).

Com razão escreveu um crítico: “Tôdas as religiões são filosofias”. E acrescentou com ironia sutil: “São mesmo as mais completas”. Realmente, se a filosofia é um esforço da razão perquirindo os grandes problemas do ser, das origens e da finalidade do universo e do homem, há em tôdas as religiões respostas mais ou menos lógicas, mais ou menos absurdas, para êsses problemas. Se admitirmos que o Cristianismo não é *uma* religião, mas *a* religião, daí decorrerá inelutavelmente não *uma* filosofia, mas *a* filosofia. Em qualquer hipótese, para crentes ou descrentes, a obra apologética, isto é dos que desde os primeiros tempos da Igreja procuraram mostrar que não há incompatibilidade entre a razão e a fé, entre a ciência e o dogma, interessa à História da Filosofia. Eis porque os Padres da Igreja, Latinos ou Gregos, merecem referência. Daqueles já citámos alguns nomes; dos últimos, lembraremos S. JUSTINO (100-168), filósofo platônico antes da conversão, e que morreu mártir na perseguição de Marco Aurélio; e SANTO IRINEU, bispo de Lião, nas Gálias, que escreveu uma *Refutação da falsa ciência*, tendo morrido mártir no princípio do século III. Mostram-se quase sempre favoráveis à filosofia, reconhecendo-lhe a



possibilidade de preparar o espírito para as grandes verdades cristãs. Mas sem dúvida o grande vulto que domina todos os outros e pode ser considerado um genuíno filósofo é SANTO AGOSTINHO.

9. Nascido em Tagasta, na Numídia, ao norte da África, AGOSTINHO (354-430) foi educado na religião cristã por sua mãe, Mônica. O pai era pagão e exercia as funções de decurião romano, cargo que, na opinião de SCHNÜRER, se poderia comparar ao de conselheiro municipal. O filho de Mônica e Patrício não tardou em se deixar levar pelas paixões próprias da mocidade. Os erros do Maniqueísmo, o ceticismo da Nova Academia e as doutrinas platônicas sucessivamente exerceram grande influência em seu espírito. Professor de retórica, a sua palavra provocou aplausos em Cartago, em Roma e em Milão. Aí, nesta última cidade, sofreu a poderosa influência do bispo SANTO AMBRÓSIO, cuja dignidade apostólica, sólida cultura e pregação eficaz levaram Agostinho a converter-se. Santo Ambrósio entre outros trabalhos escreveu um *De Officiis Ministrorum*, de inspiração ciceroniana, mas adaptada à moral cristã. A conversão de Santo Agostinho resultou simultaneamente das lágrimas de Santa Mônica e dos exemplos de Santo Ambrósio. Convertido, o futuro Santo Agostinho quis, como Ambrósio, conquistar para o Cristianismo aquele mundo romano, herdeiro de toda a cultura antiga. Recebeu o batismo com 33 anos e daí por diante se consagrou totalmente a combater os erros de sua época.

Ele próprio nos conta, num livro admirável — as *Confissões* — a história comovedora de sua vida até a morte de Mônica. Ainda hoje este livro pela sua beleza e pela finura da sua análise psicológica exerce grande influência e seduz a quem lhe percorra as páginas sinceras e quentes de vida. A conversão de Agostinho se

deu em condições dignas de registo. O princípio de Epicuro — “o prazer é o bem supremo do homem” — já não lhe parecia satisfatório. Que seria se houvesse uma outra vida depois da morte, a qual devêssemos conquistar por nosso próprio esforço? Começou a ler as epístolas de S. PAULO. Por outro lado os rigores ascéticos dos monges egípcios o abalaram até o fundo da alma. Um dia em seu jardim caem-lhe os olhos num versículo paulino, que lhe pareceu um aviso do céu: “Não vivais nos festins, na embriaguez, nem nas volúpias impudicas, nem nas questões e nas invejas; mas revesti-vos de Nosso Senhor Jesus-Cristo”. Foi um raio de luz em seu espírito. Voltou pouco depois para a sua terra africana. Em 395 foi escolhido para Bispo de Hipona (nas proximidades da atual Bône, na Argélia). Três anos antes da sua morte, passando em revista todos os seus escritos, enumera Santo Agostinho 93 obras em 232 livros, fora a correspondência e vários sermões. Pelas cartas e pela pregação (observa ainda SCHNÜRER) exercia Agostinho a sua influência muito além das fronteiras de sua província, sendo comparável ao jornalista e ao missionário de nossa época. Seus escritos lhe grangearam fama universal. E as suas obras ficaram como inesgotável fonte filosófica e teológica. De modo especial as idéias sobre Deus, relações de Deus com o mundo, a Trindade, a Providência, a liberdade e a graça. A Filosofia da História tem em Santo Agostinho o seu criador. Em sua teoria do conhecimento, admite Santo Agostinho, contra os cépticos, a existência da certeza; e argumenta, muitos séculos antes de Descartes, analisando a própria dúvida “Omnis qui se dubitantem intelligit, verum intelligit, et de hac re quam intelligit certus est...” (*De vera religione* XXXIX, 73). Noutra logar: “Si non esses, falli omnino non posses” (*De libero arbitrio*, II, III, VII). Santo Agosti-



nho admite a evidência dos primeiros princípios e distingue as idéias intellectuais, ou *sabedoria* ou *sapiência*, e os conhecimentos que temos graças aos sentidos, ou *ciência* propriamente dita. De Platão conservou Agostinho a noção do *mundo inteligível*, mas colocando os tipos exemplares das coisas, isto é as idéias, na inteligência divina. A teoria da *reminiscência*, aceita a princípio com restrições, Santo Agostinho definitivamente a rejeitou. Sem incidir no erro dos ontologistas, isto é que a alma vê o próprio ser divino e nêle as verdades eternas, Santo Agostinho admite uma *iluminação* divina, isto é uma ação imediata de Deus em nós, graças à qual a nossa inteligência atinge a verdade, assim como sob o influxo da *graça* a nossa vontade pratica a virtude. Quanto à existência de Deus, mostra Santo Agostinho a razão humana pode demonstrá-la de modo convincente. “Promittit enim ratio, quae tecum loquitur, ita se demonstraturum Deus tuae menti, ut oculis sol demonstratur” (*Soliloquios*, I, VI. 12). Deus é ainda demonstrável pela contingência da matéria, pela finalidade do mundo, pelo testemunho da consciência e até pelo consenso do gênero humano. Eterno e infinito, é para nós incompreensível e inefável, isto é nem o podemos compreender tal qual é, nem exprimí-lo de modo adequado: “Verius cogitatur Deus quam dicitur et verius est quam cogitatur”.

A alma é espiritual, o que se demonstra pelo conhecimento que tem de si mesma e pelas características imateriais das operações da inteligência; e é imortal, consequência da sua espiritualidade. É simples e única, presente no corpo inteiro e em cada uma das suas partes: “Tota singulis partibus simul adest, quae tota simul sentit in singulis”. Alma e corpo formam numa união real o composto humano. A vontade é dotada de liberdade. SANTO AGOSTINHO se afasta dos

extremos de um intelectualismo excessivo e de um sentimentalismo exageradamente místico. As verdades reveladas, isto é os mistérios, exigem que a vontade intervenha para obter o assentimento da razão, sem o que não aceitaríamos verdades de ordem moral que acarretam conseqüências práticas não raro penosas. Até nas pesquisas puramente filosóficas SANTO AGOSTINHO repele um intelectualismo extremado. Para êle a filosofia é, como para os platônicos, o *amor da sabedoria*. E a religião não é apenas uma doutrina, é também uma vida. Nêste sentido pode-se dizer que SANTO AGOSTINHO é o doutor da vontade, a qual goza de certa primazia.

SANTO AGOSTINHO admite nas creaturas (e provavelmente sem ter conhecido os trabalhos de ARISTÓTELES a êste respeito) a matéria e a forma, de que todos os corpos são constituídos. Algumas vêzes se refere à matéria como algo creado por Deus em estado caótico. Nela depôs o Creador os germes específicos dos seres (*rationes seminales*). Êsses germes latentes desenvolvem-se graças às circunstâncias oportunas e produzem os sêres particulares. SANTO AGOSTINHO pensa que a Criação foi instantânea: "Deus creavit omnia simul". A narrativa bíblica não significa, a seu ver, sucessão temporal, mas exposição doutrinária, em que os sêres criados estão distribuídos de acôrdo com a sua maior ou menor perfeição.

Já dissemos que SANTO AGOSTINHO deve ser considerado fundador da Filosofia da História. De fato a sua obra a *Cidade de Deus* (*De civitate Dei*) foi escrita para desenvolver a tese do providencialismo histórico. O progresso da humanidade é o resultado de um plano divino, que admite a livre cooperação do homem. ALARICO tomara e saqueara Roma em 410; o efeito moral do desastre tinha sido extraordinário. SÃO JERÔNIMO,



escrevendo do seu longinquo retiro em Belém, afirmava: "... numa só cidade que cai, é todo o gênero humano que perece". E SÃO JERÔNIMO não gostava de Roma, que comparara à corrupta Babilônia. Para mostrar que o Cristianismo não estava ligado aos destinos humanos da Roma dos Césares, foi que SANTO AGOSTINHO escreveu a sua obra imortal, que lhe tomou muitos anos de trabalho, de 413 a 426.

Séculos mais tarde BOSSUET no seu *Discours sur l'histoire universelle* retomou a tese augustiniana.

EMILE FAGUET disse de SANTO AGOSTINHO ter sido "peut-être le plus extraordinaire du monde antique". E na opinião de FRANCK: "um dos mais belos gênios que honraram a Igreja pela extensão do seu saber e por seu ardente amor da verdade".

## VI

### A FILOSOFIA MEDIEVAL

1. Discute-se ainda hoje o que se deve entender por Idade Média. Não apenas os seus limites cronológicos, quando começou, quando findou, mas até a sua própria existência como fase perfeitamente distinta da Antiguidade e dos Tempos Modernos. Não é aqui nosso propósito discutir este assunto, de que já tratamos alhures; mas, para uma clara compreensão do título mesmo deste capítulo, resumiremos em breves palavras o que reputamos essencial.

Chama-se Idade Média o período que vai da destruição do Império Romano do Ocidente pelos bárbaros (476) até a tomada da Constantinopla pelos turcos (1453). O grande fato inicial são as invasões, de que resulta, além da queda do poder de Roma, a formação de várias das nações modernas. Preferem outros a data 395, morte do imperador TEODÓSIO, o Grande, e divisão do Império entre seus dois filhos HONÓRIO e ARCÁDIO. Poderíamos ainda preferir a data 330, fundação de Constantinopla. A data final, 1453, é também criticável. A Idade Média, caracterizada por AUGUSTO COMTE como o período católico-feudal, opinião aceita por autores sem nenhuma dependência da escola positivista, poder-se-ia na verdade considerar finda no princípio do século XIV, e em 1303, com o incidente de ANAGNI, entre FILIPE o Belo e BONIFÁCIO VIII. O descobrimento da América em 1492 seria para nós,



filhos do Novo Mundo, data mais expressiva do princípio dos Tempos Modernos: alargaram-se os limites do mundo até então conhecido e novos horizontes se abriram à atividade dos povos europeus.

2. A verdade é que toda a história humana, do ponto de vista da civilização e da cultura, logicamente se reparte em duas grandes idades: a *antiga*, anterior ao Cristianismo, e a *moderna*, de Cristo até hoje. Aos próprios negadores da divindade de Jesus Cristo a importância do Cristianismo se impõe de modo inevitável, ao estudarem as origens da civilização moderna. FUSTEL DE COULANGES escreveu no último capítulo de seu famoso livro "*La Cité Antique*": "A vitória do Cristianismo marca o fim da sociedade antiga". A maneira vulgar de indicarmos as datas é também significativa: *antes de Cristo e depois de Cristo*.

Poder-se-ia então objetar que não há razão de ser para a expressão Idade Média. Nem fica, rigorosamente, no meio, se considerarmos além da Idade Moderna também a Contemporânea. Mas a denominação é tradicional; existe em todas as línguas cultas; os adjetivos correspondentes são de emprêgo comum, nem há negar a possibilidade de caracterizarmos o período medieval por algumas notas que lhe são próprias.

Não perderemos tempo em redemonstrar a injustiça dos que consideraram o Médio Evo apenas uma noite entre as claridades da Antiguidade Clássica e o novo dia da Renascença. "Tudo quanto à sociedade moderna possui durável e fecundo em matéria de instituições, assim como em idéias, mergulha raízes nos flancos misteriosos desses primeiros séculos cristãos". Assim escreveu GODOFREDO KURTH. (*Qu'est-ce que le Moyen Age?*) (pag. 41). (Paris 1910).

No mundo ocidental os primeiros séculos da Idade Média assinalam uma regressão da cultura, como con-

seqüência das invasões bárbaras; mas já com Carlos Magno há uma espécie de renascença. Acentua-se o movimento a partir do século XII. Fundam-se universidades. O estilo chamado gótico (aliás imprópria-mente) produz belíssimas catedrais. O século XIII revela-se um dos mais notáveis na história da civilização e particularmente na história da filosofia: é o século de S. TOMAZ DE AQUINO e do apogeu da Escolástica.

3. Para sermos inteiramente justos, diremos todavia que os primeiros séculos do período medieval contrastam fortemente com o esplendor dos grandes séculos da Antiguidade Clássica. LAHR usa de uma imagem para caracterizar esse contraste: "Assim como a geografia, também a história tem desertos e solidões. Do sexto ao nono século se estende uma dessas regiões estêreis e desoladas, onde em vão se procura vestígio de vida literária e filosófica. É a época da invasão dos bárbaros. Somente alguns monjes ao abrigo dos seus mosteiros salvam do saque ou do olvido os monumentos da sabedoria antiga".

Alguns raros nomes podem ser lembrados durante esse período, nomes comparáveis a marcos miliários na estrada do saber: BOÉCIO e CASSIODORO, na corte de TEODORICO o Grande, rei dos Ostrogodos, dos fins do século quinto ao século sexto; SANTO ISIDORO DE SEVILHA, dos fins do século VI à primeira metade do século VII; o venerável BEDA, na Inglaterra, dos fins do século VII à primeira metade do VIII. Mas, repetimos, é nos tempos de CARLOS MAGNO e graças ao seu grande colaborador ALCUINO, pedagogo, gramático e organizador do ensino nas escolas carolíngias, que propriamente se inicia um renascimento cultural. Do século nono em diante as obras de ARISTÓTELES, traduzidas e comentadas pelos árabes, se espalham e começaram a exercer influência. As universidades (Bolonha, Parma, Paris, Oxford),



ainda incipientes nos séculos XI e XII, já concorrem de modo notável para a cultura. No século XIII atingem grande desenvolvimento. Em breve algumas, tal a de Paris, chegam a ter mais de vinte mil estudantes. A fama do ensino teológico dessa universidade é fácil de entender, ao pensar que aí ensinou o DOUTOR ANGÉLICO, isto é o próprio S. TOMAZ. Bolonha adquiriu grande fama na jurisprudência, restaurando-se os estudos de direito romano, graças principalmente a IRNÉRIO. Todo o ensino era em latim. Não esqueçamos que ainda não havia livros impressos, pois a imprensa é da segunda metade do século XV. Compreende-se o juízo de LAVISSE: "...poucas épocas houve em que o gosto do saber tanto se tenha espalhado como na Idade Média".

4. O termo *scholasticus* designava então qualquer mestre que ensinasse em uma escola. A palavra veio a ser aplicada especialmente àquele que ensinava teologia e filosofia. Da escola (*schola*) deriva *Escolástica*, vocábulo designativo da filosofia medieval. Em rigor não se deve pensar que a filosofia escolástica seja apenas um sistema, por exemplo o Tomismo. Dentro do âmbito da Escolástica há vários sistemas diferentes e até, em alguns pontos, antagonistas: baste citar para exemplo S. BOAVENTURA, S. TOMAZ DE AQUINO, DUNS SCOT e GUILHERME OCCAM. Ouçamos aqui um mestre competente: "Entre os modernos, definiram alguns a Escolástica pelo método silogístico de que freqüentemente se serve. Outros pelas suas relações com a teologia, outros ainda pela tecnologia de sua linguagem peripatética. Tôdas estas definições, porém, incorrem no grave defeito de querer caracterizar uma filosofia por um elemento extra-filosófico. O que define um sistema, é antes de tudo o seu conteúdo doutrinal. Hoje, principalmente, que a Escolástica não só surge para a história, mas entra de novo na liça das idéias como fi-

losophia viva e militante, é nas suas doutrinas que cumpre insistir, se a quisermos cientificamente caracterizada. Por sua mesma natureza, tal definição é necessariamente complexa e em rigor só terminado o presente estudo a poderíamos dar. Antecipando-nos, porém, damos a seguir as teses mais importantes que formam as linhas gerais da grande síntese. Em criteriologia: existência da certeza e objetividade do conhecimento. Em metafísica: individualismo acentuado, construído sobre as noções aristotélicas de ato e potência, substância e acidente. Em cosmologia: composição substancial dos seres. Em psicologia: espiritualismo moderado, unidade, substancialidade e espiritualidade da alma, distinção entre o conhecimento sensitivo e o intelectual, origem sensitiva das idéias, livre arbítrio. Em teodicéia: transcendência e personalidade de Deus, Criação e Providência. Já é um núcleo de teses suficiente para caracterizar uma filosofia. Sobre este elemento comum erigem os grandes filósofos medievais suas sínteses distintas e marcadas com o cunho da própria individualidade". E o mesmo autor acrescenta: "Além destes caracteres doutrinais intrínsecos, distingue-se ainda a Escolástica pela tendência a construir uma síntese geral do saber humano, pela orientação aristotélica de suas especulações e pela harmonia de suas teses com as verdades reveladas da teologia cristã". (LEONEL FRANCA, *Noções de História da Filosofia*, 9.<sup>a</sup> ed. p. 126-127).

LAHR caracteriza a Escolástica da seguinte forma: a) apêgo inviolável ao dogma católico, que toma por tema de suas especulações e do qual se aplica a deduzir as conseqüências filosóficas, segundo o princípio de que a razão e a fé não podem contradizer-se; b) respeito às vezes exagerado à autoridade dos antigos, par-



ticularmente de ARISTÓTELES, *praecursor Christi in rebus naturalibus*, como se compraz em qualificá-lo de vez em quando; c) enfim o emprêgo quase exclusivo da dedução e do método silogístico, em que é exímia, mas do qual lhe vem o gôsto das distinções sutis, que mais tarde degenerou em vão formalismo e em discussões ociosas". SORTAIS observa: "A filosofia medieval não deve ser restrita, como fazem certos historiadores (p. ex. HAURÉAU), à Escolástica. Compreende outros sistemas filosóficos cujos centros estão em Bizâncio (*filosofia bizantina*), em Bagdad e em Córdova (*filosofia árabe e judia*). Como, porém, a Escolástica representa no Ocidente a corrente principal das idéias filosóficas, não insistiremos senão em sua história.

LEONEL FRANCA, aliás, concorda com êste modo de ver: "Entre as correntes do pensamento que então circulam é a Escolástica, sem dúvida alguma, a mais importante e a que mais merece a nossa atenção".

Propositadamente citamos êsses autores. São, na hipótese, competentes de modo especial para apreciar, no vasto campo da filosofia da Idade Média, os sistemas construídos pelos grandes Doutores, que foram quase todos, poderíamos até dizer todos, dentre os mais notáveis, membros das principais ordens religiosas da época e alguns até elevados pela Igreja à honra dos altares. Ver-se-á que não raro divergiam nas suas opiniões em matéria filosófica e até em matéria teológica não definida rigorosamente como dogma pela Igreja e na qual há liberdade de crítica. Em S. TOMAZ, que o papa LEÃO XIII em sua Encíclica *Aeterni Patris* propôs como o príncipe dos grande escolásticos a todos os filósofos cristãos, há muitos pontos de vista originais, que têm sido objeto de louvor de pensadores inteiramente fora

do Catolicismo (21). Há também, nem poderia ser de outro modo, idéias hoje inaceitáveis, máxime em assuntos dependentes de observações e experiências científicas, para as quais não dispunham de meios relativos aos supostos quatro elementos.

5. Podemos distinguir três períodos na história da filosofia medieval: um período de *formação*, que vai dos fins do oitavo século até o limiar do século décimo terceiro, ou das escolas carolíngias até à divulgação das obras completas de ARISTÓTELES em tôdas as principais escolas do Ocidente; um período de *apogeu*, que corresponde mais ou menos ao século XIII e apresenta os grandes nomes de S. BOAVENTURA, ALBERTO MAGNO, TOMAZ DE AQUINO e DUNS SCOT; e por fim um período de *deca-dência*, que vai do século XIV até à Renascença propriamente dita. Cada um dêstes períodos se caracteriza pela maneira por que foram tratadas certas questões de importância capital: assim a famosa discussão acerca dos *universais*, isto é que valor têm os conceitos, representações intelectivas, de caráter necessário e imutável e todavia aplicáveis a seres individuais e extremamente variáveis? Como se pode conciliar a universalidade de nossas idéias e a individualidade e contingência das coisas existentes? No primeiro dos três períodos o problema provoca debates e cada vez mais apaixona os espíritos; no segundo, triunfa um realismo

---

(21) Um exemplo apenas, mas bem expressivo: R. VON IHERING assim se manifestou no prefácio da segunda edição da sua grande obra *Der Zweck im Recht*: "Quantos erros se teriam evitado se houvessem com fidelidade conservado as suas doutrinas! Quanto a mim, creio que, se as houvesse conhecido, não teria escrito o meu livro. As idéias fundamentais que eu desejava publicar já se acham expressas com clareza perfeita e notável profundidade neste pensador robusto". (*Op. cit.*, II, 161 — Cf. LEONEL FRANCA, *op. cit.*, p. 163).



moderado (defendido por S. TOMAZ), reconhecendo-se que os universais só existem como tais, isto é formalmente como universais, no espírito, mas têm o seu fundamento nas coisas: *formaliter in intellectu, fundamentaliter in rebus*; no terceiro período há um reviver do nominalismo, negação da existência dos gêneros e espécies, que são apenas *flatus vocis, verba*, pois na realidade só existem indivíduos e os conceitos universais se reduzem a simples palavras vazias de conteúdo objetivo. Poderíamos também caracterizar os três períodos pela maneira por que foram consideradas as relações da teologia com a filosofia: no primeiro, esta busca mostrar o caminho que leva à fé, ou seja, numa fórmula célebre *Fides querens intellectum*; no segundo, ambas as disciplinas têm o seu campo próprio e distinto, sem se confundirem e sem se hostilizarem, antes dispostas a mutuamente se auxiliarem; no terceiro, a filosofia assume atitudes de independência e em breve de franca hostilidade em relação à teologia.

6. No primeiro período temos de reconhecer antes de tudo a poderosa influência de ALCUINO, monge de York e que foi a alma do movimento de renascimento operado no templo de CARLOS MAGNO. Encontrou-se este com ALCUINO em Parma, em 781, e logo simpatizou com aquêle que ia ser o grande orientador das escolas carolíngias, entre as quais a Palatina, no próprio paço, a cujas lições durante vários anos assistiu o Imperador. ALCUINO trouxe para o império franco a erudição e os métodos pedagógicos dos mosteiros anglo-saxônios. Era acima de tudo um erudito, o que chamamos “um homem de gabinete”, com alguns defeitos, entre os quais SCHNÜRER sublinha certo pedantismo e o desejo de ter sempre razão, mas cujos méritos sobrepujam tais defeitos. Escreveu várias obras de assunto teológico, sendo a principal um tratado sobre a Trindade. Peda-

gogo, gramático e compilador, não foi propriamente um filósofo, com idéias originais. Entre os seus discípulos o mais célebre foi RÁBANO MAURO, beneditino educado em Fulda e que mereceu ser chamado *praeceptor Germaniae*. Em uma das suas obras se encontra a teoria atomística, haurida em LUCRÉCIO, mas adaptada ao cristianismo. O ilustre abade de Fulda e arcebispo de Mogúncia combateu a predestinação absoluta e arbitrária para os bons e para os maus, defendendo a liberdade humana.

O maior nome dêste primeiro período é sem dúvida o de SANTO ANSELMO (1033-1109). Nascido em Aosta, na Itália, de família nobre, veio a ser arcebispo de Cantuária (Canterbury). Foi um dos mais notáveis adversários no nominalismo. Pode ser considerado também o último dos Padres e o primeiro dos Escolásticos. O *segundo Agostinho* compreendeu as relações entre a razão e a fé de maneira notável: *Intelligo ut credam, credo ut intelligam*. Os mistérios são em si mesmos incompreensíveis, mas a adesão que a inteligência humana lhes dá repousa na autoridade infalível de Deus, que os revelou. O cristão deve perscrutar com humildade as profundezas do dogma para fazer dêles uma idéia exata; a razão iluminada pela fé descobre nêles admiráveis harmonias. *Fides quaerens intellectum* é uma bela fórmula da especulação filosófica. SANTO ANSELMO é o autor do célebre argumento ontológico para provar *a priori* a existência de Deus. A idéia que temos de Deus é a de um Ser perfeitíssimo: ora, se Deus não existisse, não fôra perfeitíssimo, pois a existência é uma perfeição: logo Deus existe. O argumento até hoje tem provocado as mais vivas discussões. S. TOMAZ não o aceita, por ser uma passagem ilegítima da ordem das idéias para a ordem das realidades objetivas. DESCARTES e LEIBNIZ aceitaram-no,



mas dando-lhe novas formas. Em qualquer hipótese, revela um espírito realmente dotado de rara penetração filosófica. As suas obras mais célebres são *Monologium* e *Proslogion*; nesta última é que está formulado o argumento ontológico.

7. Ainda no primeiro período merecem referência: ROSCELINO, nascido na Bretanha em meados do século XI e que ensinou em Compiègne e em Paris. E' considerado o fundador do nominalismo e defendeu a heresia do Triteismo, isto é que as três pessoas divinas são três sêres independentes, e que a natureza ou essência que as une em um único Deus é apenas uma palavra. Foi combatido por SANTO ANSELMO e por GUILHERME DE CHAMPEAUX, realista exagerado. Êste último foi combatido por sua vez por ABELARDO e acabou reconhecendo lealmente o seu êrro.

O próprio ABELARDO (1079-112) foi um espírito combativo, que desde cedo se tornou célebre. Para ouvir-lhe as lições acorriam tantos discípulos que, no dizer dêle próprio "não havia mais onde alojá-los". Muitos autores o têm considerado conceptualista, mas o exame atento de suas obras leva a concluir que êle estava no bom caminho do realismo moderado, ainda que a sua linguagem não seja neste ponto clara e precisa como a de S. TOMAZ. A sua tendência racionalista levou-o a afirmar que a razão humana pode demonstrar os mistérios. Por êste e outros erros teológicos foi várias vêzes censurado e até condenado em concílios. Depois de uma vida que se pode qualificar sem exageração de romanesca (e na qual é célebre o seu infeliz amor por Heloísa), tendo abraçado a vida monástica, passou os últimos tempos em austera penitência e morreu em paz na abadia de Saint Marçel, não longe de Cluny.

Não deixaremos o primeiro período sem mencionar de passagem os nomes de JOÃO SCOT ERÍGENA, nascido

por volta de 800, provavelmente na Irlanda e que CARLOS o Calvo atraiu à França para dirigir a Escola Palatina; espírito original e que WULF, na sua *História da Filosofia Medieval*, apresenta como o “pai da Anti-Escolástica”, mas que, apesar de suas audácias, permaneceu fiel à doutrina católica; GERBERT, grande figura intelectual de sua época e que chegou a ocupar o trono pontifício com o nome de SILVESTRE II, “o Papa filósofo” (999-1003); ALANO DE LILLE, que ensinou em Paris, assistiu ao terceiro concílio lateranense e atacou os erros dos cátaros em relação à natureza da alma, sendo um realista moderado e que preferia os argumentos de razão aos de autoridade; enfim JOÃO DE SALISBURY, que pelo seu estilo elegante foi um dos melhores escritores latinos do século XII, humanista e poeta, que nos deixou um quadro completo das escolas de seu tempo, valioso subsídio para a história da filosofia medieval.

8. Diante dos abusos da dialética e das contradições dos filósofos, alguns espíritos procuraram a paz na contemplação dos grandes mistérios e na comunicação direta entre Deus e o homem. Dos místicos é particularmente notável S. BERNARDO, abade de Claraval (Clairvaux), prégador da segunda Cruzada, mais teólogo do que propriamente filósofo. Merecem ainda atenção os místicos da Escola de S. Vitor, (fundada perto de Paris por GUILHERME DE CHAMPEAUX nos primeiros anos do século XII), e na qual se distinguiram RICARDO e HUGO, que reagiram contra o racionalismo de ABELARDO.

Quanto a PEDRO LOMBARDO, doutor da Universidade parisiense, (há quem afirme ter sido o primeiro em data), nascido na Lombardia e que chegou a ser bispo de Paris (1159), ficou célebre pelos quatro livros de *Sentenças*, de que lhe veio o apelido de “Mestre das Sentenças” (*Magister Sententiarum*). A sua obra foi



comentada nas Escolas até o fim do século XVI. Pertence todavia mais propriamente ao campo teológico.

9. O segundo período da filosofia da Idade Média corresponde ao apogeu da Escolástica. É o admirável século XIII, um dos mais ricos e fecundos, não só do ciclo medieval, mas de todo o passado humano. Nem pareça exageração: baste lembrar que nêle a cultura cristã atinge alturas não excedidas até hoje em alguns dos seus aspectos: S. FRANCISCO DE ASSIS, LUIZ IX, o DOUTOR ANGÉLICO, o próprio DANTE (a *Divina Comédia* é de 1300, ainda no século XIII, e o poeta — que foi também um Escolástico — (22), viveu de 1265 a 1321).

Nos primeiros séculos do período medieval, após as grandes invasões, floresciaam as escolas conventuais e as capitulares ou episcopais. Até o século XII foram elas ao Norte dos Alpes os únicos estabelecimentos de educação onde se formava o clero. As escolas capitulares serviam principalmente para a educação dos filhos das famílias nobres destinados ao clero. Para os jovens que não pretendiam seguir a vida conventual, havia escolas externas, aliás olhadas com menos simpatia. Quando, no século XIII, a burguesia se desenvolveu, e nas cidades mais importantes foi preciso atender ao número crescente de alunos, as escolas conventuais e episcopais já não eram suficientes. Multiplicaram-se então as escolas públicas, escolas paroquiais e rurais, sob a direção dos curas e até dos fabriquéiros, mas êstes sob a orientação dos respectivos párocos. Desenvolveu-se também o ensino superior e na época

---

(22) Sobre as relações entre o poema dantesco e a *Summa Theologica* escreveu páginas dignas de leitura AUGUSTO CONTI *Storia della Filosofia*, 2 vols. (Roma, 1909).

das cruzadas teve extraordinário impulso com a criação das Universidades.

10. *Studium generale*: tal a denominação medieval para o que hoje chamamos universidade. Erradamente pensam ainda alguns autores menos informados que o termo signifique estabelecimento destinado ao estudo e ensino de tôdas as disciplinas. *Universitas*, na Idade Média, designava uma corporação de mestres e discípulos.

Eis o que nos diz SCHNÜBER a respeito: “A mais antiga universidade do Ocidente é a de Salerno, inaugurada na primeira metade do século XI, e cuja escola de medicina atraía todos os olhares. Na origem dessa fundação estão as obras de medicina árabe. A princípio os Beneditinos ensinaram medicina; foram depois médicos leigos que também compuseram tratados de medicina, como GARIOPONTUS com a sua obra dividida em cinco livros, sobre as doenças, o *Passionarius*. O rei ROGÉRIO II da Sicília publicou em 1140 a primeira lei referente à medicina na Idade Média, ordenando que a prática da medicina só fôsse exercida mediante autorização dos magistrados. Salerno, porém, não adquiriu maior importância: a sua universidade não teve influência especial no desenvolvimento próprio das universidades ocidentais. Foi somente ao findar o século XII que as universidades de Bolonha, Paris e Oxford, criadas quase ao mesmo tempo, exerceram semelhante influência. Houve então tal aspiração pelos estudos superiores que, na primeira metade do século XIII se fundaram sucessivamente várias universidades. Por volta de 1200, as de Módena, Montpellier, Regio e Cambridge. Depois foi a vez de Vicência, em 1204, Polência em 1212, Pádua em 1222, Nápoles em 1224, Vercell em 1228, Tolosa em 1229, Salamanca em 1243. Depois a Universidade da Cúria Romana em 1244. Depois Va-



lência em 1245, Placência em 1248, Arezzo, Orléans, Angers por volta de 1250. Muito mais tarde, no XIV século, as primeiras universidades alemãs: Praga em 1348, Viena em 1365, Heidelberg em 1386 e Colônia em 1388. Nem sempre foi a mesma a origem das universidades. Saíram umas das escolas conventuais, outras das escolas episcopais e capitulares; outras enfim, tais como a maior parte das universidades italianas, provêm das escolas das cidades. Algumas há, todavia, que foram criações independentes e é o caso de quase tôdas as situadas ao norte dos Alpes. O maior número das universidades dependiam diretamente da Igreja. Em 44 existentes antes do ano de 1400, tinham 31 recebido do Papa o seu breve de fundação e 21 haviam sido fundadas exclusivamente por êle". (*L'Église et la Civilisation au Moyen Âge*, Paris, 1935 — vol. II pag. 541-542).

Em 1215 a Santa Sé deu à Universidade de Paris a sua constituição definitiva. Em breve a fama dêsse grande centro de estudos corria o mundo. Cada uma das três faculdades — a de Teologia, a de Jurisprudência, e a de Medicina — tinha o seu *deão*. A Faculdade das Artes tinha como chefe a princípio o próprio *Reitor* da universidade; o curso era subdividido em *trivium* e *quadrivium* ou *quadrivium*. No trívio estudava-se gramática, retórica e lógica; no quadrívio aritmética, geometria, astronomia e música.

Sendo pobres muitos dos estudantes, para êstes pessoas ricas fundaram *colégios*, que os abrigassem e sustentassem. Tal foi a origem da Sorbona (la Sorbonne, do nome do seu fundador ROBERT SORBON, capelão de S. Luiz).

11. Os grandes Doutores do período de apogeu da Escolástica são ALEXANDRE DE HALES (*Doctor Irrefraga-*

*bilis*); S. BOAVENTURA (*Doctor Seraphicus*); SANTO ALBERTO O GRANDE ou SANTO ALBERTO MAGNO (*Doctor Universalis*); S. TOMAZ DE AQUINO (*Doctor Angelicus*) e DUNS SCOTT (*Doctor Subtilis*). São quase todos figuras que a Igreja canonizou e todos pertencentes às grandes ordens religiosas da Idade Média: ALEXANDRE DE HALES, S. BOAVENTURA e DUNS SCOT, franciscanos; SANTO ALBERTO MAGNO e S. TOMAZ DE AQUINO, dominicanos.

ALEXANDRE DE HALES, de origem inglesa, foi o primeiro franciscano que ensinou na universidade de Paris. Morreu no dia 15 de agosto de 1245, deixando inacabada uma *Summa theologiae*, vasta síntese cujo plano foi seguido pela maioria das *Sumas* do século. O método didático empregado expõe o pró e o contra de cada assunto dando a solução considerada exata. A base de sua doutrina é peripatética, havendo alguma coisa de inspiração augustiniana. ALEXANDRE foi muito apreciado no seu tempo. S. BOAVENTURA chamou-o: *Pater et magister noster*; S. TOMAZ também o tinha em grande consideração.

S. BOAVENTURA (1221-1274), cujo nome era JOÃO DE FIDANZA, nasceu no Toscana. Estudou teologia em Paris, provavelmente sob a direção de ALEXANDRE DE HALES. Foi grande amigo de S. TOMAZ DE AQUINO. Chegou a ser Geral dos Franciscanos, cardeal e bispo de Albano e morreu durante o concílio ecumênico de Lião. Embora fiel à tradição, S. BOAVENTURA procura melhorar, comentando-as, as doutrinas anteriores. Foi além disto um grande místico, o maior do seu século, sem prejuízo aliás da sua personalidade de filósofo. A doutrina que expõe é conciliadora. Proferindo as teses de SANTO AGOSTINHO, dá grande espaço às teorias peripatéticas.

Não gostava de contradições nem de impôr aos outros a sua opinião: "Nas questões duvidosas e difíceis, em que não podia descobrir qual o caminho co-



mum, por haver desacôrdo entre os homens de ciência, sustentei como provável uma opinião, sem por isso reprovar a outra”. A doutrina de S. BOAVENTURA é tôda impregnada de elementos afetivos: a união da alma com Deus é o térmo final de tôda ciência esta união se realiza graças ao amor. Censurando os excessos racionalistas de sua época e reconhecendo a incapacidade da razão para a compreensão dos mistérios, por outro lado S. BOAVENTURA afirma que há verdades importantes, como a existência de Deus, que a razão pode atingir por si mesma. Em todo caso, do ponto de vista da dignidade e da hierarquia, dá o primado à vontade: “*Voluntas est nobilissimum et supremum substantiae rationalis*”.

12. ALBERTO MAGNO (1205 ou 1206 ou, menos provavelmente, 1193-1280) nasceu na Suábia, em Lauingen, sendo o filho mais velho do CONDE DE BOLLSTÄDT. Ignora-se como e onde recebeu a instrução primária e como se preparou para os estudos universitários que fez em Pádua. Em 1223 entrou para a ordem de São Domingos. Ensinou em Colônia e em Paris e foi então que teve entre seus discípulos TOMAZ DE AQUINO, ainda jovem; taciturno e pensativo, mas cujo talento genial e futura glória o mestre reconheceu e predisse. Em 1254 ALBERTO MAGNO foi eleito provincial de sua ordem na Alemanha. Esteve depois em Roma, e resignou o cargo de provincial para consagrar-se inteiramente ao estudo e ao ensino. Foi escolhido para bispo de Ratisbona e governou dois anos a sua diocese, conseguindo afinal que aceitassem o seu pedido de resignar o cargo, voltando ao seu lugar de professor no *Studium Generale* em Colônia. Tomou parte no concílio de Lião 1274 e, ao saber da morte de SÃO TOMAZ DE AQUINO, que ia também participar dos trabalhos conciliares, disse: “Apagou-se a luz da Igreja”. Passou o resto da vida

prêgando, ensinando e escrevendo, até morrer no convento de Colônia.

A sua obra é imensa: a edição de Paris em 1890 abrange 38 volumes in-quarto. Todos os assuntos conhecidos na sua época foram por êle tratados, tendo sido cognominado *Doctor Universalis* em razão da profundidade e extensão dos seus conhecimentos: física, geografia, astronomia, mineralogia, química (alquimia), zoologia, fisiologia e até frenologia. HUMBOLDT no *Cosmos* louva-lhe o saber em geografia física. O seu método de tratar as ciências era histórico e crítico: reuniu numa vasta enciclopédia tudo que era conhecido até os seus dias, dando o seu próprio modo de ver, geralmente em comentários às obras aristotélicas. Em matéria experimental, achava que não se pode resolver apenas por meio de raciocínios abstratos, proclamando a necessidade da observação e da indução: “Oportet experimentum non in uno modo sed secundum omnes circumstantias probare”. Graças às suas viagens, pôde enriquecer com observações pessoais os seus vastíssimos conhecimentos. “O fim da ciência natural é não aceitar simplesmente o que outros dizem, mas investigar as causas que agem na natureza”. E ainda a propósito das plantas: “Experimentum solum certificat in talibus”. E a propósito do próprio ARISTÓTELES, a quem aliás tanto prezava: “Quem acreditar que ARISTÓTELES foi um deus, deve também acreditar que êle nunca errou; mas se alguém acredita que ARISTÓTELES era homem, então sem dúvida era sujeito ao erro como nós”. E ALBERTO consagra um longo capítulo da sua *Summa Theologiae* aos erros de ARISTÓTELES, o que demonstra o seu espírito crítico.

Como o seu contemporâneo ROGERIO BACON, ALBERTO foi um infatigável estudioso da natureza; provam ambos que a Igreja não se opõe a tais investigações e



que ciência e fé podem perfeitamente andar juntas. BACON era, porém, às vezes ferino em suas críticas; ALBERTO respeitava a autoridade e a tradição, era prudente em propor o resultado de suas próprias investigações e por isso, na opinião de TURNER, contribuiu mais do que BACON para o progresso da ciência no século XIII. E' curioso sublinhar que ALBERTO MAGNO deu acurada demonstração da esfericidade da terra. Já houve quem sugerisse que suas opiniões em tal sentido podem ter eventualmente contribuído para o descobrimento da América.

13. Com TOMAZ DE AQUINO atingimos a culminância intelectual do século XIII. E' a figura de maior projeção, aquela que ainda em nossos dias merece — e tem de fato — a atenção e o louvor unânime de quantos lhe conhecem a obra. TOMAZ DE AQUINO nasceu no reino de Nápoles em Rocca Secca, em data controvertida, 1225 ou 1227. Pertencia à nobre linhagem dos Condes de Aquino, aparentada com a família imperial e com as casas reais de França, Sicília e Aragão. O castelo de Rocca Secca ficava situado no alto das montanhas, a umas sete milhas de Aquino. LANDULFO, pai do futuro Doutor Angélico, era sobrinho do imperador Frederico I, pertencia à nobre casa de Sommacoli, era Conde de Aquino e Senhor de Loreto, Acerra e Belcastro. Sua esposa, THEODORA CARRACIOLA, era Condessa de Teano e descendia dos príncipes normandos. TOMAZ recebeu a instrução primária no mosteiro de Monte Cassino e desde cedo se mostrou aplicado, amante da meditação e da prece. Seu preceptor ficava surpreendido ao ouvir a criança freqüentemente perguntar “que é Deus?” Por volta de 1236 foi mandado para a universidade de Nápoles. Apesar do relaxamento dos costumes no meio freqüentado pelos estudantes naquela

época, sempre se conservou TOMAZ absolutamente puro e digno do cognome que lhe foi dado mais tarde. Vestiu o hábito de São Domingos e, como tivemos ocasião de dizer ao tratar de seu mestre ALBERTO MAGNO, estudou em Colônia e Paris e aqui recebeu, juntamente com S. BOAVENTURA, o título de Mestre, em 1257. Nesta época já o seu saber lhe granjeara celebridade e Paris o reclamava, várias universidades o queriam, e assim o vamos encontrar em Anagni, Roma, Bolonha, Orvito, Viterbo, Perugia, Paris de novo e finalmente Nápoles, ensinando, escrevendo, prégando e orando. Indicado para arcebispo de Nápoles por CLEMENTE IV, implorou que o dispensassem do encargo. Se o tivesse aceitado, não houvera provavelmente escrito a *Summa Theologica*, obra que o imortalizou. O autor considerava-a apenas um manual da doutrina cristã para uso dos estudantes. E' na realidade, ainda que incompleta, uma exposição cientificamente ordenada de tôdas as grandes questões teológicas e filosóficas, na qual se tem um balanço de todo o saber humano de então. Oito anos consagrou S. TOMAZ a êsse gigantesco empreendimento, tendo-o começado em Roma, onde foram escritas a primeira parte e a primeira da segunda (265-1269); a segunda da segunda, começada em Roma, foi acabada em Paris (1271); em 1272 o filósofo foi para Nápoles, onde escreveu a terceira parte até à nonagésima questão. Não permitiu a morte que fôsse a obra terminada pelo autor, mas de outros escritos seus foi extraído um suplemento, que de certo modo supre o que ficou faltando. Há em tôda a *Summa* 38 tratados, 612 questões, subdividas em 3.120 artigos, com cerca de 10.000 objeções propostas e resolvidas. O plano geral da obra é simples e uniforme. Cada assunto é apresentado como uma questão e dividido em artigos. Cada artigo propõe o problema com o termo *utrum*,



por exemplo, *utrum Deus sit?* Seguem-se as objeções: *Videtur quod Deus non sit...* Depois das objeções, um texto da Escritura ou algum argumento filosófico, quase sempre aristotélico. Depois as respostas a cada objeção: *Respondeo dicendum*. DANIEL KENNEDY pensa que não é possível caracterizar o método de S. TOMAZ com uma só palavra, a não ser que o chame-mos de eclético. É aristotélico, platônico e socrático, indutivo e dedutivo, analítico e sintético. Escolheu o melhor nos que o precederam, separando o joio do trigo, aceitando e rejeitando. Ninguém jamais o excedeu no poder de síntese e de clareza.

Além da *Summa Theologica*, escreveu S. TOMAZ outras obras dignas de referência: *Quaestiones disputatae*, *Quodlibeta*, *Summa de veritate catholicae fidei contra gentiles*, e vários opúsculos, *De ente et essentia*, *De unitate intellectus contra Averroistas*, *De regimine principum* (autêntico até o cap. IV do II livro) etc.

S. TOMAZ resolve a questão das relações entre a razão e a fé, ressaltando os direitos da razão: *Fides presupponit cognitionem naturalem*. A teoria tem por objeto verdades de ordem sobrenatural, reveladas por Deus, acima das simples forças da razão, embora não contrárias à mesma razão; a filosofia tem por objeto verdades de ordem natural, acessíveis à razão do homem. Cada uma das disciplinas conserva a sua autonomia e procede de acôrdo com o seu método próprio; naqueles assuntos que são comuns (por exemplo: a existência de Deus) a filosofia não pode contradizer a teologia, que se funda na infalível palavra divina. A filosofia serve para demonstrar verdades preliminares à fé e ainda para mostrar o êrro das objeções contra o dogma. Algumas destas considerações já se encontram em ALBERTO MAGNO.

14. Seria, porém, um erro supor que S. TOMAZ apenas repete doutrinas do seu grande mestre. Pelo contrário; S. TOMAZ inovou muita coisa, principalmente nas obras de sua idade madura, na *Summa Theologica*, síntese admirável, pela coerência e pelo que há nela de original, embora numa forma sempre serena. “La lecture de cette oeuvre si harmonieuse et si forte fait naturellement songer à une création esthétique, car la splendeur du vrai en rayonne de toute part”. (SORTAIS) Compreende-se porque LEÃO XIII proclamou S. TOMAZ patrono das escolas católicas.

Aceitando, como todos os grandes Escolásticos, as doutrinas aristotélicas, o Doutor Angélico expõe e analisa com muito maior desenvolvimento do que o próprio ARISTÓTELES a teoria de ato e potência, matéria e forma, substância e acidentes, categorias, causas e, mais do que tudo, a distinção entre essência e existência. O “*De ente et essentia*” é, no conjunto da obra de S. TOMAZ, um dos tratados mais dignos de atenção, ainda que tenha sido escrito quando o autor não completara 30 anos. Nêle S. TOMAZ aprofunda um dos pontos mais difíceis de ordem metafísica, que o próprio ARISTÓTELES descurara. Compara um dos seus tradutores este opúsculo, *diversificatis diversificandis*, ao *Discurso do Método* cartesiano e à *Monadologia* de LEIBNIZ: páginas das melhores e mais representativas da força do pensamento filosófico. A *Summa Theologica* é uma catedral gótica, tem a imponentia arquitetônica de Notre Dame; o *De ente et essentia* (a comparação é de BRUNETEAU) possui, em proporções reduzidas, as linhas harmoniosas de Sainte-Chapelle. A diferença entre o ser necessário e os seres contingentes, a matéria como princípio de individuação, a união substancial da alma com o corpo, o mecanismo do conhecimento sensível e do conhecimento intelectual, as relações entre a inte-



ligência e a vontade, a liberdade que tem o homem na escolha dos bens finitos: eis alguns dos múltiplos problemas em que o pensamento de S. TOMAZ excede em clareza e segurança ao dos melhores mestres anteriores. Para S. TOMAZ a faculdade mais nobre é a inteligência. O ato voluntário está na dependência do conhecimento: se o bem absoluto é apresentado pela inteligência à vontade, esta necessariamente o prefere, sendo livre só em relação aos bens particulares, cujo valor maior ou menor não é capaz de satisfazer plenamente o homem.

Quanto à existência de Deus, já sabemos que S. TOMAZ não aceitava o argumento ontológico de SANTO ANSELMO. As provas da existência divina são tôdas a *posteriori* e o Doutor Angélico indica cinco (*quod Deum esse quinque modis probari potest*): o movimento (*manifestior via est, quae sumitur ex parte motus*); a concatenação das causas e efeitos (*secunda via est ex causa efficienti*); a contingência dos seres (*ex possibili, et necessario*) os graus de perfeição (*ex gradibus qui in rebus inveniuntur*); enfim a ordem universal (*ex gubernatione rerum*). Deus é o ato puro, necessário, simples e eterno; absolutamente distinto do mundo, que é potencial, contingente, composto e temporal. Deus é causa eficiente e também a causa final do universo: todos os seres tendem para Êle.

Só o ato livre é plenamente humano; e o fim último de todos os atos livres do homem é o bem ou a felicidade. Só em Deus se realiza êste bem supremo capaz de satisfazer as nossas aspirações. S. TOMAZ coloca o fundamento da obrigação moral na vontade divina, que manda seja observada a ordem essencial das coisas. A lei eterna é a razão de Deus: *Ratio divinae sapientiae secundum quod est directiva omnium actuum et motionum creaturarum*. A lei natural é uma participação da lei eterna na creatura racional. As leis po-

sitivas são justas na medida em que se conformam com a reta razão e portanto com a lei eterna.

A sociedade tem sua razão de ser na própria natureza do homem. O homem é animal social: *animal sociale et politicum in multitudine vivens*. O governo existe para os indivíduos e não estes para aquêle. A autoridade deve concorrer para que se realize o fim da sociedade, que é o bem comum, pacificamente obtido. A bondade de um governo não depende propriamente da sua forma, e sim do zêlo, retidão e justiça com que visa o bem comum. S. TOMAZ reconhece que o regimen monárquico absoluto seria um excelente governo se o rei tivesse uma virtude perfeita; mas na prática facilmente êsse regimen degenera em tirania: *perfecta autem virtus in paucis invenitur*. (*Summa Theol.*, Ia IIae, q. CV, AL. ad. 2). E por isso pensa o grande Doutor que convém que tôdas as classes participem do exercício do poder, salvaguardando-se a paz social, que é o principal elemento do bem comum: “... *ut omnes aliquam partem habeant in principatu; per hoc enim conservatur pax populi, et omnes talem ordinationem amant et custodiunt*.”

15. Um dos maiores pensadores do período aureo da Escolástica foi o franciscano DUNS SCOT (JOHN ou JOANNES DUNS SCOTS), *Doctor Subtilis*, nascido por volta de 1270, em data controvertida, e morto em 1308 em Colônia, como professor da universidade. Discute-se ainda hoje o local do seu nascimento e a própria razão do cognome *Scotus*: as fontes contemporâneas nada informam a respeito. O nome Duns não resolve o problema, nem a favor da Irlanda, nem da Escócia, por haver localidades homônimas em ambas as regiões; nem se sabe, no caso do filósofo, se o nome era de lugar ou de família. Pensam alguns que João foi cognomi-



nado *Scotus* porque então a Nortúmbria era também chamada *Scotia*.

Entrou muito jovem para a ordem franciscana e estudou na universidade de Oxford, centro de antitomismo, vindo a ser, por volta de 1294, professor nessa mesma universidade, onde chegou a ter mais de três mil alunos. As obras de ROGÉRIO BACON influíram consideravelmente em seu espírito. Ensinou em Paris no princípio do século XIV e teve o título de doutor em teologia. Defendeu a tese da Imaculada Conceição contra os Dominicanos. Foi mandado pelos superiores para Colônia pouco tempo antes de sua morte.

DUNS SCOT não compôs nenhuma obra de conjunto, *Summa Philosophica* ou *Summa Theologica*, à maneira de alguns doutores célebres da Idade Média. Escreveu apenas comentários ou tratados a respeito de questões discutidas em sua época; mas mesmo êsses comentários não são explanações seguidas da obra aristotélica ou do livro de PEDRO LOMBARDO. Geralmente DUNS SCOT cita primeiro o texto ou supõe que já o conheçam, depois discute alguns dos pontos mais vivamente debatidos, com uma crítica penetrante, e com lógica premente refuta os argumentos dos adversários. Em rigor em seus escritos não expõe claramente um sistema; sua linguagem é freqüentemente obscura e por isso o estudo das suas obras não é fácil.

Não deixa todavia de haver algumas notas características do que podemos chamar o Escotismo. O primado conferido à vontade: *voluntas est superior intellectu*. Ao passo que S. TOMAZ ensinava que a vontade é necessitada pelo bem absoluto, DUNS SCOT reivindica para a vontade uma liberdade completa, porque, diz êle, a vontade pode afastar a inteligência da consideração do próprio fim último do homem. A inteligência é uma faculdade fatal, a vontade uma faculdade sempre

livre. Para S. TOMAZ o conceito de ser só convém *analógicamente* a Deus e às criaturas; DUNS SCOT, porém, acha que o ser convém a Deus e aos seres criados; mas a Deus *per se* e às criaturas *per participationem*. Também em Deus a vontade é preeminente: não só a existência, mas a própria natureza dos seres depende da vontade livre de Deus. Conseqüentemente, a distinção entre o bem e o mal. DUNS SCOT pensava que a filosofia é subordinada à teologia; esta se ocupa de assuntos de ordem sobrenatural, para os quais são insuficientes as forças da razão natural sem o auxílio da graça da revelação.

DUNS SCOT foi um espírito eminentemente crítico. Apesar de seus pontos de vista pessoais, diferentes dos de S. TOMAZ DE AQUINO, é um peripatético, ainda que tenha conservado alguma coisa da influência da corrente augustiniana. Valeu-lhe o título de *Doctor Subtilis* a finura de suas análises e também a dificuldade da teoria das formas, característica da sua metafísica. Grande nome na história da filosofia, foi também SCOT eminente nas virtudes.

16. Outra grande figura do admirável século XIII foi ROGÉRIO BACON, cognominado *Doctor Mirabilis*, nascido em data discutível, 1210 ou 1214, na Inglaterra. Estudou em Oxford e em Paris e entrou para a ordem franciscana. Foi professor na universidade oxoniana e morreu octogenário, em 1294. Deixou três obras notáveis, das quais o *Opus majus* dedicado ao papa CLEMENTE IV, é o mais importante; o *Opus minus* e o *Opus tertium* chegaram-nos incompletos. Era pensamento de Bacon realizar uma grande síntese (*Scriptum Principale*) que não chegou a compor. O *Opus majus* subdivide-se em sete partes, em que o autor trata das causas dos nossos erros, das relações da filosofia e da



ciência em geral com a teologia; das línguas, da matemática, da perspectiva, da ciência experimental e da filosofia moral. BACON foi um genuíno sábio, espírito enciclopédico, mas entusiasta do método experimental, observador e pesquisador incansável. Distinguiu-se em óptica, combateu o sistema astronômico de PROLOMEU, observou as fases da lua e previu muitas das modernas conquistas da ciência: barcos a vapor, estradas de ferro, telescópio, microscópio, navegação aérea etc. A aviação tem nêle um grande precursor, ao menos em teoria: previu a possibilidade de fabricarem-se *instrumenta volandi, ut homo sedens in medio instrumenti, revolvens aliquod instrumentum per quod alae artificialiter compositae aerem verberent, ad modum avis volaret*. Atribui-se-lhe, com menos exatidão, a invenção da pólvora, cuja potência aliás soube avaliar. Entreviu as radiações invisíveis: “Não há meio tão denso que os raios não possam penetrar. Se muitos corpos densos impedem a vista e os outros sentidos do homem, é que as espécies sensíveis são muito fracas para mover-lhe a faculdade; na verdade, entretanto, as espécies ou raios penetram, ainda que insensivelmente para nós”.

BACON considerava ARISTÓTELES o príncipe dos filósofos; mas, eminente linguista, indignava-se com as traduções latinas das obras aristotélicas, tão defeituosas que “as teria feito queimar tôdas, se isso estivesse em seu poder”. Também instou com o Papa para que se empreendesse uma correção do texto da *Vulgata*, cheio de numerosos erros devido aos copistas do século XIII. Os excessos de sua linguagem crítica, não raro provocadora, explicam a oposição que teve de sofrer. Como filósofo, BACON é menos notável do que como cientista. Merece, todavia, e mais porventura que o seu homôni-

mo do século XVI Francisco Bacon, que o consideremos precursor da ciência moderna.

17. GUILHERME DE OCAM (William of Ockham) nasceu na Inglaterra, na aldeia de Ockham, no condado de Surrey, por volta de 1280, e faleceu provavelmente em Munique, em 1349. Estudou em Oxford e foi aluno de DUNS SCOT. Entrou na ordem franciscana e foi mais tarde para Paris, onde teve ainda uma vez como mestre DUNS SCOT. Por seu turno veio a ser professor (*magister*) da universidade parisiense, tendo mais tarde resignado a sua cátedra. Tomou parte nas discussões políticas da época e defendeu o regalismo de FILIPE o BELO e de LUIZ DA BAVIERA contra o Papa. Conta-se que ao príncipe Bávaro ofereceu os seus serviços com as seguintes e arrogantes palavras: "Tu me defendas gladio; ego te defendam calamo". O Ocamismo é também chamado *Terminismo*, porque Ockham dava à palavra *terminus* um sentido especial. O universal, na sua opinião, não existe no mundo da realidade; as coisas são conhecidas por nós intuitivamente e não por abstração. O universal é que é objeto de conhecimento abstrativo. O conceito universal tem por objeto não uma realidade existente no mundo exterior, mas uma representação interna, que é produto do próprio entendimento. O conceito universal tem por *térmo* imediato as representações do entendimento; tem valor ideal, mas não real. Para que serve o universal? Faz às vezes da multidão de objetos aos quais é aplicável. Não é portanto uma simples palavra, mas o substituto mental das coisas reais; não tem valor objetivo fora de nós, mas existe realmente no entendimento. Só imprópriamente se poderia considerar o sistema de Ocam como nominalismo. É, antes, um conceptualismo simplificado. OCAM, levando ao extremo o ponto de vista de SCOT, restringiu



os poderes da razão, que, a seu ver, é incapaz de conhecer e demonstrar a existência de Deus. Só pela revelação podemos chegar a estas verdades. Atribui ainda Ocam absoluta autonomia da vontade a Deus, de modo que não há nem bem nem mal essenciais e Deus é o árbitro supremo, de tal jeito que a vontade divina poderia separar a malícia moral até mesmo dos atos que a nossa razão considera intrinsecamente maus. OCAM admitia que o poder civil pudesse intervir nas matérias relativas à Igreja e às suas prerrogativas espirituais. Foi um precursor de várias doutrinas errôneas, apesar da sinceridade de sua fé cristã. Já foi chamado “o primeiro Protestante”. Preparou o caminho à moral utilitária, ao positivismo e por outro lado ao idealismo metafísico. Há no fundo do ocamismo uma grande contradição: o seu fundador era um racionalista que ilógicamente recorria a um fideísmo cego. A posteridade, observa com razão G. SORTAIS, não ratificou o título de *Doctor Invincibilis* que lhe deram discípulos cheios de entusiasmo. Nem tampouco a opinião de Lutero, que o qualificou “o primeiro e o mais genial dos Escolásticos”. O ocamismo não sobreviveu muito tempo; Luiz XI em 1473 proscreeu-o das escolas. O realismo filosófico veio a prevalecer.

Alguns dos discípulos de Ocam na Universidade de Paris merecem rápida referência. Assim por exemplo JOÃO BURIDANO, ou BURIDAN, que chegou a ser Professor e Reitor da universidade (em meados do século XIV). É particularmente célebre pelo estudo do problema da liberdade, em que se manifestou a favor de um determinismo psicológico. A história que se costuma contar do asno colocado entre dois molhos de feno e que morreria de fome sem poder decidir-se quanto à escolha, não se encontra em suas obras, devendo ser lembrança de suas lições orais.

PIERRE D'AILLY (*Petrus de Alliaco*), cognominado *Aquila doctorum Franciae* (1350-1425), autor de numerosos trabalhos e de um *mappa mundi* que influenciou bastante no espírito de Cristóvão Colombo. Como filósofo escreveu um tratado *De Anima* e comentários sobre o livro *Das Sentenças*. Um dos seus discípulos ilustres foi JOÃO GERSON, místico notável a quem alguns atribuem a autoria da *Imitação de Cristo*, que outros com maior probabilidade atribuem a TOMAZ DE KEMPEN (*Thomas a Kempis*) 1380-1471, nascido em Kempen, na diocese de Colônia, religioso da ordem dos cônegos regulares de Santo Agostinho. Sabe-se qual a opinião de FONTENELLE a respeito da *Imitação*: "le plus beau livre qui soit sorti de la main des hommes, puisque l'Evangile n'en est pas."

18. Já tivemos ocasião de dizer que a filosofia escolástica, embora a mais notável, não é a única atitude filosófica medieval. Por outras palavras: não há identidade entre as expressões, *filosofia medieval* e *filosofia escolástica*. Houve também na Idade Média outras correntes filosóficas. Assim, por exemplo, são dignos de lembrança alguns filósofos árabes: AL-FARABI, AVICENA, ALGAZEL e, mais que todos, AVERROES. E, entre os judeus: AVICEBRON e MAIMONIDES.

AL-FARABI viveu no século X e foi tradutor e comentador de Aristóteles. Escreveu alguns tratados e há nas suas doutrinas panteístas alguma coisa dos Neoplatônicos. AVICENA (*Ibn-Sina*) (908-1036) era de origem persa, foi médico e teólogo e dizem ter escrito mais de 100 obras; aproxima-se do Peripatetismo, adotando a teoria das causas e a evolução do problema dos universais conforme as idéias de Aristóteles; mas dos Neoplatônicos lhe veio a doutrina panteísta da emanção e certas tendências místicas. ALGAZEL ou *Gazali*, (1058-1111) foi um defensor do Corão contra as teorias dos



filósofos, tendo escrito neste sentido uma obra intitulada *Destructio Philosophorum*; adota a teodicéia muçulmana; a sua moral mistura idéias gregas, cristãs e maometanas.

AVERROES (*Ibn-Roschd*, 1026-1098) nasceu em Córdova, estudou direito, medicina, matemática, filosofia e teologia, gozou de grande prestígio na corte dos Califas e exerceu cargos importantes na sua cidade natal, em Sevilha e em Marrocos, onde faleceu. Tendo perdido as boas graças do governo, foi banido e queimadas muitas de suas obras. Os seus comentários de ARISTÓTELES tiveram grande influência para a difusão e interpretação do Estagirita, ainda que Averroes, não conhecendo grego nem siríaco, tivesse baseado o seu trabalho numa tradução árabe imperfeita. Admitia a eternidade da matéria; contendo esta potencialmente tôdas as formas dela tiradas pelo Primeiro Motor. Averroes era panteísta e negava a imortalidade das almas. Para evitar a acusação de heresia, imaginou que o Corão podia ser duplamente interpretado: ao pé da letra, para os que não são sábios nem filósofos, e para estes uma interpretação alegórica ou figurada (a célebre doutrina das duas verdades). S. Tomaz combateu o averroísmo, doutrina que exerceu na época influência considerável e por isso mesmo deu ensejo a vivas discussões entre os Escolásticos.

19. Na corrente filosófica judaica, paralela à corrente arabe e não dela dependente, merece especial menção AVICEBRON (*Ibn-Gebirol*, 1020-1070), metafísico, muito influenciado pelas doutrinas neoplatônicas e cuja obra principal — *Fons Vitae* — foi muito discutida pelos Escolásticos. Avicebron tentou combinar a doutrina religiosa dos judeus com o Neoplatonismo. Admitia a universalidade da matéria e ensinava que tôdas as coi-

sas criadas se compunham de matéria e forma. Sòmente Deus era o ato puro.

MAIMONIDES (*Moisés Ben Maimun*, em árabe *Abu-Amran Musa*, 1035 1204) nasceu em Córdoba, de pais judeus espanhóis. Frequentou escolas judaicas e árabes, esteve na Palestina, na África do Norte e faleceu no Cairo. A sua obra escrita em árabe foi traduzida em francês com o título “Guide des Égarés” ou *Guia dos perplexos*. É dos seus escritos o que mais interessa à filosofia; tendo o autor tratado de medicina e de astronomia em outros livros, assim como de assuntos teológicos. É interessante a sua doutrina filosófica a respeito da inteligência humana, na qual distingue duas espécies: uma dependente do corpo e portanto material e outra imaterial e independente do organismo, sendo uma emanção direta do intelecto ativo universal. Esta imaterialidade confere à alma uma perfeição em que consiste a felicidade do homem e é a garantia da imortalidade. As suas idéias têm pontos de contato notáveis com as de SPINOZA, sôbre as quais devem ter exercido grande influência.



## VII

### A FILOSOFIA MODERNA

1. Já dissemos anteriormente que é discutível e de fato discutida a data inicial da Idade Moderna. Por outro lado não padece dúvida que as grandes invenções, os descobrimentos marítimos, as lutas religiosas entre católicos e protestantes e o grande movimento literário e artístico denominado Renascimento ou Renascença caracterizam o comêço de um novo ciclo histórico e o distinguem da Idade Média. A imprensa é, das grandes invenções, a que melhor assinala o princípio da Modernidade, na segunda parte do século XV. Mas desde o século XIII e XIV já se vinha acentuando na Europa um notável progresso intelectual; o século de Alberto Magno, de Tomaz de Aquino e de Rogério Bacon foi também o do esplendor das universidades. Não só a teologia e a filosofia tiveram então grandes nomes; a *Divina Comédia* é de 1300, ainda no limite do século em que a architectura apresenta algumas das mais admiráveis catedrais góticas. Em rigor o Renascimento foi uma continuação e não, como poderia parecer pela própria palavra, uma ressurreição. O Pré-Renascimento liga o fim da Idade Média ao princípio dos Tempos Modernos. DANTE e PETRARCA não foram só grandes poetas: aquêle foi também um escolástico e o último um perfeito humanista, erudito e infatigável pesquisador de manuscritos e renovador dos métodos do estudo. A Renascença portanto, por um dos seus aspec-

tos constitui uma seqüência e não algo de inteiramente novo. Houve, porém, decisiva influência do ideal pagão contraposto ao ideal nitidamente cristão da Idade Média. A um tempo decadência e renovação, daí resultou afinal um grande progresso artístico, literário e também científico, ainda que a custa, não raro, de lamentável afrouxamento dos preceitos da moral evangélica.

Deve-se reconhecer no movimento intelectual dos últimos séculos da Idade Média uma das causas do Renascimento; mas outras concorreram inegavelmente: a imprensa, que facilitou o conhecimento das obras antigas e a rápida difusão das idéias: e a ação dos humanistas, explicando e comentando os textos gregos e latinos.

2. Do ponto de vista filosófico, o Renascimento é um período de transição entre a Idade Média e os Tempos Modernos. As letras e as artes tiveram sem dúvida grandes representantes e seria dar prova de parcialidade negar o valor desses artistas e de suas obras. Já do ponto de vista filosófico temos que ser severos, dentro da justiça, reconhecendo que não há um só grande nome, comparável aos pensadores do século XIII, por exemplo, ou da antiguidade clássica. Uma das características desse período da Renascença é a admiração, muitas vezes excessiva, pelas obras primas da Grécia antiga e da própria Roma e o desprezo da fase medieval, considerada injustamente, e combatida de modo especial na sua filosofia cristã. Reconheçamos todavia que o período correspondente ao século XIV foi para a Escolástica de verdadeira decadência. ARISTÓTELES, que fôra considerado o filósofo por excelência, num culto por vezes exagerado, encontra agora opositores, ou então intérpretes que pretendem servir-se de suas



doutrinas para atacar os dogmas e defender a independência da razão relativamente ao ensino tradicional da Igreja. Outra característica desse período é o entusiasmo pelo estudo da natureza, aliás feito as mais das vezes de maneira pouco científica (tentativas extravagantes de alquimistas, de astrólogos e de entusiastas das chamadas ciências ocultas). Ainda outra característica: a preocupação da forma, da pureza de estilo, da imitação, por exemplo, de CÍCERO, a qual o próprio ERASMO ridiculiza no seu *Diálogo Ciceroniano*. O *humanismo*, tem em Erasmo o seu mais alto representante. Nascido em Rotterdam em 1467, morreu em Basiléia em 1536. A sua obra dedicada a Tomaz More, o *Elogio da Loucura*, é uma sátira famosa, que em poucos meses teve sete edições e na qual o autor não poupa indivíduos nem classes, nem a própria Igreja. A Sorbona censurou-lhe os *Colóquios* pela sua audácia. Erasmo não foi genuíno filósofo, mas apenas um estilista que escrevia num latim de rara elegância. É difícil situá-lo bem, quer no catolicismo, quer no protestantismo nascente; nem esqueçamos que defendeu contra Lutero o livre arbítrio e foi amigo constante de Tomaz More, vítima heróica da tirania de Henrique VIII de Inglaterra.

Outro nome que merece rápida menção entre os humanistas é o de PIERRE DE LA RAMEÉ (*Petrus Ramus*), que defendeu uma tese na qual afirmava que tudo quanto disse Aristóteles é falso; e que, sendo, como se vê, um apaixonado, morreu vítima de fanáticos ainda mais apaixonados em 1572, por ocasião dos lamentáveis morticínios da noite de S. Bartolomeu.

3. Desde o fim do século XIV o sábio grego EMANUEL CRISÓLORAS ensinava em Florença e noutras cidades. Os eruditos bizantinos, fugindo à invasão turca, ou procurando refúgio na Itália após

a queda de Constantinopla, encontram a proteção do Papado e de alguns príncipes, de talento. Os novos Mecenas, que assim escolhem e animam letrados e artistas, são, por exemplo: NICOLAU V, que ocupou o trono pontifício de 1447 a 1455 e fundou a Biblioteca do Vaticano; Pio II (1458-1464), humanista chamado (*Enéias Sívio Piccolomini*); JÚLIO II (1503-1513), que lançou em 1506 a primeira pedra da basílica de S. Pedro e foi um dos maiores protetores das artes; LEÃO X (1513-1521), da ilustre família dos Médicis, a quem tanto já deviam as letras, amigo de RAFAEL, MIGUEL ÂNGELO, BEMBO e outros vultos eminentes da Renascença e cujo nome ficou ligado ao próprio século. Em Florença, os Médicis (LOURENÇO o MAGNÍFICO, pai de JOÃO DE MÉDICIS, que foi o papa LEÃO X); em Milão, os SFORZA e, ainda, os duques de UBRINO e de FERRARA atraem às suas côrtes pintores, poetas, filósofos e eruditos, oferecem-lhes banquetes, interessam-se por seus trabalhos. JORGE DE TREBIZONDA, TEODORO DE GAZA, JOÃO ARGIROPULO, o cardeal BESSARION, entre outros, são representantes ilustres da erudição bizantina. Com êles aprendem os italianos a língua e a literatura grega. O século XV é, sobretudo, um período de erudição.

O conhecimento da língua grega e o entusiasmo pela antiguidade helênica explicam também a revivescência do Platonismo. Foi JORGE GEMISTOS PLETON (1355-1450) quem introduziu em Florença a doutrina perante um auditório escolhido, que se entusiasmou com a sua palavra. COSME DE MÉDICIS resolveu fundar a Academia Platônica. MARSILIO FICINO (1433-1499), florentino, foi o primeiro presidente dessa academia e dizem que levou o seu entusiasmo, sendo sacerdote e prêgador, a ponto de recomendar do alto do púlpito que lêssem as obras do grande filósofo grego. O mais extraordinário dêsses eruditos impregnados de Platonis-



mo foi PICO DELLA MIRANDOLA (1463-1494), prodígio de precocidade, de memória e de erudição. Com menos de 20 anos sabia mais de 20 línguas; foi a Roma para defender novecentas teses sobre metafísica, dialética, moral, teologia, cabala e física, enfim *de omni re scibili*. Pico della Mirandola não era em rigor um platônico intransigente: tentou conciliar Platão e Aristóteles, S. Tomaz e Duns Scot, Avicena e Averroes. É estranhável entretanto a sua excessiva credulidade quanto às doutrinas e processos cabalísticos.

Outro erudito, humanista notável, a quem muito deve a filologia clássica e hebraica na Alemanha, foi JOÃO REUCHLIN (1455-1522). Esteve na Itália, onde sofreu a influência de Pico della Mirandola, e morreu em Stuttgart. Apesar de ter criticado vivamente as ordens religiosas e o próprio Papado, Reuchlin não seguiu o exemplo de seu sobrinho MELANCTON, que abraçou o Luteranismo.

A admiração exagerada pelas idéias platônicas não impediu, antes provocou, uma reação dos partidários de Aristóteles, alegando muitos destes últimos que a Escolástica havia apresentado o Estagirita e suas doutrinas sob falsas vestes. Observa aqui um autor maliciosamente: serviu isto ao menos para contrabalançar a outra crítica, igualmente injusta, de haverem os Escolásticos adotado sempre de modo servil o pensamento aristotélico. Podemos distinguir duas correntes nestes intérpretes modernos de Aristóteles: os alexandristas, em Bolonha, e os averroistas, em Pádua; nem faltaram os ecléticos, que procuraram conciliar num meio termo os dois partidos. Na primeira corrente citaremos PEDRO POMPONAZZI (1462-1524), que entre outras obras escreveu um livro a respeito do problema da predestinação divina e da liberdade humana, que supunha inconciliáveis do ponto de vista da razão, não porém da

fé. Fugia assim, convencido ou não, às conseqüências de uma doutrina perigosa, com a distinção sofística entre verdades científicas e verdades puramente de fé. Na segunda corrente: ALEXANDRE ACHILLINI (1463-1518), a quem os contemporâneos cognominaram, com evidente exageração, o segundo Aristóteles". Dos Ecleticos: CESAR CREMONINI (1550-1631), que ensinou filosofia durante meio século em Ferrara e em Pádua, onde também ensinou medicina; chamaram-lhe *Aristóteles Redivivo*.

4. Reagindo contra tôdas estas tentativas de ressurreição de velhas doutrinas, há o grupo de entusiastas da observação direta da natureza, cultores das ciências físicas e naturais. Dêsses é particularmente notável BERNARDINO TELÉSIO (Cosenza, perto de Nápoles, (1508-1588). Estudou em Milão, Roma e Pádua. Foi um dos adversários do aristotelismo. A sua obra principal é intitulada *De Rerum Natura Juxta Propria Principia*. Opõe à doutrina de que tudo se compõe de matéria e forma, outra: de que tudo resulta de matéria e força. Um dos seus mais ardentes discípulos foi CAMPANELLA; outro foi GIORDANO BRUNO.

TOMAZ CAMPANELLA nasceu na Calábria (1568-1639), foi discípulo de Telésio e entrou muito cedo para a ordem de S. Domingos, atraído pela fama que tinham deixado Alberto Magno e Tomaz de Aquino. Irritou pela sua agressividade os peripatéticos intolerantes. Em 1603 foi condenado a prisão perpétua, só obtendo liberdade 26 anos depois. Novamente implicado numa conspiração, conseguiu fugir para a França, onde Luiz XIII e Richelieu o protegeram. Passou em paz o resto da vida no convento dos Dominicanos, em Paris. A mais célebre de suas obras é "A Cidade do Sol" (*Civitas Solis*), onde imagina uma cidade ideal, em que o regimen é comunista. Não há propriedade individual



e tudo é de todos. Cada um recebe um encargo conforme as suas aptidões e participa do produto do trabalho conforme suas necessidades e seu mérito. Parece entretanto que êsse livro, escrito durante o longo período em que esteve preso o autor, não exprime em rigor as suas idéias, mas é antes um sonho de sua imaginação. Há realmente grandes contradições entre estas idéias e as de outros trabalhos do autor, como o *De Monarchia Hispanica*. É mérito inegável de Campanella ter, antes de DESCARTES, reconhecido a competência da razão humana nas questões filosóficas e científicas e, antes de BACON e da publicação do *Novum Organum*, recomendado a observação e a experiência, condenando os que para resolver problemas de física se baseavam apenas na autoridade de Aristóteles. Ao passo que Francisco Bacon não aceitou o sistema copernicano, Campanella escreveu no cárcere uma defesa de Galileu.

GIORDANO BRUNO (1548-1600) entrou aos 16 anos para o convento dos Dominicanos de Nápoles. Ardente e impetuoso, acabou acusado de heresia e obrigado a fugir. Levou uma vida irregular através da Europa. Indispôs-se não só com os católicos, mas também com os protestantes. Denunciado afinal à Inquisição e examinados os seus livros, recusou-se a qualquer retratação, sendo condenado e executado em Roma. Giordano Bruno admitia uma fôrça única imanente na matéria e com ela identificada: panteísmo no qual não há distinção entre Deus e o universo e que outros filósofos mais tarde adotaram com algumas modificações (SPINOZA e HEGEL, por exemplo).

5. Alguns dos nomes do Renascimento literário devem ser lembrados aqui embora de passagem. Assim o de MACHIAVEL (1469-1527), Niccolò Machiavelli, em italiano), foi historiador e político, publicista fecundo e

apreciável prosador. Sua obra capital, *O Príncipe*, oferecida em manuscrito a LOURENÇO DE MÉDICIS, só foi publicada póstuma. As suas idéias levam a uma exagerada subordinação de tudo ao Estado. Chega assim ao extremo de empregar o bem e o mal segundo as necessidades. O maquiavelismo veio a ser tomado, no sentido pejorativo, como sinônimo da política firmada na astúcia e na má fé, sistema imoral em que o fim justifica os meios. Maquiavel foi todavia um ardente patriota, que sonhava já com a unidade da Itália e seu livro reflete bem a época em que viveu.

TOMAZ MORE (1480-1535), nasceu em Londres, estudou em Oxford, distinguiu-se nas letras, tornou-se amigo de Erasmo, foi eleito para o Parlamento e chegou a ser chanceler do Reino. Teve a coragem de desaprová-lo o procedimento escandaloso de Henrique VIII e isto lhe trouxe como consequência a morte no cadafalso, martir da fé católica. A sua obra mais célebre, escrita em latim elegante, é uma espécie de romance de fundo político e filosófico: *Utopia*, publicado em Basileia por Erasmo. Nessa obra se descreve um estado ideal, como a *República* de Platão, ou como o que mais tarde imaginou Campanella na *Civitas Solis*.

Alguns escritores do Renascimento ocuparam-se de assuntos filosóficos, sem que tenham sido propriamente filósofos. Assim por exemplo MONTAIGNE (1533-1592) com os seus *Ensaíos*, em que transparece, através de um ceticismo elegante, um epicurismo requintado.

6. As discussões teológicas consequentes ao movimento da Reforma e a negação pelo próprio LUTERO da liberdade psicológica, a doutrina da predestinação absoluta de eleitos e não eleitos ensinada pelos Calvinistas e a necessidade que teve a Igreja católica de esclarecer a boa doutrina diante da multiplicidade das correntes protestantes, tudo isto mostra que vários pontos filosó-



ficos foram debatidos na época da Reforma e da Contra-Reforma. Mas nem LUTERO, nem CALVINO, nem MELANCTON foram propriamente filósofos. Quanto a ZUÍGLIO, foi um humanista, apreciador das doutrinas estoicas e neoplatônicas e das obras de Picco della Mirandola. Tentou conciliar o Protestantismo com o Humanismo. Dentre os jesuitas, que desde logo se distinguiram nas controvérsias teológicas e filosóficas, merece referência LUIZ MOLINA (1536-1600), o qual procurou mostrar como podem coexistir o livre arbítrio e a presciência divina. Segundo a teoria da *ciência média*, exposta por Molina, é fácil estabelecer um acôrdo entre a eficácia da graça divina e a liberdade da vontade humana. Mas o maior de todos os renovadores da Escolástica foi sem dúvida FRANCISCO SUAREZ (1548-1617), *Doctor Eximius*. Foi ao mesmo tempo teólogo, filósofo e jurista. Embora aceite a miudo as doutrinas do *Doutor Angélico*, não raro apresenta e defende idéias originais. Já se disse dêle que é depois de S. Tomaz a personificação mais eminente da filosofia escolástica. No seu *De Legibus* combate o pretenso direito divino dos monarcas. Suarez foi, ao mesmo tempo, notável na ciência e nas virtudes. Conservou no meio do grande brilho do seu ensino a maior modéstia e ainda se notabilizou nesta admirável lição: jâmais deixou a serenidade no ardor das mais vivas discussões. As suas idéias exerceram influência apreciável, não só em pensadores católicos, como também em espíritos eminentes de outros sectores.

7. FRANCISCO BACON, Lord Verulam, Visconde de S. Albano (1561-1626), nasceu em Londres, estudou em Cambridge e na sua carreira política chegou a ser grande chanceler do Reino. Acusado de venalidade, foi condenado pelo Parlamento a prisão e multa; mas o Rei perdoou a pena, sem todavia restabelecê-lo nas suas

funções. Retirando-se para a vida privada, dedicou-se inteiramente aos assuntos filosóficos e científicos. A sua obra principal, escrita em latim, tem por título *Instauratio Magna* e deveria constar de seis partes; Bacon, porém, só terminou duas. Na primeira, *De Dignitate et Augmentis Scientiarum*, o autor ataca o princípio de autoridade, que exerceu uma influência perturbadora nas ciências. Bacon acha que a verdade é filha do tempo e não da autoridade: *veritas temporis filia, non auctoritatis*. Classifica as ciências de modo diferente dos seus predecessores: *ciências históricas* (que dependem principalmente da memória) e que abrangem a história natural e a história civil; *ciências poéticas* (que dependem da imaginação) e que abrangem de um modo geral a poesia; e *ciências filosóficas* (que dependem da razão) e que incluem a filosofia primeira, isto é o conjunto dos princípios comuns a tôdas as ciências e a filosofia propriamente dita, com as suas subdivisões: a ciência de Deus, a ciência do homem e a ciência da natureza, sendo esta última a mais importante de tôdas.

A segunda parte da grande obra baconiana é o *Novum Organum*, em oposição ao *Organon* aristotélico. Bacon estuda especialmente a indução, as causas dos erros e os próprios erros. Abrange esta parte dois livros: no primeiro são afastados os obstáculos ao progresso da ciência; no segundo é indicado o meio de obter êsse progresso. Bacon não fundou propriamente um sistema filosófico, mas é inegável o seu merecimento quanto à defesa do método indutivo, cujas regras formulou de maneira notável. Adversário do silogismo, despreza de modo injusto tôda a obra daqueles que o precederam e não trepidou em chamar ao próprio Aristóteles “detestável sofista” e a Platão de “vaidoso poeta”. Estudando os obstáculos ao progresso científico aponta Bacon os seguintes como principais: respeito supersticioso da antiguidade; uso do silogismo; e



os preconceitos ou erros, designados com o termo *idola*. Bacon denomina *ídolos* a êsses preconceitos e noções errôneas, porque usurpam o lugar da verdade e recebem uma espécie de culto que não lhes cabe. Quatro são as classes dêsses preconceitos ou erros: *idola tribus*, *idola specus*, *idola fori*, *idola theatri*. Os primeiros, *idola tribus*, são comuns à natureza humana em geral; os segundos, *idola specus*, derivam da individualidade de cada um, prisioneiro por assim dizer na gruta ou caverna dos seus próprios preconceitos ou superstições; os seguintes, *idola fori*, resultam da imperfeição da linguagem e do trato social; enfim os últimos, *idola theatri*, são consequência das escolas filosóficas e da autoridade dos mestres. Como se vê, as denominações dadas por Bacon são a um tempo irônicas e poéticas.

O método baconiano merece atenção especial. Em lugar de simples especulações abstratas, recomenda o autor do *Novum Organum* a pesquisa das causas dos fenômenos: *vere scire per causas scire*. Não se deve preocupar a ciência experimental com as causas finais, objeto da teologia; mas deve pesquisar as causas formais ou leis dos fenômenos. Para descobrir essas leis, é ineficaz o silogismo. Bacon recomenda a observação dos fatos e dos indivíduos, seres concretos; a experimentação ou provocação dos fenômenos, e enfim a organização de tabelas de *presença*, de *ausência* e *gradações*. Permitem essas tabelas verificar se há ou não entre dois fenômenos relação de causalidade (*posita causa, ponitur effectus; sublata causa, tollitur effectus, variante causa, variatur effectus*).

Pessoalmente, no campo experimental, não foi grande a contribuição baconiana. Mas o próprio filósofo em múltiplas passagens de sua obra declara que só teve em mira abrir o caminho e tocar os sinos matinais para despertar os que dormem.

Ainda que tenha sido de certo modo o fundador do empirismo moderno, não foi contudo Francisco Bacon um materialista, nem muito menos um ateu. Bastaria lembrar êste pensamento seu, aliás conhecidíssimo: “verum est... leves gustus philosophiae movere forte ad atheismum, sed pleniores haustus ad religionem reducere”.

8. Dos discípulos e continuadores de Bacon, merecem referência especial HOBBS (1588-1679) e GASSENDI (1592-1655).

THOMAS HOBBS escreveu várias obras, das quais a mais conhecida, ou melhor a mais citada é o *Leviathan*, publicado em 1651, e no qual o autor expõe as suas idéias políticas e religiosas. Pode-se dizer que HOBBS tirou, com lógica rigorosa, as conseqüências do empirismo baconiano. Materialista, Hobbes baseia a sua concepção da vida moral e social no instinto de conservação pessoal, assim como a sua concepção da existência se funda nas leis do movimento mecânico. Nega que o homem tenha o instinto da vida social. No estado natural, fazendo abstração da vida política o que se encontra é a guerra de todos contra todos (*bellum omnium contra omnes*). Quando a força é medíocre, supre o que lhe falta com a astúcia. Hobbes repele a idéia de que haja uma reta razão no mundo. O instinto de conservação pessoal é em sua forma elementar o único objetivo que os homens procuram. A monarquia absoluta é a única forma de governo que, não obstante as objeções que possa provocar em tese, garante a paz e obsta que os homens voltem às condições da vida primitiva, em guerra constante uns contra os outros (*homo homini lupus*). O *Leviathan* seria assim o monstro horrível símbolo da sociedade humana, que devora todos os direitos individuais. Na opinião de outros, porém, o título do livro significa apenas uma obra de arte, opi-



*ficium artis*, a *Cidade*, que, embora artificial, é infinitamente superior em massa e em força ao homem natural.

Foi grande a influência de Hobbes no empirismo anglo-saxônico; e de um modo geral já se encontram nêles quase tôdas as doutrinas sensualistas, cépticas e absolutistas do século XVII e XVIII.

9. RENÉ DESCARTES (1596-1650) em latim *Renatus Cartesius*, — e daí *Cartesianismo* —, nasceu em La Haye, na Turena, em França. Estudou com os Jesuitas e dedicou-se de modo especial à matemática. Seguiu a carreira das armas, viajou pela Europa, residiu algum tempo na Holanda e faleceu na Suécia, aonde o atraíra a rainha Cristina. Descartes é considerado, e com toda a razão, o pensador mais eminente que inaugura o ciclo da filosofia espiritualista moderna. Assim como Bacon influíu de modo decisivo para o desenvolvimento da corrente empirista inglêsa, decisiva foi também a influência cartesiana na corrente idealista, que se preocupa muito pouco, ou mesmo nada, com a realidade contingente, puramente material. As obras principais escritas por Descartes são: *Discours de la Méthode* (1637), *Meditationes de Prima Philosophia* (1641), *Principia Philosophiae* (1644) e o *Traité des Passions* (1650). Sairam póstumas as seguintes: *Traité de l'Homme*, *Règles pour la Direction de l'Esprit*, *le Monde de Descartes* ou *le Traité de la Lumière*.

Seduzido pelo caráter de evidência e de rigor da matemática, pretendeu o filósofo aplicar um método semelhante às realidades concretas, fundando uma como que matemática universal. Para isso julgava necessário primeiro examinar tôdas as proposições e verificar se são verdadeiras. A evidência é a característica da verdade: não devemos receber nenhuma afirmação como verdadeira, se não fôr evidente, ou reduti-

vel à evidência, por meio de um raciocínio rigoroso. É preciso decompor o mais possível as dificuldades em seus elementos, afim de resolvê-las (*análise*); e conduzir os pensamentos de jeito que possamos ir dos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer até aos mais complexos e difíceis (*síntese*); enfim fazer enumerações e rever tudo de modo tão completo que não seja omitida coisa alguma importante (*verificação*).

Descartes assenta portanto todo o seu sistema na evidência, da qual temos a intuição. É célebre a maneira por que exprime a primeira das evidências, aquela pela qual cada um de nós sabe que existe, pelo próprio fato de pensar: *Cogito, ergo sum*. Desta primeira evidência podemos deduzir tôdas as verdades psicológicas, assim como as que se referem a Deus e ao mundo. Na opinião de Descartes, a primeira verdade demonstrável, saindo do próprio eu, é a existência de Deus. Na sua teodicéia admite o filósofo uma prova *a priori*, além de outra *a posteriori*. Aquela é afinal o célebre argumento de S. Anselmo, apresentado de maneira diversa: o homem se conhece como um ser imperfecto, graças à análise do seu próprio pensamento; mas é capaz de conceber um ente absolutamente perfeito; êste ser de absoluta perfeição tem que possuir a existência, sem o que não seria totalmente perfeito. Êste ser é Deus e existe necessariamente. Como se vê, em última análise, recaímos no argumento ontológico, rejeitado por S. Tomaz, conforme tivemos ensêjo de dizer em outro capítulo. Aos olhos de Descartes, porém, essa demonstração era de rigor geométrico. Outra prova da existência de Deus, esta *a posteriori*, baseia-se na idéia do infinito, que existe em nós e deve ter uma causa; ora todos os sêres são finitos e não poderiam dar-nos a idéia do infinito, nem do perfeito; logo deve existir uma causa infinita e perfeita, da qual derive



essa idéia que existe em nós: é Deus (note-se que o filósofo introduz no seu raciocínio o princípio de causalidade). Também somos levados a reconhecer a necessidade de um ser que não dependa de condições, afim de podermos explicar a existência de nós mesmos, seres contingentes. Descartes todavia não podia usar argumentos tirados da ordem física, uma vez que o conhecimento das coisas sensíveis, a seu ver, depende da existência divina.

Para Descartes o universo se resume em matéria e movimento, ou melhor em extensão e movimento, já que a matéria é essencialmente extensão. Com a extensão e o movimento achava o grande pensador que seria capaz de construir o mundo. O sistema cartesiano é um mecanismo, de que Deus é o Primeiro Motor. À matéria, criada primitivamente homogênea e inerte, comunicou êle o movimento, que explica as transformações observáveis através do tempo, isto é os fenômenos estudados pelas diversas ciências. Em rigor todas elas dependem da mecânica. Na sua psicologia Descartes faz consistir no pensamento toda a essência da alma. Não se reduz entretanto o pensamento apenas aos fenômenos representativos ou intelectivos, mas a todo o vasto campo de consciência, incluindo os fenômenos da afetividade e da vontade. Descartes vê a prova da espiritualidade da alma no fato de ser irreduzível o pensamento à extensão e ao movimento, que explicam todos os seres e fenômenos observáveis no mundo exterior.

Não conseguiu Descartes resolver o problema da união da alma e do corpo, ou seja de um pensamento puramente espiritual com uma extensão material. Daí o ter apelado para um intermediário, os *espíritos animais*, flúido sutil comparável ao fogo. É também criticável que tenha situado a alma na glândula pineal.

O maior êrro de Descartes foi querer aplicar a tudo o método matemático, exageração oposta à de Bacon, que desprezava o silogismo, para só aceitar o método indutivo. Como disse V. COUSIN, o demônio da geometria foi o mau gênio de Descartes. Com as três idéias apenas de pensamento, perfeição e extensão quis explicar tudo, desprezando injustamente a observação e a experiência. Vemo-lo na própria aceitação do argumento ontológico, a que o bom senso do Doutor Angélico havia recusado aquiescência. Não obstante tôdas as restrições que merece o Cartesianismo, as suas contradições e a influência perturbadora que exerceu em sua época em França e fora dela, não há negar que Descartes pertence ao número dos pensadores mais eminentes de que se pode orgulhar a filosofia moderna.

10. Dos escritores franceses do século XVII, período aureo das letras, denominado por VOLTAIRE *século de Luiz XIV*, os que mais sofreram a influência cartesiana foram: ARNAULD, PASCAL, BOSSUET, FÉNELON e MALEBRANCHE. Dêstes o mais eminente como escritor, não porém como filósofo criador de algum sistema, foi PASCAL (1623-1662). Gênio precoce, matemático, físico, admirável estilista, imortalizou-se com os seus *Pensamentos*, material esparso de uma projetada, mas não concluída, apologia do Cristianismo. ARNAULD foi o mais notável dos jansenistas de Port-Royal. BOSSUET, grande orador sacro, compôs uma lógica e outros trabalhos de fundo filosófico para a educação do Delfim e no seu *Discours sur l'Histoire Universelle*, publicado em 1681, aplica à interpretação dos fatos históricos a tese do Providencialismo, isto é: o progresso da humanidade resulta de um plano divino, que admite a livre cooperação do homem. Essa tese fôra a de S. Agostinho na sua obra *De Civitate Dei*. FÉNELON escreveu um *Tratado da Existência de Deus*, admitindo a teoria platônica da



intuição racional da existência divina, afastando-se aliás neste ponto do próprio Descartes, para quem a idéia de Deus resultava de uma concepção, não porém de uma visão direta. O cartesiano mais digno de atenção foi MALEBRANCHE, oratoriano, nascido em Paris em 1638 e morto em 1715. Adotando quase tôdas as idéias de Descartes, sofrendo ainda a influência de Platão e de S. Agostinho, mostra-se freqüentemente injusto em relação a Aristóteles. Suas obras principais são *La Recherche de la Vérité*, *Méditations Chrétiennes* e *Entretiens sur la Métaphysique*... Costuma-se resumir a doutrina de Malebranche sob o nome de *Ocasionalismo*: a causa verdadeira e primária de tudo é Deus e os fatos particulares são apenas ocasião de outros fatos, mas não os produzem. Deus, soberana perfeição, criou para a sua glória todo o universo; revela-se constantemente à inteligência do homem e torna-se sensível ao seu coração; é para todos os fenômenos do universo material a causa única eficiente e para o homem o único inteligível atualmente contemplado e o único bem para o qual, atualmente e de maneira obscura, tendem todos os desejos. Malebranche todavia não cai no panteísmo: nem a visão em Deus, nem a criação continuada identificam Deus com o mundo. Firme na sua fé, Malebranche distingue substancialmente Criador e criatura e sustenta contra os jansenistas a liberdade do homem. Como S. Agostinho e S. Tomaz, separa Malebranche as noções acessíveis à inteligência humana e as que ensina a revelação: "Les faits de la religion, ou les dogmes révelés sont mes expériences en matière de théologie, jamais je ne les révoque en doute".

Deve-se reconhecer entretanto que Malebranche forma por assim dizer a ligação entre os princípios cartesianos e as conseqüências deduzidas por SPINOZA e

LEIBNIZ, que não tiveram para detê-los em seu caminho a influência protetora de uma sincera fé católica.

11. SPINOZA (D'ESPINOZA ou DESPINOZA) nasceu em Amsterdam em 1632 e faleceu em Haia em 1677. Pertencia a uma família de negociantes judeus de origem portuguesa. Chamava-se BARUCH, nome que depois traduziu para o equivalente latino de BENEDITO. Desde cedo, na escola dos judeus portugueses de Amsterdam, revelou talento e aplicação. Tencionavam prepará-lo para rabino; êle, porém, era um discípulo que, embora modesto, se mostrava inquieto e inquietante com seu espírito crítico, em relação não só à Cabala, mas também quanto à Escritura. Já vimos anteriormente, a propósito de MAIMONIDES, alguns pontos de contato entre as suas idéias e as de SPINOZA. Também as doutrinas panteístas de AL-FARABI influíram no filósofo, a quem os judeus ortóxos começavam a olhar com suspeita. A filosofia cartesiana é que ia ter sobre o seu espírito a maior e a mais decisiva das influências. “Reconhecemos que há muitas diferenças entre DESCARTES e SPINOZA; apesar de tudo continuamos a crer que no sistema religioso de SPINOZA existe algo da doutrina cartesiana (SIWEK)”. A extensão, o espaço, o vácuo, o movimento, a ação, quase toda a física, tirou-a SPINOZA do grande pensador francês. Foi ainda DESCARTES quem mostrou a SPINOZA como empregar demonstrações geométricas em assuntos filosóficos. Enfim a teoria do conhecimento aceita por SPINOZA em seus elementos essenciais deriva de DESCARTES.

Excomungado pelos rabinos por haver negado a autoridade divina da Escritura, refugiou-se SPINOZA em Haia, onde exerceu o modesto ofício de polir vidros para lunetas, telescópios e microscópios. Aprendera êsse ofício na casa paterna; nada tinha aliás de desonroso: exerceram-no também homens eminentes como



HUYGHENS e o próprio DESCARTES. Visitaram SPINOZA figuras ilustres de seu tempo, LEIBNIZ por exemplo; CONDÉ o quis ver; Luiz XIV ofereceu-lhe uma pensão; propuseram-lhe a cátedra de filosofia de Heidelberg: tudo recusou e morreu pobre, tuberculoso, aos 45 anos.

A sua primeira obra foi uma *Demonstração dos Princípios de DESCARTES*. (*Renati Des Cartes principiorum philosophiae Pars I et II, more geometrico demonstratae*) publicada em Amsterdam em 1663; sete anos mais tarde saiu o *Tractus theologico-politicus*. A *Éthica more geometrico demonstrata* e outros tratados foram publicados após a morte de SPINOZA. Poderemos dizer aqui, com FARIAS BRITO, que chegamos ao ponto culminante do racionalismo. O discípulo de DESCARTES leva às conseqüências extremas as premissas do sistema cartesiano. Desdenha a observação e os dados da experiência. Procede por axiomas, teoremas e corolários. A idéia fundamental do sistema é a unidade substancial de Deus e do mundo: Deus é a substância única, necessária, eterna, infinita. Dos seus atributos só podemos conhecer o pensamento e a extensão. Para MALEBRANCHE o Criador não se confunde com as criaturas; para SPINOZA não há criaturas, porque não houve propriamente criação: todos os seres são modificações finitas dos atributos da substância infinita; os corpos são modos de extensão e os espíritos são modos de pensamento. Cada coisa é uma manifestação parcial de Deus; o conjunto de tôdas as coisas, isto é a natureza ou o mundo, a manifestação total de Deus. Deus, universo, natureza equivalem-se. É como se vê, a negação do sobrenatural. Panteísmo rigoroso em que tudo está sujeito a um determinismo inexorável, pois tudo resulta de Deus por uma causalidade absoluta; o que é, tinha de ser, nem podia deixar de ser, pois já estava encerrado na própria essência divina. Se o mundo

existe é que, de acôrdo com a natureza divina, tinha de existir e não porque Deus o tivesse concebido e querido, pois nêste caso Deus estaria fora do mundo. Entretanto para SPINOZA Deus é a liberdade absoluta, mas num sentido muito diferente do que poderia parecer: só é livre porque não depende de nada, não está sujeito a nenhuma lei, só obedece a si mesmo, isto é à sua própria natureza. SPINOZA não admite entretanto o livre arbítrio, nem em Deus, nem no homem, uma vez que tudo quanto aconteceu tinha de acontecer necessariamente. Negando a criação no sentido corrente do vocábulo, negando o sobrenatural, negando a finalidade do mundo e negando enfim a liberdade, SPINOZA fundou um sistema que (FARIAS BRITO o reconhece, mesmo quando ainda lhe sofria a poderosa influência) (1), devia causar pela estranheza e originalidade verdadeiro espanto e até revolta da parte dos contemporâneos (23).

---

(23) Escreveu KUNO FISCHER: "Mesmo homens como Bayle e Leibniz trataram a doutrina de Spinoza como uma coisa desprezível e com razão condenada. E aqui Farias Brito observa: "É certo que Spinoza se opunha a direções do pensamento até então predominantes. Fazendo-se do problema da finalidade o ponto de partida para uma classificação geral dos sistemas, ficam: de um lado, o materialismo; de outro lado tôdas as teleologias. Pois bem: Spinoza opunha-se ao materialismo, sustentando contra êste o caráter originário do pensamento, de par com o caráter originário da extensão. Mas também opunha-se às teleologias negando contra estas: a) na Antiguidade clássica a finalidade natural, tal como foi sustentada por Platão e Aristóteles, como principais representantes da evolução filosófica da Grécia; b) na Idade Média cristã, a finalidade religiosa, tal como se pode vê-la sintetizada, por exemplo, em S. Tomaz ou S. Agostinho. E mesmo a finalidade moral, tal como veio a se manifestar posteriormente em Kant e seus sucessores, é inteiramente contrária aos princípios de Spinoza. E' dêste modo que Spinoza se nos apresenta como um pensador completamente isolado, excluindo a



“Os textos metafísicos de SPINOZA são de exegese árdua em alguns pontos maiores, e seus intérpretes divergem não raro consideravelmente” (MARITAIN).

A psicologia dos sentidos constitui uma das partes mais notáveis da obra de SPINOZA. “Antes de tudo teve êle o mérito de haver afirmado a necessidade e a legitimidade de um exame inteiramente científico dos sentimentos e das paixões do homem” (HÖFFDING). A respeito da influência de SPINOZA no espírito moderno escreve P. SIWEK: “Ela se faz sentir também na esfera da religião, da moral, da economia social e... até nas regiões mais profundas da vida”. E o mesmo autor vai até afirmar, na conclusão da sua obra, que tanto o liberalismo como o bolchevismo “peuvent à bon droit se disputer SPINOZA. Sans appartenir ni à l'un ni à l'autre, il a cependant énoncé des principes qui constituent la base rationnelle de l'un et de l'autre, et peut, à ce titre, être considéré comme le père de l'un et de l'autre”. (*Spinoza et le Panthéisme Religieux*, ps. XIV e 284 — Paris, 1937). Convém todavia observar que SPINOZA pensava que o melhor governo não é a monarquia absoluta, ou o despotismo, mas a república, devendo o poder do Estado assentar na associação voluntária dos indivíduos. Ainda que possa parecer contraditório com a essência do seu sistema, SPINOZA defendia não só a

---

todos, excluído por todos, “só e abandonado em sua vida, como em seu pensamento”, diz Kuno Fischer. Mas por isto mesmo, nos parece maior em seu isolamento. Em ninguém foi maior a paixão do conhecimento; em ninguém foi mais tenaz e vigoroso o esforço pela verdade. Poderão combatê-lo, mas ninguém deixará de admirá-lo. Sua filosofia apresenta-se na história do pensamento com a mesma imponentia com que se apresentaria em vasto deserto uma grande montanha de cristal dominando alto e na qual batessem em cheio os raios do sol. Em vão sopra sobre ela com fúria a poeira do tempo; nada lhe poderá enfraquecer o brilho imperecível.” (*A Filosofia Moderna*, ps. 191-192. Ceará, 1899).

liberdade completa de religião, como a da palavra, a da investigação científica é a independência do método histórico.

12. JOHN LOCKE nasceu perto de Bristol em 1632 e faleceu no condado de Essex em 1704. O pai lutara a favor do Parlamento contra CARLOS I e a guerra civil o arruinou. LOCKE estudou na escola de Westminster, puritana e revolucionária. Mais tarde chegou a ser professor em Oxford. Aí se mantinha uma tradição aristotélica, ao passo que em Cambridge renascia o platonismo e já começava a sentir-se também a influência cartesiana, que nunca prevaleceu em Oxford. Foi entretanto a leitura de DESCARTES que despertou o pensamento filosófico em LOCKE ainda moço. Sofreu, porém, outras influências; pois, querendo ser médico, praticou o método experimental e naturalmente sentiu a influência das idéias baconianas. Não exerceu a medicina. Viajou pela França, tendo estado em Montpellier e em Paris; esteve mais tarde na Holanda, em Amsterdam e em Leyde. Em 1689 voltou à Inglaterra com GUILHERME DE ORANGE. HÖFFDING assim resume os traços característicos de LOCKE: grande doçura de trato, viva afeição aos amigos, sincera investigação da verdade, crença firme na importância da liberdade individual e política. Celibatário, gostava de refletir e escrever e dizia preferir as experiências aos discursos *a priori*. É obra notável o *Ensaio sobre o Entendimento Humano* (*Essay on Human Understanding*). LOCKE trabalhou dezessete anos nesta obra que deve ter sido provavelmente redigida na Holanda e acabada em janeiro de 1688, saindo completa em inglês dois anos depois. É a obra principal do filósofo, que ainda escreveu uma *Epístola de Tolerantia*, anônima, *Pensamentos sobre a Educação* (*Thoughts on Education*) e várias



cartas. A doutrina de LOCKE representa uma reação das mais fortes contra o idealismo cartesiano. Divergem os dois filósofos quanto à origem das idéias, não admitindo LOCKE que sejam inatas, mas pelo contrário que tôdas se originam da experiência, unicamente; experiência externa e experiência interna, graças às quais percebemos os objetos externos e as qualidades sensíveis (*sensação*) e também os atos e estados de consciência (*reflexão*). LOCKE é o primeiro que aplica ao estudo da alma o método de observação e experiência recomendado por BACON para o estudo da natureza. É por isto considerado por muitos como o verdadeiro fundador da psicologia experimental. O *problema crítico*, origem, certeza, extensão do conhecimento, separação do que é claro e do que é obscuro, pela primeira vez se apresenta na história da filosofia, ainda que sem a subtileza kantiana. A filosofia inglesa daí por diante sentirá o influxo decisivo de LOCKE, e em França no XVIII século ela substituirá a de DESCARTES. Os elogios de VOLTAIRE em relação a LOCKE foram de uma exageração que hoje faz sorrir a quem os lê.

Em matéria pedagógica, embora não tenha escrito um tratado regular sistematizado, LOCKE emitiu idéias judiciosas e interessantes. A seu ver a ciência desacompanhada da educação torna o homem impertinente e insuportável. O ideal de LOCKE é formar um gentleman, virtuoso, prudente, instruído e de boas maneiras. Foi dos primeiros também a ocupar-se da higiene. É curioso que julgasse o latim absolutamente necessário à educação completa. Considerava a história a maior escola da sabedoria e da ciência social. Recomendava o conhecimento ao menos de um ofício manual. Pode-se dizer que LOCKE foi em matéria educacional o inspirador do *Emílio* de ROUSSEAU. Em matéria política há muito das suas idéias em MONTESQUIEU.

Em política LOCKE é partidário de um governo liberal. Contrário ao absolutismo, acha que o príncipe governa em nome do povo e para o bem de todos. Deve prevalecer em última análise a vontade nacional.

13. GODOFREDO GUILHERME LEIBNIZ nasceu em Leipzig em 1646 e faleceu em 1716 como conservador da biblioteca de Hanover. Desde muito jovem se revelou amante do saber: doutourou-se aos 20 anos. Gênio universal, foi chamado “o moderno ARISTÓTELES”, tendo sido jurisconsulto, matemático, historiador, filósofo e até mesmo teólogo. Disse a seu respeito FONTENELLE que nêle havia muitos grandes homens. Esteve em relação com os maiores espíritos do seu tempo e visitou em Paris ARNAULD e MALEBRANCHE, em Londres NEWTON, em Amsterdam SPINOZA. Descobriu o cálculo diferencial quase ao mesmo tempo que NEWTON. Historiador, pôs em relêvo a importância do estudo das fontes e das pesquisas em arquivos. Filólogo, encareceu o valor do método comparativo. Como filósofo é sem dúvida o maior pensador alemão do seu século, se deixarmos de lado KANT, que, embora pertença ao mesmo século, exerceu a sua influência filosófica principalmente no século XIX. LEIBNIZ foi o primeiro presidente da Academia de Berlim, da qual foi também um dos fundadores. Otimista e tolerante, sem ter chegado nunca a ser católico, procurou uma aproximação entre o Protestantismo e o Catolicismo, mantendo para êste fim notável troca de idéias com BOSSUET e outros elementos importantes, quer do campo católico, quer do luterano. As obras principais de LEIBNIZ são: *Novos ensaios sobre o Entendimento Humano*, em que refuta a obra de LOCKE capítulo por capítulo; *Ensaio de Teodicéia*, em que defende a Providência contra os ataques de BAYLE; e a *Monadologia* (1714), em que se acha resumida toda



a sua doutrina filosófica. Esta doutrina é uma filosofia eclética, isto é, que procura retirar o melhor de tôdas as doutrinas anteriores e dar um passo mais adiante. Afasta-se de DESCARTES em vários pontos e opõe a idéia de fôrça à de extensão. Para LEIBNIZ tôda substância é ativa, *ser é agir*, (*quod non agit, nec existit*). As unidades de fôrça, isto é as *mônadas*, são os elementos primeiros, simples, indivisíveis e que existem em número absolutamente incalculável. Diferem umas das outras e formam uma hierarquia, desde as que constituem os elementos da matéria bruta, *mônadas nuas*, inconscientes, até à *mônada suprema*, que é Deus. As *mônadas sensitivas*, dotadas de percepções conscientes (ou *apercepções*), são as almas dos animais; as *mônadas racionais*, dotadas de consciência refletida e capazes de abstrair e raciocinar, são as almas humanas. Deus, a *mônada suprema* e absolutamente perfeita, é infinito e eterno. LEIBNIZ não admite solução de continuidade na criação.

Entre as afirmações de LEIBNIZ relativas à psicologia, merece referência a distinção dos fenômenos psicológicos em duas categorias: conscientes (ou *apercepções*) e inconscientes ou sub-conscientes (*percepções*). LEIBNIZ afasta-se do empirismo de LOCKE e do idealismo de DESCARTES, admitindo o axioma *nihil est in intellectu quad non prius fuerit in sensu*, mas acrescentando: *nisi ipse intellectus*, isto é a não ser a própria razão com as suas virtualidades e leis. Baseando a sua teoria da vontade no princípio de razão suficiente, querendo fugir ao *liberum arbitrium indifferentiae* (poder de decidir-se sem motivo) e ao *fatalismo* (segundo o qual os atos da vontade são determinados inelutavelmente por fôrças estranhas ao eu), LEIBNIZ caiu no *determinismo psicológico*: a vontade nunca pode ir contra o último pronunciamento da inteligência, isto é segue sempre o

motivo mais forte. “A liberdade não é mais do que a espontaneidade do ser inteligente”. LEIBNIZ considera motivo mais forte *aquêle que encerra a mesma quantidade de bem que há nos outros mais um excesso que não há nos outros*. Como, porém, estabelecer uma relação entre, por exemplo, o prazer, emoção, do domínio portanto da sensibilidade, e o dever, idéia ou lei imposta pela razão?

Outro ponto característico da doutrina de LEIBNIZ: a teoria das relações da alma com o corpo. “Imagine-mos dois relógios que estejam perfeitamente de acôrdo um com o outro. Isto se pode dar de três maneiras: primeiro, a influência mútua de um sôbre o outro; segundo, o cuidado de um homem que tome conta dêles; terceiro, a própria exatidão dos relógios... Agora ponhamos no lugar dos dois relógios a alma e o corpo: o seu acôrdo ou simpatia ocorrerá também por um dêses três modos. O da influência recíproca é o da filosofia vulgar; o da assistência é o das causas ocasionais; resta sômente a minha hipótese, isto é o da harmonia preestabelecida por um artífice divino”.

Metafísico admirável, LEIBNIZ foi “le dernier et le plus grand des Cartésiens” (V. COUSIN).

14. O movimento das idéias do século XVII e XVIII caracteriza-se por uma predominância cada vez maior do espírito científico. Graças ao método experimental, ao emprêgo de aparelhos e instrumentos de precisão (telescópio, termômetro, barômetro e microscópio), e à fundação de observatórios, avançam com maior segurança as ciências físicas e naturais. Também a matemática realiza conquistas de grande importância no domínio do cálculo, com a invenção dos logaritmos (NEPER), com a aplicação da álgebra à geometria (DESCARTES), com o cálculo infinitesimal (LEIBNIZ e NEWTON), com o cálculo das probabilidades (FERMAT e



PASCAL), com o cálculo exponencial e método para integrar as funções racionais (irmãos BERNOULLI). KEPLER formula as leis relativas ao movimento dos planetas; NEWTON descobre a lei da gravitação universal; GALILEU, além de defender com ardor o sistema heliocêntrico de COPÉRNICO, observa as oscilações do pêndulo e formula a lei do isocronismo. PASCAL ainda aqui merece referência, como continuador das experiências de TORRICELLI, a respeito da pressão atmosférica (barômetro). OTO DE GUERICKE, de Magdeburgo, inventa a máquina pneumática e o padre MARIOTTE descobre a lei da compressão dos gases.

O século XVIII é notável na história da civilização pelo intenso movimento das idéias, de que vai resultar uma grande transformação política e social, não só em França, mas também noutros países. É o século em que se funda a república norte-americana, cujo exemplo exerce influência no Novo e no Velho Mundo. É ainda o século do Despotismo Esclarecido, do filosofismo, dos Enciclopedistas e, finalmente, da Grande Revolução de 1789.

As ciências, que já nos dois séculos precedentes haviam realizado apreciável avanço, agora em quase todo o seu vasto domínio apresentam novas e importantes aquisições. EULER, com os seus admiráveis trabalhos de análise matemática, astronomia e mecânica, não obstante a cegueira que o atingiu, contribuiu poderosamente para o progresso das disciplinas a que se consagrara. As suas memórias foram várias vezes premiadas pelas academias científicas.

D'ALEMBERT, escritor, filósofo e matemático, apesar de sua infância infeliz e pobre, revelou talento precoce e foi recebido aos 24 anos na Academia das Ciências. É célebre o seu *Discurso Preliminar* para a Enciclopédia, da qual tratamos mais adiante.

Maior precocidade, a de CLAIRAUT, verdadeiro menino-prodígio, que aos 12 anos escrevia uma memória sobre curvas geométricas e aos 18 anos entrava na Academia de Ciências. Muito lhe devem a geometria e a álgebra.

LAGRANGE foi também um eminente cultor das ciências exatas. NAPOLEÃO disse dêle uma vez que era “a grande pirâmide da matemática”. Deram-lhe justa fama a *Mecânica Analítica e o Cálculo das Variações*.

Na astronomia o hanoveriano HERSCHELL, que se fixou na Inglaterra, pode ser considerado o criador da astronomia estelar. Construiu êle mesmo um telescópio refletor, observou os satélites de Saturno e descobriu o planeta Urano.

Mas a todos sobrelevou LAPLACE, que, aliás, pertence um pouco ao século XIX. Sua obra capital, porém, o *Tratado da mecânica celeste*, é de 1799 e o seu maior título de glória é o sistema cosmogônico a que ficou ligado o seu nome.

Não só matemática e astronomia realizaram tão notável progresso. As ciências físicas igualmente avançaram e é brilhante o grupo de pesquisadores que lograram com as suas experiências várias realizações de ordem prática. Assim é que BENJAMIM FRANKLIN, um dos fundadores da grande república norte-americana, foi também um estudioso da física e com suas observações conseguiu inventar o para-raio. Tipógrafo a princípio, publicista, físico, diplomata e estadista, mereceu FRANKLIN que dêle dissessem, lapidariamente: *eripuit coelo fulmen sceptrumque tyrannis*.

As primeiras experiências aerostáticas foram feitas em 1709 pelo brasileiro BARTOLOMEU DE GUSMÃO, o “Voador”, em Portugal, muito antes dos dois irmãos MONTGOLFIER, franceses, que só em 1783 realizaram as suas.



Graças a GALVANI e sobretudo a VOLTA, as aplicações da eletricidade se iniciaram com a construção da primeira *pilha*, que seria o ponto de partida de uma série de maravilhosas realizações (1799).

A utilização da força do vapor, entrevista por PAPIN, com a sua famosa *marmitta*, foi conseguida por WATT em sua máquina de efeito duplo. No século XIX será realizada a navegação a vapor e surgirão as estradas de ferro.

LAVOISIER, uma das vítimas do Terror, durante a Revolução francesa, foi o verdadeiro criador da química moderna.

LINNEU, em botânica, e BUFFON, são os dois vultos que dominam o campo das ciências biológicas, BUFFON além de homem de ciência, foi um estilista e um genuíno fidalgo, que só escrevia em traje apurado e a quem se deve a sentença tantas vezes lembrada: "o estilo é o homem".

15. A literatura francesa conserva ainda no século XVIII certa influência do século precedente. Mas com VOLTAIRE as letras francesas vão sofrer uma profunda influência, principalmente na prosa. FRANÇOIS MARIE AROUET ficou para sempre conhecido com o pseudônimo de VOLTAIRE, que adotara ainda muito jovem. Poeta, historiador, de certo modo filósofo, VOLTAIRE produziu de maneira extraordinária em sua existência e foi o homem que representou com mais forte relêvo o espírito demolidor do século. Historiador nos seus volumes *História de Carlos XII* e *Século de Luiz XIV*, e autor teatral (tragédias *Zaïre*, *Mérope*), havendo tentado em vão a epopéia (*Henriade*) — VOLTAIRE foi sobretudo o crítico mordaz, o ironista impiedoso e injusto, o inimigo da Igreja, o teísta sem dogmas, contraditório e brilhante, tratando de tudo com espírito, mas não raro sem a necessária competência. O que há de mais sim-

pático na obra de VOLTAIRE é a sua campanha a favor da abolição da tortura, da justa graduação das penas e das medidas de higiene pública. Verdadeiro rei ou tirano intelectual da época, VOLTAIRE foi amigo e comensal de FREDERICO II da Prússia e entreteve animada correspondência com CATARINA II.

MONTESQUIEU em seu *Espírito das Leis*, depois de examinar as várias legislações e analisar as causas que têm contribuído para a prosperidade ou decadência das nações, mostra as vantagens dos regimens monárquicos moderados, com o jôgo equilibrado dos três poderes, como no sistema inglês. Dos precursores da Revolução, foi sem dúvida MONTESQUIEU o mais sensato e o mais fecundo em resultados positivos.

Não foi, porém, o que desde logo exerceu maior influência. Êste foi incontestavelmente, JOÃO JACQUES ROUSSEAU, nascido em Genebra, com o seu livro *Contrato Social*. Pobre, infeliz, orgulhoso, filho do próprio esforço, ROUSSEAU tinha naturalmente prevenções contra a sociedade. Acusa-a de ser a causa das infelicidades do homem, que a natureza criou bom e feliz. As idéias do *Contrato Social*, hoje fáceis de refutar, no século XVIII deviam encontrar, como de fato encontraram, entusiasmo e adesão, não só na Europa, em França principalmente, mas também na América. Foi ROUSSEAU quem mais influiu para que a corrente revolucionária se avolumasse e da teoria viesse às realizações concretas. Escritor e psicólogo, que em suas *Confissões* leva a sinceridade às vezes ao limite do cinismo, ROUSSEAU foi em seu *Emilio* um precursor da moderna pedagogia. Ao lado de exagerações, erros e paradoxos, há nessa obra vistas profundas e dignas sôbre certos aspectos da educação.

16. Em França CONDILLAC foi o mais notável representante do empirismo importado da Inglaterra das



idéias de LOCKE. O *Tratado das Sensações* de CONDILLAC (1754) é a exposição mais completa da chamada escola sensualista.

Os *Enciclopedistas* são assim denominados por haverem colaborado na *Enciclopédia*, espécie de dicionário universal, começado em 1751 e concluído em 1772. Ideada por DIDEROT e D'ALEMBERT, a obra começa com o *Discurso Preliminar* dêste último, que é a sua parte mais digna de nota, mas onde já transparecem as tendências anticristãs do empreendimento. Os mais célebres dos Enciclopedistas são, além dos precitados, HELVETIUS, D'HOLBACH, LA METTRIE, CABANIS e BROUSSAIS. Eram em geral materialistas, adversários da religião e defensores da moral do prazer.

Em vez de tratar de questões metafísicas ou discutir problemas religiosos, os Economistas procuraram descobrir as leis que regem a produção e consumo da riqueza.

Para QUESNAY, fundador da chamada escola *fisiocrática*, a terra é a grande fonte da riqueza, a agricultura é a condição da prosperidade. O trabalho é mera transformação. Foi QUESNAY um dos principais fundadores da Economia Política. Na Escócia foi ADAM SMITH, professor na Universidade de Edimburgo, quem lançou propriamente as bases científicas da nova disciplina, com o seu livro célebre *Investigações sobre a natureza e as causas da riqueza das nações* (1776). ADAM SMITH corrige o ponto de vista unilateral de QUESNAY e reconhece o valor do trabalho como fonte da riqueza. Defende a liberdade de indústria e comércio, de acôrdo com a máxima de QUESNAY: "Laissez faire, laissez passer".

17. JORGE BERKELEY nasceu em Dysert, no condado de Kilkenny, na Irlanda (1865) e faleceu em Oxford (em 1753). Estudou na universidade de Dublin, viajou

pela França e Itália, esteve na América, em Rhode-Island, concebeu o projeto de criar nas ilhas Bermudas um instituto formador de missionários, nada, porém, alcançando por falta de auxílio, e chegou a ser bispo anglicano de Cloyne na Irlanda.

Escreveu, ainda jovem, um trabalho sobre a teoria da visão, no qual mostra a cooperação do tato e da audição para a concepção do espaço, não sendo a idéia do espaço em si mais do que uma abstração, a que não corresponde nenhuma sensação imediata. A sua obra capital em filosofia foi publicada no ano seguinte, tratando dos princípios do conhecimento. BERKELEY critica as teorias relativas à abstração e procura provar que a noção de matéria é também uma abstração ilegítima e que só conhecemos imediatamente as nossas próprias sensações. A segunda parte desta obra não chegou a ser publicada: supõe-se que se haja perdido na Itália o manuscrito.

Merecem lembrados os seus *Diálogos entre Hylas e Philonous*, em que estão personificados a Matéria e o Espírito, respectivamente. BERKELEY leva às últimas conseqüências o idealismo latente nos princípios de LOCKE. Pensa BERKELEY que não temos o direito de concluir das idéias a existência dos corpos. Só podemos afirmar que existe aquilo que conhecemos: se só conhecemos as idéias, somente delas podemos afirmar a existência. Daí uma conseqüência da maior gravidade, a não existência dos corpos, nem portanto da própria matéria. Se a matéria não existe, não nos devemos preocupar em saber se é divisível ou não e se influi sobre o espírito. As coisas sensíveis só existem enquanto as percebemos: para elas “esse est *percipi*”. Se é em Deus que percebemos as idéias dos corpos (o que já fôra afirmado por MALEBRANCHE), tôdas as nossas idéias devem ser verdadeiras, não havendo razão para o cepticismo, nem para o ateísmo. As substâncias são:



Deus e a nossa alma. O tempo é apenas a sucessão de nossas idéias. Podemos concluir: “esse est percipi vel *percipere*”. Idealismo absoluto, em que o mundo exterior é, na frase de um crítico, “un discours très lié et très suivi que Dieu nous tient”.

Na opinião de HÖFFDING, BERKELEY é um dos espíritos mais finos e mais claros (?) da história da filosofia. Mas o mesmo autor reconhece-lhe as singularidades: campeão da causa da consciência prática e imediata contra as abstrações e as especulações científicas, pelos seus próprios resultados fica em oposição direta com essa consciência e irrita-a com os seus paradoxos. Algumas das suas antinomias parecem insolúveis. Mas “a crítica penetrante e a ingênua fé religiosa, a alegria do sábio e o zelo ardente do missionário jamais sem dúvida apresentaram ligação tão íntima e tão original como em BERKELEY”.

18. DAVID HUME nasceu na Escócia em 1711 e faleceu em 1776 em Edimburgo. Esteve em França e aí escreveu o seu *Tratado da Natureza Humana* e os seus *Ensaios Morais, Políticos e Literários*. Mais tarde foi nomeado conservador da biblioteca dos advogados em Edimburgo e dedicou-se à história. Publicou então uma “História da Grã-Bretanha”, escrita do ponto de vista dos *Tories*. Procurou fazer da história mais do que simples narrativa de guerras, ocupando-se do estado social, dos costumes, da literatura e das artes. Rico e simples, gozou de popularidade. Em França teve boas relações com ROUSSEAU, MONTESQUIEU e HELVÉTIUS.

HUME tirou tôdas as conseqüências dos sistemas de LOCKE e de BERKELEY: negou não só a objetividade das idéias, como de qualquer substância corporal ou espiritual. Negou também a idéia de causa, simples ilusão do espírito; existe sucessão de fenômenos, mas

um não é causa de outro. Não sabemos se a alma existe, portanto se é imortal, ou se aquilo que chamamos o nosso eu (*our self*) é mais do que uma série de fenômenos. Também ignoramos se a vontade é livre. Logo não existe razão para metafísica, nem há rigorosamente ciência, pois não temos conhecimento algum de causas nem de essências, só conhecemos percepções. São questões insolúveis também as que se referem à finalidade da vida humana. A existência de Deus é logicamente incerta e indemonstrável, embora HUME, ilógicamente, *por instinto e preconceito natural*, lhe suponha a realidade, mas negando milagres, ordem sobrenatural e toda a religião positiva. HUME é, não somente continuador de LOCKE, mas precursor de KANT e do próprio positivismo, compreendendo-se perfeitamente que AUGUSTO COMTE o incluísse no seu calendário. (Dia 28 de DESCARTES, XI mês, consagrado à filosofia moderna).

19. A chamada Escola Escocesa representa uma reação do bom senso contra as exagerações de BERKELEY e HUME. Seu fundador foi TOMAZ REID (1710-1796). Professor de filosofia na universidade de Glasgow, escreveu várias obras, entre as quais *Inquiry into the Human Mind on the Principles of Common Sense*. Desenvolveu mais tarde algumas das suas idéias em obras de grande importância psicológica: *Essays on the Intellectual Powers of Mind* (1785) e *Essays on the Active Powers of Mind* (1788). O grande mérito da Escola Escocesa é restabelecer, graças ao bom senso, muitos dos grandes princípios que tinham sido negados por LOCKE e seus continuadores. REID, sem ser um metafísico, foi um psicólogo de valor e pode-se dizer que a sua escola contribuiu de modo apreciável para a evolução da psicologia experimental.



Depois de REID a Escola Escocesa apresenta DUGALD STEWART, professor da universidade de Edimburgo (1753-1828). Deve-se-lhe a distinção, em psicologia, das associações essenciais e acidentais. À mesma escola pertence HAMILTON, este porém já no século XIX (1788-1856).

## VIII

### A FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

1. EMANUEL KANT (1724-1804) nasceu em Königsberg e aí faleceu, após uma longa vida consagrada exclusivamente ao ensino e à filosofia. De gênio afável, sempre igual, extremamente desinteressado, era tão metódico e regular nos hábitos que já se disse que os habitantes da cidade poderiam acertar os relógios pela hora em que o filósofo passava pelo mesmo lado da mesma rua com exatidão cronométrica. Só conheceu os prazeres do espírito. Sofreu a princípio a influência da leitura de certos autores. Êle próprio diz que foi HUME que o despertou do seu sono dogmático. Passou depois a uma fase crítica e chegou a ser, sem nenhuma dúvida possível, quem levou mais longe a análise do conhecimento humano, do poder e dos limites das nossas faculdades. Nêste particular a importância de KANT excede a de quantos o precederam: pode-se dizer que depois dêle não é mais possível tentar qualquer sistema, ou tratar a fundo de assuntos filosóficos sem preliminarmente considerar a crítica do conhecimento. Resumidamente: depois de KANT a filosofia tem de ser, antes de tudo, uma crítica do conhecimento, abandonando a feição puramente dogmática.

As obras principais de KANT são: a *Crítica da Razão pura* (1781), a *Crítica da razão prática* (1788) e a *Crítica da faculdade de julgar* (1790). Na primeira destas



obras KANT analisa a razão especulativa; na segunda a razão enquanto é capaz de discernir o que deve fazer e o que lhe cumpre evitar; e na última analisa a razão enquanto é capaz de distinguir a finalidade das coisas, o belo e o feio e as emoções estéticas (juízos teleológicos e juízos estéticos).

Não há desconhecer o esforço hercúleo do filósofo ao instituir a crítica do conhecimento e tentar estabelecer os limites das faculdades cognoscitivas. Até então os autores se tinham contentado com aplicar diretamente a razão ao conhecimento das coisas; KANT, porém, começa analisando a própria razão. Manda a justiça observar que o problema já tentara a outros pensadores: DESCARTES, LOCKE e LEIBNIZ. Nenhum todavia levou tão longe e tão profundamente a análise de todas as leis do espírito humano e de suas formas essenciais, consideradas em si mesmas, independentemente de qualquer objeto (ou, segundo o próprio KANT, de maneira *transcendental*, não *empírica*).

No prefácio da segunda edição da *Crítica da razão pura*, KANT indicou o que se propunha fazer no terreno filosófico: uma verdadeira revolução. Até então fôra admitido que o conhecimento se regula pelos objetos; o filósofo mostrara que os objetos devem regular-se pelo conhecimento. Há no espírito conhecimentos *a priori*, isto é anteriores a qualquer experiência, e que o espírito impõe aos objetos: são os juízos sintéticos *a priori*.

Segundo KANT nós não conhecemos as coisas *em si*, mas *tais como nos aparecem*, através das formas do espírito: não conhecemos o *noumenon*, mas apenas o *fenômeno*. Nosso espírito tem em si mesmo as condições necessárias de todo o conhecimento; é portanto no espírito e não nas coisas que devemos procurar essas

condições. (Contudo a idéia do dever nos põe em relação direta com as coisas tais como são em si mesmas).

Pretendia portanto o filósofo de Königsberg fazer uma revolução no domínio metafísico e filosófico em geral, comparável à de COPÉRNICO em astronomia. São as coisas que giram em torno do espírito e não o espírito em torno das coisas. A própria beleza e finalidade são formas subjetivas da nossa faculdade de julgar.

Os juízos analíticos são aquêles em que o atributo desenvolve a compreensão do sujeito. São absolutamente certos e negá-los seria contraditório; mas são só explicativos. Os juízos sintéticos são aquêles em que o atributo acrescenta alguma coisa à compreensão do sujeito. Podem ser *a priori* ou *a posteriori*; dêstes últimos dá conta a experiência; daqueles, isto é dos juízos sintéticos *a priori*, ocupa-se especialmente a *Crítica da razão pura*. Três faculdades concorrem para a formação dos nossos conhecimentos: a sensibilidade, o entendimento e a razão. Cada uma delas é estudada na *Crítica da razão pura*. A *Estética transcendental* é o estudo das condições *a priori* da sensibilidade, faculdade de receber impressões produzidas em nós pelos objetos. O espírito reage e desta reação é que resultam as idéias de tempo e de espaço. KANT considera o tempo forma imediata dos dados da consciência e forma mediata dos dados dos sentidos, o espaço forma exclusiva dos dados da percepção externa; mas tanto um como o outro, quer tempo, quer espaço, são formas *a priori* da sensibilidade. Sendo moldes subjetivos, não resultam da experiência e portanto em rigor não podemos afirmar se fora de nós existem realmente os objetos que situamos no tempo e no espaço, no *não-eu*, ou mundo exterior. Desde logo se pode avaliar o perigo das conseqüências dêste erro inicial do KANTISMO. Na *Analltica transcendental* estuda o filósofo os elementos que tornam pos-



sível a formação dos juízos necessários e universais. Estes elementos são as *categorias*. Estas, porém, na filosofia aristotélica eram conceitos objetivos; segundo KANT, são formas subjetivas, a cujo respeito nada podemos acrescentar. Sendo leis da nossa inteligência, seria exorbitar aplicá-las ao mundo objetivo, tal qual é em si mesmo (se é que existe). ARISTÓTELES distinguira dez categorias, KANT levou o número a uma dúzia, em grupos de três, cada grupo em correlação com uma das quatro espécies de juízo (de *quantidade, qualidade, relação e modalidade*). Ei-las: *totalidade, pluralidade, unidade* (quantidade); *realidade, negação, limitação* (qualidade); *substância e acidente; causalidade e dependência; ação e reação* (relação); *possibilidade e impossibilidade; existência e inexistência, necessidade e contingência* (modalidade).

Na *Dialética Transcendental*, estuda KANT a faculdade que deduz um juízo de outro juízo ou a faculdade unificadora das leis do entendimento, isto é a *razão*. A sua função é unificar os juízos e chegar ao conceito mais geral possível e às grandes idéias que representam a síntese absoluta do conhecimento. Estas idéias são três: a idéia do *eu*, isto é do sujeito absoluto, único que não pode ser predicado; a idéia do mundo ou do *não-eu*, isto é de uma hipótese absoluta, antes da qual não haja outra, de nenhum fenômeno em particular, porque ela corresponde à totalidade dos fenômenos; e finalmente a idéia de Deus, noção que corresponde a todo o ser, condição incondicionada de tudo ou, por outras palavras, o *absoluto*. Note-se que todas estas idéias transcendentais são para KANT hipóteses inverificáveis. Nas famosas antinomias ou contradições, tenta ele mostrar a impotência da razão para provar se o mundo é limitado ou ilimitado, se a matéria é ou não divisível indefinidamente, se há ou não

causas livres e se existe um ser necessário ou tudo é contingente. Quer os argumentos *a priori*, como o de S. ANSELMO, quer as provas *a posteriori*, pensa o filósofo de Königsberg não terem nenhum valor probante decisivo. Em conclusão: a razão é impotente para afirmar a realidade das coisas (subjetivismo transcendental).

Na *Crítica da Razão Prática* empreende KANT a reconstrução de tudo quanto ficara destruído. Assim é que procura na idéia do dever, que se impõe a nós como um *imperativo categórico*, um fundamento para várias verdades de importância capital: a liberdade ou livre arbítrio, a imortalidade da alma e a existência de Deus. A idéia do dever, que se impõe categoricamente, tem aos olhos de KANT um valor objetivo absoluto, pois não é simples forma do nosso pensamento, uma vez que nos aparece qual uma ordem ou um imperativo. É portanto superior ao nosso eu, e não lhe podemos recusar valor objetivo. Do imperativo categórico resulta que devemos agir de modo que as nossas ações possam servir de norma ou de lei universal. O imperativo categórico supõe também postulados da razão prática; o *dever* implica o *poder* de fazer ou não aquilo que é ordenado. Sem liberdade, não pode haver obrigação. Também se pode concluir do ideal de perfeição a imortalidade da alma, uma vez que esse ideal é irrealizável nesta vida terrena. Outro postulado da razão prática é a própria existência de Deus, ser superior à natureza, sábio, justo e assaz poderoso para apreciar exatamente o mérito ou o demérito e recompensar a virtude na justa medida.

Note-se entretanto que KANT não demonstra essas verdades, apenas êle as *postula*. Em rigor *não sabemos* se Deus existe, se a alma é imortal: tudo isto é incognoscível; mas nós o *cremos*, porque tudo isso é condição



da possibilidade do dever. O mundo da fé moral não é da mesma ordem que o da ciência; êste não vai além da ordem fenomenal; aquêle, isto é o mundo moral ou da crença, pertence à ordem noumenal. O próprio KANT disse que teve de destruir a ciência para construir a fé. Supunha assim ter eliminado de vez as objeções contra as verdades religiosas e éticas.

O *belo*, segundo a opinião de KANT, resulta da harmonia entre uma forma sensível imaginada para exprimir uma idéia e uma idéia concebida afim de encontrar expressão em uma forma: aquilo que satisfaz o livre jôgo da imaginação sem estar em desacordo com as leis do entendimento. O belo não se confunde com o útil. A verdadeira beleza não está ligada a nenhuma finalidade, é livre e tem vida e por isto pode ser considerada uma *finalidade sem fim*. São patentes as analogias da arte com o jôgo. A beleza fica entre a verdade, objeto da ciência, e a bondade, objeto da moral.

2. A filosofia kantiana representa um esforço no sentido de encontrar unicamente no sujeito pensante, isto é no *eu*, ou no espírito, fazendo abstração do objeto, as condições suficientes da ciência, da moral e da arte. Dessa tentativa teria que resultar, como resulta, que a Verdade, o Bem e o Belo se reduzem a simples formas subjetivas. Nem consegue KANT reerguer o que destruiu recorrendo à idéia do Dever, ou ao imperativo categórico.

Por maior que seja o nosso respeito e por mais sincera a nossa admiração diante da inteligência e do caráter do "solitário de Königsberg", temos que reconhecer que a sua teoria é, como já se escreveu, "uma grande alucinação de um gênio, contendo em germe o cepticismo absoluto, o idealismo, o nilismo e o panteísmo". O relativismo objetivo é contrário à convicção fundamente radicada, à crença universal e espontânea

de todos os homens, em todos os tempos e lugares, de que a nossa razão é capaz de subir do relativo ao absoluto. Se o nosso espírito faz parte da realidade, é bem de ver que os princípios da razão são leis do espírito, não só enquanto *pensa*, mas, enquanto *é*. Se tudo é ilusão nossa, como explicar não só o acôrdo admirável da realidade exterior e dos conceitos do espírito, mas, o que tem ainda maior fôrça probante, o *desacordo*, inexplicável de um ponto de vista puramente subjetivo? A verdade é que o próprio KANT não foi, ou não quis ir, às últimas conseqüências do seu sistema. Por que concluir do fenômeno, isto é das aparências, a existência do *noumeno*, ou da *coisa em si*? Por que não admitir aparência sem realidade? Alguns dos seus continuadores foram até lá. Por que admitir que seja infalível a razão prática, ao passo que a razão pura esbarra nas antinomias? Como poderíamos conhecer bem os ditames, as aplicações aos casos concretos e tôda a complexa seqüência de corolários da afirmação categórica de uma, isto é da razão prática, sem o concurso da outra, isto é da razão pura, tida por incapaz de atingir a verdade objetiva? Como, portanto, dentro do Kantismo evitar a dúvida do céptico, e por que há de valer mais a razão pura, quando crítica, seja embora a de KANT, do que a própria razão pura de tôda a humanidade, poderíamos dizer, quando é assim criticada?

3. Depois de KANT a filosofia alemã apresenta tendências panteistas, pessimistas e por fim francamente materialista. O panteismo idealista tem os seus mais altos representantes em FICHTE, HEGEL e SCHELLING. Dos pessimistas é notavel SCHOPENHAUER. A corrente materialista representa uma reação contra as extravagâncias do idealismo e do pessimismo: veremos mais adiante alguma coisa a êste propósito.



JOÃO TEÓFILO FICHTE (1762-1814) foi o maior discípulo de KANT, a quem conheceu pessoalmente em Königsberg. Ensinou em Iena e em Berlim. A sua obra clássica é a *Teoria da Ciência*. FICHTE rejeita o moumeno, a realidade incognoscível. A idéia da coisa em si é mera concepção do espírito. Logo só existe o *Eu*, o sujeito pensante, do qual emana o *Não eu*. O *Eu* só pode conhecer-se opondo-se a um *Não-eu*; logo este último só existe em nós e por nós. Aliás, primeiro e fundamental não é o *Eu* individual, empírico e humano, mas um *Eu* absoluto, inconsciente e que só adquire consciência e personalidade no último termo do seu desenvolvimento. FICHTE não consegue explicar satisfatoriamente como é que o *Eu* humano finito sai desse *Eu* infinito e impessoal.

Com Fichte o dualismo kantiano vem a dar um idealismo panteísta, em que o mundo exterior é criação do espírito (subjetivismo puro).

JORGE GUILHERME FREDERICO HEGEL (1770-1831) é dos discípulos de KANT o que teve maior influência. Do movimento hegeliano já se afirmou, e não sem motivo, ter sido um dos mais vastos na história da filosofia. Ainda hoje muitos erros contemporâneos são herança de sua doutrina. HEGEL afastou-se de FICHTE e de SCHELLING na maneira de considerar aquilo que Kant denominara a *coisa em si*. FICHTE a identificara com o *Eu* puro, princípio necessário do *Não-eu* ou mundo fenomenal; SCHELLING dela fizera um Absoluto objetivo, princípio comum do *Eu* e do *Não-eu*. Para HEGEL, este absoluto é a Idéia, e todas as coisas que existem são apenas manifestação da Idéia. A própria filosofia é o estudo da Idéia. A Idéia pura é objeto da lógica, que do ponto de vista hegeliano equivale à metafísica. A Idéia se determina em três princípios abstratos: o

ser, a essência e a noção. Enquanto ser, é qualidade, ou quantidade, ou medida de ambas. Enquanto essência, aparece como substância, como fenômeno, ou como realidade. Enquanto noção, pode ser subjetiva, objetiva ou simplesmente idéia. A idéia de ser é a mais universal: a qualidade é uma maneira de ser; a quantidade é também uma maneira de ser; a ação, o fenômeno são maneiras de ser. O ser portanto é *tudo*; mas ao mesmo tempo não é nada, pois não é nem branco, nem preto, nem bom, nem extenso, e assim o ser puro equivale ao não ser, ao *nada*. Como consequência, é *ser e não ser*; e sendo um e outro é que *se torna* outra coisa. Eis o famoso *vir a ser*, o *Ser-Nada* que HEGEL chama Idéia e que pelos seus desenvolvimentos gera todas as coisas. Outras consequências: a Idéia ou o Ser-Nada é em si mesmo contraditória e por isto devemos repelir o princípio de contradição, segundo o qual uma coisa não pode ao mesmo tempo ser ou não ser. A contradição da Idéia resolve-se na unidade ou no *vir a ser*, (*Werden*) mas por sua vez este último produz dois termos contraditórios. Tese, antítese, síntese eis a marcha do processo hegeliano; na síntese é que se combinam e de certo modo se harmonizam tese e antítese.

A Idéia torna-se sucessivamente conceito ou pensamento puro, mundo ou natureza, homem ou espírito humano. Ao princípio de contradição substitui HEGEL o seguinte: tudo que é racional é real, e tudo que é real é racional.

Explica-se a influência exercida por HEGEL não só pela audácia das afirmações mais contrárias ao senso comum, como pela grandiosidade da construção do sistema, de que o autor fez aplicação a todos os ramos do saber: mecânica, física, psicologia, história, direito, arte... Dentro dos seus paradoxos e partindo da Idéia do Ser que é também o Nada, HEGEL foi inflexível no



método. Nem SPINOZA, no seu panteísmo, foi tão rigorosamente lógico.

5. Por estranho que pareça, houve discípulos de HEGEL que procuraram harmonizar o sistema do mestre com o ensino cristão, protestante e até católico: é claro que a tentativa implicava uma impossibilidade intrínseca. A *Direita Hegeliana* tinha que dar no racionalismo naturalista ou no panteísmo anticristão. A *Esquerda Hegeliana* apresenta alguns nomes de maior influência: STRAUSS (1808-1874), cuja *Vida de Jesus* é a negação do sobrenatural e da historicidade de Cristo. O próprio KARL MARX (1818-1883), cuja obra *Das Kapital* ia ter tão graves conseqüências no mundo contemporâneo, é ainda um autor de inspiração hegeliana em seu materialismo histórico e em suas idéias socialistas.

FREDERICO GUILHERME SCHELLING (1775-1854) nasceu na Suábia, estudou em Tübingen, e por sua vez ensinou com grande êxito em várias universidades e afinal em Berlim, onde o haviam precedido FICHTE e HEGEL. Morreu octogenário. Aos 22 anos publicou *Idéias sobre a filosofia na natureza*. Mais tarde compôs muitas outras obras, entre elas *Da Alma e do Mundo*, *Sistema do Idealismo Transcendental e Filosofia da Religião*. Dotado de imaginação poderosa e fecunda, SCHELLING foi a princípio partidário de FICHTE; concebeu mais tarde uma teoria original do Absoluto; na última fase modificou as suas idéias teológicas e religiosas num sentido cristão. Para SCHELLING o absoluto passa por três fases: primeiro é (tese); depois *desenvolve-se* (antítese); enfim *volta a si* (síntese).

6. Entre os que reagiram contra as extravagâncias do idealismo hegeliano, ARTUR SCHOENHAUER merece referência mais demorada, como representante da ten-

dência pessimista e voluntarista. Tendo nascido em Danzig em 1788, SCHOPENHAUER foi educado na França e na Inglaterra e viajou com os pais pela Europa. Trabalhou mais tarde numa casa comercial de Hamburgo e foi aí (conta-nos êle próprio) que se formou a sua concepção pessimista da vida, pois o pai não queria deixá-lo consagrar-se ao estudo de acôrdo com a sua vocação irresistível. O pai acabou louco e o filho herdou a melancolia, o mêdo e a desconfiança que o atormentavam. Pôde afinal o futuro filósofo, morto o pai, entregar-se inteiramente ao estudo dos problemas filosóficos. A sua obra capital é o *Mundo como Vontade e Representação* (*Die Welt als Wille und Vorstellung*). Influíram no pensamento de Schopenhauer, além de KANT, FICHTE e GOETHE, BUDA e PLATÃO. Para Schopenhauer a *coisa em si* é a vontade, *der Wille*. A filosofia tem por fim fazer-nos conhecer por meio da experiência interna e externa a essência do mundo. Quanto à origem e a finalidade, são objeto da teologia. A filosofia procura interpretar a vida humana e esta interpretação é a metafísica dos homens cultos. O povo contenta-se com a metafísica fornecida pela religião. O mundo é a totalidade dos fenômenos produzidos pela Vontade, que é a essência única. Esta vontade única, impessoal e infinita, tendência necessária e cega, torna-se no homem consciente de si mesma. No homem a vontade é um esforço permanente e consciente de viver e de desenvolver a vida. Mas a cada satisfação que o homem consegue logo sucede nova necessidade e, se não pode satisfazê-la, daí resulta a dor. A vida é uma seqüência de necessidades e de dores. O aniquilamento da existência individual, o nirvana búdico, porá enfim um têrmo ao sofrimento humano. Conseqüências lógicas desta doutrina: ou a resignação passiva, o quietismo completo, ou enfão a morte voluntária.



Valha a verdade que, não obstante tôda a tragédia da vida que a obra de Schopenhauer apresenta de maneira tão desanimadora, o próprio autor não tirou dela tais conseqüências práticas. Conta-nos HÖFFDING que “depois de ter terminado a sua obra, SCHOPENHAUER empreendeu uma viagem à Itália, onde permaneceu longo tempo, principalmente em Veneza. Da profunda meditação dos enigmas da existência, mergulhou de novo naquela cidade na vida mundana”. Aí se encontrou com o poeta BYRON. Quer o filósofo pessimista, quer o poeta também pessimista, souberam ambos gozar os bens que êste mundo máu proporciona.

7. Com FREDERICO NIETZCHIE (1844-1900) chegamos ao auge do pessimismo delirante. Professor em Basiléia, doente e desequilibrado de 1871-1888 e por fim inteiramente louco em 1889, escreveu Nietzsche várias obras notáveis pelo estilo e pela originalidade. As principais são: *Assim falou Zaratustra*, *Muito além do bem e do mal* (*Jenseits von Gut und Böse*) e a *Genealogia da Moral*. A filosofia de NIETZSCHE apresenta dois aspectos: um negativo, em que as noções de Deus, de moral, de razão e de virtude são criticadas e rejeitadas; outro, construtivo, em que há duas doutrinas principais, a do *superhomem* e a da *renovação contínua* ou *volta eterna* de tôdas as coisas. O superhomem representa a forma perfeita da humanidade; é o homem forte em quem a afirmação do *eu* chega ao máximo e a quem tudo deve submeter-se. Na doutrina da evolução contínua de tôdas as coisas, o bem e o mal são apenas relativos e não têm por si nenhum valor próprio. Tôda a moral deve ser transformada, pois só é bom aquilo que é capaz de exaltar o *eu*. Pela sedução do estilo e pela extravagância das afirmações, NIETZSCHE encontrou e ainda encon-

tra admiradores. Julgadas com serenidade, revelam um louco genial.

8. A filosofia francesa no século XIX apresenta-nos várias correntes: espiritualista, positivista e neocriticista. Poderíamos acrescentar a corrente intuicionista de BERGSON, mas esta pertence mais propriamente ao século XX, como veremos. Os principais nomes que merecem especial referência são os de MAINE DE BIRAN (1766-1824), VICTOR COUSIN (1792-1867), TEODORO JOUFFROY (1796-1842) e AUGUSTO COMTE (1798-1857), êste último sem dúvida o mais notável.

MAINE DE BIRAN sofreu a princípio a influência das idéias de CONDILLAC, de quem foi discípulo. Pouco a pouco a reflexão o levou ao espiritualismo e até as obras que deixou inéditas mostram que para o fim da vida se inclinava cada vez mais para a filosofia cristã sob uma forma de misticismo. O fato fundamental para MAINE DE BIRAN é o sentimento do esforço, que, supondo a resistência do organismo que se opõe à energia da vontade, coloca o *Eu* diante do *Não-eu*. A menor percepção exige um esforço do espírito e o próprio fundo do nosso sêr é uma atividade consciente, logo um esforço. Repare-se na proximidade desta doutrina com a de LEIBNIZ. Nos últimos tempos, fatigado da ciência, da qual escreve em seu jornal íntimo "*la science m'importune*", volta-se para a leitura da Bíblia, da Imitação e dos místicos, como Pascal e Fénelon.

VICTOR COUSIN, menos profundo e original, foi sobretudo eclético. Sentiu desde cedo a influência da Escola Escocesa; depois a de KANT, SCHELLING e HEGEL, especialmente a d'êste último; enfim procurou uma síntese do Cartesianismo com os principais resultados da filosofia alemã e escocesa. O seu livro mais representativo e o que tem por título *Du Vrai, du Beau et du Bien*.



TEODORO JOUFFROY é o mais notável dos discípulos de Cousin. Espírito penetrante, principalmente o interessa o que se refere ao homem. As suas análises psicológicas ainda hoje são dignas de leitura. Perdeu a fé e o seu cepticismo trói algo de angustioso.

9. AUGUSTO COMTE nasceu em Montpellier e estudou matemática em Paris. Seguiu o curso da Escola Politécnica de 1814 a 1816. Empregava todo o seu tempo livre na leitura de obras de filosofia e política. Em 1816 já conhecia Fontenelle, Adam Smith, Diderot, Hume, Condorcet, de Maistre, de Bonald, Bichat e Gall. A Escola foi fechada provisoriamente por motivo de agitação e Comte, considerado um dos chefes, foi reconduzido pela polícia à casa paterna. De 1816 a 1824 foi discípulo e colaborador de SAINT-SIMON, cujas doutrinas tiveram grande influência em sua formação. Henri Saint-Simon (1760-1825), de uma das mais nobres famílias francesas e sobrinho do célebre escritor da corte de Luiz XIV, cujas *Memórias* são muito conhecidas, é chefe de uma escola política e social que d'ele tira o nome: o *Saintsimonismo*. A doutrina de *Saint-Simon* é um socialismo segundo o qual deve caber aos homens competentes a direção dos negócios. ("A cada um conforme sua capacidade, a cada capacidade conforme as suas obras). O Estado se apropriará das riquezas e repartirá os instrumentos de trabalho de acordo com as necessidades e as competências. Em sua última obra, *O Novo Cristianismo*, SAINT-SIMON dá à sua doutrina uma forma religiosa, a seu ver igualmente isenta "da heresia católica e da heresia protestante". Esse *cristianismo verdadeiro* restauraria a fraternidade universal. Convém sublinhar as relações da doutrina de COMTE com a de SAINT-SIMON, ainda que o fundador

do positivismo se tenha separado definitivamente dêste último cêrca de dois anos antes dêle morrer.

De 1822 a 1842 decorre o período da vida de Comte que podemos denominar o da *filosofia positiva*. Em 1826 COMTE abriu um curso de filosofia, ao qual assistiram personalidades das mais célebres, entre as quais ALEXANDRE DE HUMBOLT, BLAINVILLE, JOSÉ FOURIER, BROUSSAIS etc. Já nessa época a sua fama era apreciável, pois desde 1822 publicara um trabalho intitulado *Sistema de Política Positiva*; mas ainda nessa época como discípulo de SAINT-SIMON, ainda que já com idéias suas próprias, com as quais Saint-Simon não estava de acôrdo. O curso teve de ser interrompido na quarta lição, porque AUGUSTO COMTE foi atacado de uma crise de loucura e recolhido a uma casa de alienados. Em 1828 estava completamente restabelecido e em 1829 concluiu o curso que interrompera. Êle mesmo confessa que nunca lera Kant nem Hegel e que muito pouco se preocupava com a literatura filosófica, para evitar a confusão no espírito e poder meditar e compor a sua própria obra. Era aliás mau orador e o seu estilo não é agradável.

A revolução de julho de 1830 causou grande esperanças a AUGUSTO COMTE, logo seguidas de amarga decepção. Em vez da república, vinha apenas outro rei. Apesar das dificuldades materiais com que tinha de lutar, Comte deu nêste mesmo ano de 1830 o primeiro volume do seu *Curso de Filosofia Positiva*; o segundo saiu cinco anos depois e o sexto e último em 1842. Segundo LITTRÉ, Comte escreveu a sua obra da seguinte maneira: primeiro meditava no assunto longamente; passava do conjunto aos assuntos secundários e dêstes aos pormenores, isto é, do plano geral ao plano especial de cada parte. Realizada essa elaboração, considerava feito o volume, e era verdade, pois começando a es-



crever ia até o fim sem hesitação. A memória era prodigiosa. LITTRÉ reconhece o inconveniente do processo para a perfeição da forma literária. Augusto Comte explica porque denomina o seu sistema de filosofia *positiva*, principalmente no livro que escreveu mais tarde sob o título de *Sistema de Política Positiva*. (4 vol.) e que êle considerava a sua obra capital (apareceu de 1851 a 1854). *Positivo* significa o que é real e útil, certo e preciso, orgânico e relativo. Comte opõe essas propriedades do seu sistema às filosofias anteriores *teológicas e metafísicas*. “Vemos, diz êle, que o carater fundamental da filosofia positiva é considerar todos os fenômenos como sujeitos a leis naturais invariáveis, cuja descoberta precisa e redução ao menor número possível são o fim de todos os nossos esforços, considerando como absolutamente inacessível e vazia de sentido para nós a investigação do que se chama de causas, quer primeiras quer finais”. “Ver para prever, tal o caráter permanente da verdadeira ciência; tudo prever sem nada ter visto constitui apenas uma absurda utopia metafísica..” “Science, d’ou prévoyance; prévoyance, d’ou action”. Só o sensível é real e pode ser objeto do conhecimento. O conhecimento metafísico é inaceitável. Segundo a *lei dos três estados*, a humanidade procurou primeiro a explicação dos fenômenos na ação de seres sobrenaturais, invisíveis e misteriosos (estado teológico); mais tarde formulou hipóteses metafísicas, apriorísticas (estado metafísico); veio enfim a verdadeira ciência procurar nos próprios fenômenos as causas reais e imediatas (estado positivo).

Augusto Comte classifica as ciências, conforme dissemos no princípio dêste volume, de acôrdo com a complexidade crescente e a generalidade decrescente: matemática, astronomia, física, química, biologia e sociologia. Mais tarde acrescentou a moral. O homem

é um ser eminentemente social e assim “viver para outrem” é a regra suprema da moral. A nossa idéia do bem e do mal resulta da experiência lentamente acumulada daquilo que nos é vantajoso. A filosofia, no sistema positivista de Augusto Comte, tem por objeto as leis mais gerais em que se resume o saber humano, isto é, tem por fim sistematizar as ciências. Para Augusto Comte a sociologia era a ciência superior e o filósofo procurou dar-lhe, do seu ponto de vista, um método rigorosamente científico. O próprio nome *sociologia* foi criação de Augusto Comte. É a ciência da estrutura e das funções da sociedade e divide-se em estática e dinâmica social. A idéia fundamental da primeira é a ordem, e a da segunda o progresso. Isolado, o indivíduo é uma abstração. A unidade social é a família.

Comte reconhece que o catolicismo emancipou a moral da política e é interessante sublinhar o modo pelo qual o fundador do positivismo aprecia a ação da Igreja na Idade Média. Comte considera absurdo chamar de época de trevas um período tão notável, em que o catolicismo exerceu influência salutar em todos os domínios. É verdade que para Comte este regime teológico não fez mais do que preparar os elementos para o período positivo. Comte chegou a publicar em 1852 um *Catecismo positivista*, destinado a vulgarizar a sua doutrina. Da *Síntese Subjetiva*, que deveria compreender três partes, Comte só teve tempo de terminar a primeira, que se ocupa da lógica. A *religião da humanidade* fundada por Comte é uma adoração do gênero humano considerado como *Grande Ser*, conjunto de todos os que já morreram, dos que agora vivem e dos que hão de viver. Não há imortalidade objetiva, mas somente subjetiva, na memória de cada um de nós que



reconhecemos o que devemos aos mortos. “Os vivos são cada vez mais governados pelos mortos”. Comte instituiu para a sua religião culto, sacerdócio, fórmulas inspiradas nas cerimônias católicas. Já se disse da religião positivista que é “um catolicismo sem cristianismo”.

Nem deixa de haver, nesta religião sem Deus, uma espécie de Trindade: além do *Grande Ser*, que é a humanidade, o *Grande Fétiche*, isto é a terra, a habitação da humanidade, e o *Grande Meio*, isto é o espaço. O calendário positivista divide o ano em treze meses de 28 dias, mais um dia complementar e nos anos bissextos mais outro ainda. Estão distribuídos neste calendário os principais vultos da história e da fábula. Comte esperava, em 1854, que dentro de poucos anos todos os povos estariam convertidos ao positivismo. Esta religião universal traria um progresso em todos os domínios da atividade humana, reorganizando a sociedade sem Deus e sem rei, sob a única preponderância normal, ao mesmo tempo privada e pública, do sentimento social, assistido pela razão positiva. O objetivo de Comte era transformar a sua filosofia e a sua política em uma religião capaz de suplantar o cristianismo: “On ne détruit que ce qu'on remplace”.

É incontestável a influência de Augusto Comte, embora o seu *sistema filosófico* e a sua *religião da humanidade* não tenham propriamente vencido, nem na mesma França, sua pátria. Mas a *tendência positivista*, inegavelmente, prevaleceu em muitos espíritos. Em alguns, com vantagens evidentes, o *método positivo*, ou seja um cuidado maior, um maior escrúpulo na observação e na experiência, ainda que mande a justiça acrescentar que não foi Comte o primeiro a inculcar este método, como aqui mesmo já vimos, a propósito de outros pensadores.

No Brasil a influência das doutrinas positivistas foi grande na época em que passamos de Império a República. Vê-lo-emos no último capítulo (a Filosofia no Brasil).

10. JOHN STUART MILL (1806-1837) é o chefe do positivismo inglês. Nascido em Londres, mas de ascendência escocesa, foi de rara precocidade e revelou desde cedo o gosto da leitura. Aos 14 anos já concluíra os estudos clássicos. Entusiasmou-se pela doutrina de Augusto Comte e vulgarizou-as na Inglaterra, não porém servilmente, mas com alguns matizes pessoais. Dedicou-se especialmente ao exame dos fenômenos psicológicos e tentou explicá-los pela *associação*. HOBBS, HUME e outros, antes de Stuart Mill, já haviam procurado formular as leis segundo as quais se associam os fenômenos psíquicos; Stuart Mill reduziu a uma única lei fundamental: quando duas idéias são pensadas uma ou mais vezes em estreita conexão, forma-se uma tendência a serem pensadas juntos a esta tendência é tanto mais forte quanto maior é o número de vezes que se repetir a experiência. Stuart Mill aprofundou também o exame dos problemas de lógica e rejeitou o raciocínio silogístico, só admitindo o método indutivo. Aperfeiçoou o processo baconiano de verificação experimental de relações de causalidade, graças aos métodos de concordância, de diferença, de variações concomitantes e de resíduos.

Para Stuart Mill a matéria é uma possibilidade permanente de sensações; o *Eu* é um conjunto de estados de consciência; a sensação é também um estado de consciência e portanto a distinção entre *Eu* e *Não Eu* é artificial. A psicologia deve ser considerada ciência autônoma. Sabe-se que para Comte não o era e sim mero capítulo da biologia.



A moral de Stuart Mill é utilitária, mas o interesse geral deve prevalecer e não o simples individual. A felicidade humana, mas de toda a Humanidade, é lei suprema, o soberano bem. Diga-se em favor do filósofo social que não admitia que a moral política fôsse diferente da moral privada. O liberalismo domina toda a sua concepção política.

ALEXANDRE BAIN, (1818-1903), foi colaborador de Stuart Mill e dedicou-se aos problemas da psicologia, de acordo com a doutrina associacionista.

11. HERBERT SPENCER (1820-1903) nasceu em Derby e seguiu a princípio a carreira de engenheiro civil. O estudo das ciências naturais e mais tarde a influência das idéias do geólogo Lyell despertaram-lhe o desejo de escrever uma grande obra, na qual mostrasse a importância do conceito de evolução em todos os domínios do saber humano. Apesar de não dispor a princípio de recursos para tal fim e de não ter alcançado auxílio oficial, Spencer empreendeu e levou a cabo o seu projeto. A primeira parte da obra (*First Principles*) saiu em 1860 e a última (a conclusão dos *Principles of Ethics*) em 1893. O conjunto da obra de Spencer é uma como summa científica, em que, estabelecidos os primeiros princípios, o filósofo trata de biologia, de psicologia, de sociologia e de moral em volumes especiais, sempre do ponto de vista da evolução. A idéia, que já se encontra em LAMARCK (1744-1829), que procurara explicar as transformações das espécies, aos olhos de Spencer se afigura explicativa de todo o cognoscível. Segundo o filósofo inglês, a evolução consiste numa integração de matéria acompanhada de uma dissipação de movimento, durante a qual a matéria passa de uma homogeneidade indefinida, incoerente, a uma heterogeneidade definida, coerente, e durante a qual o movimento retido sofre uma transformação paralela.

A dissolução é a mudança oposta, que cedo ou tarde sofre qualquer agregado evoluido. Êste ritmo de evolução e dissolução, que se completa em breve prazo para pequenos agregados, completa-se nos grandes agregados distribuidos através do espaço em períodos que o pensamento humano não pode medir, sendo, tanto quanto o podemos observar, universal e eterno. Partindo da noção da instabilidade do homogêneo é que o filósofo estabelece a sua teoria. O que persiste invariável em quantidade, mas sempre a modificar-se na forma, debaixo das aparências sensíveis que nos depara o universo, ultrapassa a concepção e o conhecimento do homem: é um poder desconhecido e incognoscível, que sobros obrigados a reconhecer como ilimitado no espaço e sem princípio nem fim no tempo. Como se vê, a idéia de evolução e a de incognoscível dominam todo o sistema de Spencer que sendo, pode-se dizer um positivista, muito difere de Comte. Note-se que a noção de incognoscível não implica, bem ao contrário, a negação do absoluto. Spencer acabou convencido que o fenômeno supõe o noumeno, para falar como Kant, de quem vem aliás a sua noção de incognoscível e que o relativo exige por sua própria natureza que haja um absoluto. Já se escreveu por êste motivo que Spencer é o metafísico do positivismo inglês.

No princípio dêste volume citamos a sua classificação das ciências, na qual se reconhece que a psicologia é ciência autônoma, o que não admitira Comte.

Convém notar que Spencer, já antes de Darwin, admitira a luta pela vida e a sobrevivência do mais forte.

A influência de Spencer foi grande e no Brasil se fez sentir de modo particular em Sílvio Romero.

12. HENRI BERGSON nasceu em Paris em 1859 e aí faleceu em 1941. Foi professor de filosofia na Escola Nor-



mal e depois no Colégio de França. Desde a sua primeira obra "*Essai sur les Données Immédiates de la Conscience*", que foi a sua tese de doutorando e que versa sobre o problema da liberdade, Bergson atraiu a atenção dos competentes pela originalidade de suas idéias, unida a uma forma admirável de expressão, que lhe valeu mais tarde o ser admitido na Academia Francesa. As suas obras não se impuseram pela quantidade, são relativamente poucas, mas sempre ricas de pensamento, quase sem citações, porque o autor diz o que tira da sua própria meditação e não se limita a ser um eco de vozes alheias. Assim *Matière et Mémoire*, *l'Evolution créatrice*, *les Deux Sources de la Morale et de la Religion*, nas quais está toda a sua doutrina. Merecem ainda referência *le Rire*, *l'Energie Spirituelle*, et *Durée et Simultanéité*, este último a propósito da teoria de EINSTEIN.

Para Bergson a intuição direta é meio seguro de atingir a realidade metafísica. A inteligência apreende somente o exterior das coisas e exprime-se em conceitos abstratos e simbólicos; a intuição estética apreende o objeto singular e concreto; mas a intuição filosófica penetra até o âmago da realidade. É a intuição que permite que o *eu* consciente possa conhecer-se na duração contínua que é a essência mesma do mundo. Há um surto vital (*élan vital*), e este ímpeto de vida continha virtualmente as variadas formas que, em múltiplas evoluções, ou antes numa contínua evolução criadora, foram produzindo todos os seres. A leitura de Bergson é difícil, não pelo estilo, rico de imagens, claro e não raro empolgante, mas pela própria força e riqueza do pensamento. Um dos seus grandes méritos foi dignificar com o próprio exemplo a metafísica, de que muitos já haviam apressadamente anunciado o óbito. A sua crítica de Kant e de Spencer é realmente

impressionante. Nas suas obras mais recentes o filósofo examina o cristianismo com uma profundez e simpatia que não deixam margem às antigas acusações do panteísmo, provocadas pela *Evolução Criadora*. Em seu trabalho *la Pensée et le Mouvant*, que é de 1930, a transcendência divina se acha claramente reconhecida. No seu volume *Les deux Sources de la Moral et de la Religion*, o misticismo cristão é apreciado com evidente simpatia “les grands mystiques... ont généralement été des hommes ou des femmes d'action, d'un bon sens supérieur” (p. 262).

Adversário temível das doutrinas materialistas e evolucionistas, assim como defensor da liberdade contra o determinismo, Bergson, não obstante o seu anti-intelectualismo, contribuiu de modo apreciável para chamar ao espiritualismo muitos a quem seduzira a influência das correntes mais fortes do século XIX. Quaisquer que sejam as restrições que façamos à sua doutrina, devemos reconhecer-lhe a originalidade, a coerência e a beleza. Bergson foi a figura mais digna de admiração e respeito dentre os maiores pensadores de sua época.

13. WILLIAM JAMES (1842-1910) foi professor da universidade de Harvard. As suas obras principais são: “*Principles of Psychology*”, “*The Will to believe*”, “*Human Immortality*”, “*Varieties of religious Experience*”, “*Pragmatism*”, “*The Meaning of Truth*” e “*Pluralistic Universe*”. William James é o nome mais representativo da corrente pragmatista, cujo verdadeiro fundador foi CARLOS PIERCE (1839-1914). O pragmatismo considera como critério da verdade ser ou não útil aquilo que se afirma. A ciência abstrata não satisfaz. Os resultados práticos, em vista da ação é que dão valor às doutrinas. Eis como Bergson resumiu o pensamento



de William James, na Introdução que escreveu para a tradução francesa do volume *Pragmatismo*: “La plupart des philosophies rétrécissent donc notre expérience du côté sentiment et volonté, en même temps qu’elles la prolongent indéfiniment du côté pensée. Ce que James demande, c’est de ne pas trop ajouter à l’expérience par des vues hypothétiques, c’est aussi de ne pas la mutiler dans ce qu’elle a de solide. Nous ne sommes tout à fait assurés que de ce que l’expérience nous donne; mais nous devons accepter l’expérience intégralement, et nos sentiments en font partie au même titre que nos perceptions, au même titre par conséquent que les *choses*. Aux yeux de William James, l’homme tout entier compte”.

O pragmatismo é também às vezes denominado “filosofia da experiência”. Mas ainda aqui convém observar com EMILE BOUTROUX o sentido especial que tem em inglês o verbo *to experience*, “qui veut dire, non constater froidement une chose qui se passe en dehors de nous, mais éprouver, sentir en soi, vivre soi-même telle ou telle manière d’être...”

As grandes verdades religiosas, segundo o pragmatismo, são avaliadas também pelo mesmo critério, que dá primazia à ação e não à inteligência. Útil, insubstituível, o sentimento religioso é por isto mesmo verdadeiro. Compreende-se facilmente o que há de apreciável e também o que existe de frágil no pragmatismo. Reação benéfica em face do materialismo, não basta por si só para uma concepção geral e bem fundada, quer do homem, quer do universo. É inegável porém que a doutrina influuiu até certo ponto, não só em pensadores americanos, como DEWEY, mas em BLONDEL e até em BERGSON.

14 MAURICE BLONDEL, nascido em Dijon, em 1861, é o mais notável filósofo da corrente que se pode denomi-

nar *filosofia da ação*. “A ação, ensaio de uma crítica da vida e de uma ciência da prática”, tal foi o assunto da sua famosa tese de 1893, que deu ocasião a grandes debates. BLONDEL foi discípulo de OLLÉ-LAPRUNE, mas as suas idéias possuem grande originalidade. Em suas obras mais recentes (*La Pensée, L'Etre et les êtres, e L'Action*), Blondel expõe a sua doutrina, em que se combinam as correntes mais notáveis do pensamento cristão, a de S. Agostinho e a de S. Tomaz. Leonel Franca, reconhecendo-lhe as lacunas e ousadias menos seguras, acha todavia que “o seu esforço filosófico, caracterizado por um *dinamismo teocêntrico* constitui um dos maiores, mais brilhantes e fecundos tentamens de construção de uma filosofia integral”.

15. Além dos representantes mais eminentes das várias doutrinas características da filosofia contemporânea que até aqui consideramos, muitos outros poderiam ser lembrados, quer no século XIX, quer no atual, se as proporções dêste volume fôsem maiores. Contentar-nos-emos com a rápida citação de alguns dos mais dignos de referência e a indicação de suas idéias, sem entrar em pormenores bibliográficos. Assim, por exemplo, na Alemanha, no século XIX, a reação realista contra o idealismo hegeliano apresenta vultos como o de HERBART (1776-1841) que pretendeu aplicar o método matemático aos fenômenos psíquicos; LOTZE (1817-1881), que como psicólogo defendeu a distinção da alma e do corpo; FECHNER (1801-1887) representante da escola psico-física e que formulou a lei célebre de que “a sensação cresce como o logaritmo da excitação”; WUNDT (1832-1920), fundador de um Instituto de psicologia experimental. Da filosofia do Inconsciente o principal vulto é ED. HARTMANN (1842-1902), de um pessimismo um pouco menos exagerado que o de Schopenhauer.



Em França o neo-kantismo tem a sua mais alta expressão em CH. RENOUVIER (1815-1903), que defendeu a aplicação universal da lei de contradição e afirmou resolutamente a liberdade, mostrando a solidariedade das duas idéias. ALFRED FOUILLEÉ (1838-1912) procurou estabelecer a sua teoria das idéias-fôrças e com ela completar e corrigir o monismo evolucionista. O seu discípulo e enteado J. M. GUYAU (1854-1888), poeta, crítico e filósofo, tentou uma moral sem obrigação nem sanção (*Esquisse d'une Morale sans obligation ni sanction*) e analisou os problemas estéticos de um ponto de vista sociológico.

Da corrente positivista LAFFITTE (1823-1903) representa a ala ortodoxa do Comtismo e LITTRÉ (1801-1881) a dos dissidentes. Êste último é célebre pelo seu dicionário da língua francesa. TAINÉ (1828-1893) como historiador deixou uma obra notável sôbre "Les Origines de la France Contemporaine" e tornou-se muito conhecido pela sua teoria da influência da raça, do meio e do momento.

As idéias positivistas na Itália produziram a escola antropológica ou de criminologia positiva, de LOMBROSO (1836-1909) com a sua teoria do criminoso nato, que foi continuada e modificada por FERRI e GARÓFALO.

Também em Portugal o positivismo influiu, por exemplo, em TEÓFILO BRAGA (1843-1924). Do Brasil diremos mais adiante.

Das idéias evolucionistas se fêz campeão em Iena, na Alemanha, ERNESTO HAECKEL, que levou o seu fanatismo materialista a ponto de querer forçar demonstrações por meio de *clichés* retocados ou falseados.

O idealismo de fundo hegeliano encontrou na Itália, entre outros, BENEDETTO CROCE (1866) e GIOVANNI GENTILE (1875).

16. “A pretensão da psicologia de ser a filosofia tôda ou pelo menos o essencial da filosofia recebeu nos últimos tempos, principalmente na Alemanha, a denominação de *Psicologismo*... Contudo, apesar da fôrça crescente que lhe conferiam as conquistas da psicologia, o psicologismo tinha de esbarrar naquilo que, no conhecimento autêntico das coisas lhes constitui a objetividade, impossível de resolver, ao que parece, em simples estados ou dados de consciência: daí, como reação, um esforço no sentido de reconstituir com rigor mais sistemático a lógica, independente da psicologia, e daí para as concepções oriundas dêsse esforço o nome de *Logicismo*. Psicologismo e Logicismo são termos novos para coisas bem antigas”. E VICTOR DELBOS exemplifica: o Logicismo, como doutrina ou como tendência, é inerente às filosofias racionalistas e até às vêzes a outras; e o Psicologismo, desde HUME e mesmo desde BERKELEY caracteriza a escola inglêsa, inclinada a ver nas relações lógicas apenas esquemas, fictícios na sua abstração, das relações mentais concretas. O Psicologismo na Alemanha foi constituído por FRANCISCO BRENTANO (1838-1917) e tem estreitas afinidades com o empirio-criticismo de AVENARIUS (1843-1896), e com as análises de ERNESTO MACH (1838-1916). Contra êsses Psicologismo ergue-se o Logicismo dos Neo-kantistas, por exemplo um HERMANN COHEN (1842-1918) e do seu discípulo P. NATORP (1854-1925), célebre no movimento anti-herbartiano, monista espiritualista; e enfim o logicismo formalista de HUSSERL 1859. Discípulo de BRENTANO, a quem dedicou a sua primeira obra, *Filosofia da Aritmética* (1891), mais tarde tomou posição contra o Psicologismo em uma das suas obras mais importantes: *Logische Untersuchungen e Prolegomena zur reinen Logik*. Husserl propõe desta maneira a questão: é a Lógica disciplina teórica ou arte prática? Independe



das outras ciências, especialmente da psicologia? Ocupa-se apenas do aspecto formal do conhecimento e não daquilo que lhe constitui a matéria; é disciplina *demonstrativa a priori* ou disciplina *empírica e indutiva*. Para HUSSERL cabe à lógica o estudo das essências e formas universais; independente da psicologia e estabelece relações necessárias *a priori*. Mas Husserl não se limitou ao estudo da lógica pura: foi além estudando a Fenômenologia e a teoria do conhecimento. Husserl entende por Fenômenologia uma ciência que procura atingir as essências, isto é uma ciência *eidética* (*Wesenswissenschaft*). Seu método é a intuição eidética, graças à qual é possível apreender o abstrato no concreto. Ocupa um domínio neutro entre a psicologia e a lógica pura. As leis psicológicas se fundam na experiência e são de natureza indutiva. As lógicas são necessárias e ideais e exprimem verdades necessárias.

MAX SCHELER (1874-1928), empregando o método da fenomenologia, edificou um sistema original de ética e de alcance religioso. Escreveu: "*Der Formalismus der Ethik und die materielle Ethik; Vom Umsturz der Werte e Vom Ewigen im Menschen*". Os valores éticos e religiosos independem das variações psicológicas do sujeito e devem ser considerados em si mesmos.

MARTIN HEIDEGGER (1889), discípulo de Husserl, aplicando o método da escola fenomenológica, não se limita a analisar as essências. Preocupa-o sobretudo o problema da existência. A resposta à pergunta "Que é o ser?" e "Por que existe?" é afinal o objeto por excelência da investigação filosófica. Observando-se a si mesmo e observando os fenômenos, o homem encontra como resposta a própria existência. As obras principais de HEIDEGGER são: *Sein und Zeit*, *Vom Wesen des Grundes*; *Was ist Metaphysik*. Para HEIDEGGER, se é evidente a existência do homem, a sua origem e o seu destino

último lhe parecem impossíveis de esclarecer satisfatoriamente. A *filosofia existencial* reconhece uma inquietação humana quanto a êsses problemas que se lhe afiguram insolúveis.

A filosofia existencial de Heidegger influenciou em outros pensadores contemporâneos alemães, dos quais merecem referência C. JASPERS e PETER WUST, êste último católico, e que sublinha como características da alma contemporânea “a incerteza e o risco” (*Ungewissheit und Wagnis*, título de um dos seus livros mais recentes).

17. A filosofia cristã no século XIX apresenta por assim dizer duas fases: na primeira metade a sua atitude é antes defensiva, diante das várias correntes que já analisamos; na segunda metade do século a escolástica se restaura, S. Tomaz passa a ser, graças a Leão XIII, o grande mestre das escolas católicas, e esta fase de renascimento se prolonga, cada vez com mais vigor, até os nossos dias.

Na primeira fase, ainda eclética, merece especial referência BALMES (1810-1848), que com os seus volumes “*El Criterio*” e a “*Filosofia Fundamental*” exerceu salutar influência na Espanha e até fora de sua pátria. Na Itália é nome digno de ser sublinhado o de TAPARELLI D’AZEGLIO (1793-1862), ilustre jesuita que foi o restaurador da escolástica e cujo “*Saggio teoretico de Diritto Naturale*” é obra de grande valor. Taparelli foi também colaborador da revista *Civiltà Cattolica*, a qual muito contribuiu para a difusão da boa filosofia cristã e onde colaboraram figuras de alto valor como LIBERATORE (1810-1892). Em França o tradicionalismo tem um precursor em JOSEPH DE MAISTRE (1744-1821), que escreveu uma apologia notável do sumo pontificado em seu livro “*Du Pape*” e criticou o filosofismo do século XVIII em “*Soirées de Saint Petersburg*”. DE BONALD



(1754-1840) e LAMENNAIS (1782-1854) são os teóricos e chefes mais em evidência do tradicionalismo. O primeiro admite como critério da verdade a origem divina da linguagem; a tradição transmite-nos com a linguagem as verdades contidas na revelação. O segundo, mais radical, apela para a razão universal e para a autoridade do gênero humano, em seu consenso. Lamennais acabou separando-se da Igreja Católica, a qual passou a combater.

Outro representante notável da filosofia cristã em França é GRATRY (1805-1872), que escreveu várias obras, entre elas "*La Connaissance de Dieu*", "*La Logique*", "*La Connaissance de l'Âme*" em estilo dos mais agradáveis de ler, e que lhe valeram entrar na Academia francesa. Na Itália há dois nomes que exigem menção: ANTONIO ROSMINI (1797-1855), VICENTE GIOBERTI (1801-1852), ambos sacerdotes e ambos influenciados pelos princípios do ontologismo. A Igreja condenou a doutrina rosmينية.

A verdadeira filosofia cristã tem os seus representantes nos Neo-Escolásticos. Assim na Itália S. SEVERINO (1811-1865) (além dos já citados TAPARELLI e LIBERATORE). Na Espanha o cardeal GONZALEZ (1831-1894). Na Alemanha KLEUTGEN (1811-1883). Na Bélgica o cardeal MERCIER, arcebispo de Malines (1851-1926), autor de um curso completo de filosofia, dos mais notáveis, ao mesmo tempo tomista e pessoal na sua forma. Em França, H. MARITAIN e SERTILLANGES, grandes expositores do pensamento tomista.

Não cabe nos limites dêste capítulo maior desenvolvimento sobre a filosofia neo-escolástica. Cumpre citar o que sobre o assunto escreveu no Brasil um dos seus legítimos representantes: LEONEL FRANCA, em seu volume relativo à história da filosofia.

## IX

### A FILOSOFIA NO BRASIL

#### I

#### VISTA GERAL

1. Há e sempre houve no Brasil alguns espíritos preocupados com os altos problemas da filosofia. Não existe, porém, se quisermos falar com rigor científico, uma *filosofia* brasileira. Mais adiante explicaremos melhor esta afirmação. Primeiro daremos indicações sumárias a respeito daqueles que em nossa pátria se têm ocupado de modo mais digno de atenção de assuntos propriamente filosóficos. Não nos deteremos em cada um porque na quase totalidade foram meros expositores, ou comentadores, não criadores de sistemas originais. Os nomes de TOBIAS BARRETO, SÍLVIO ROMERO e FARIAS BRITO serão objeto de maior atenção, dada a sua influência. No caso especial de Farias Brito faremos um capítulo mais desenvolvido, por tríplice razão: ser êle, sem dúvida possível, o que mais se aproximou do tipo do verdadeiro filósofo, ainda que não o consideremos filósofo no sentido de fundador de sistema, pois não existe nenhum *britismo* e bem o sabem quantos porventura conhecem a obra tôda do ilustre pensador cearense; ser essa obra, na opinião do próprio Sílvio Romero, “a de maior fôlego publicada entre nós” e cuja originalidade “está mais nas abundantes e às



vêzes inesperadas idéias que espalha por muifas de suas páginas do que mesmo no seu plano geral", e enfim porque já se tem querido diminuir-lhe ou até contestar o mérito invulgar, para exaltar outras figuras, que não suportariam confronto feito com imparcialidade e genuína erudição.

A grande maioria dos nomes comumente lembrados, quando se trata de filosofia no Brasil, apenas correspondem a simples expositores ou vulgarizadores de idéias vindas de além-mar. Já menor o dos críticos de tais idéias e mínimo (na realidade nulo) o de inovadores ou criadores de sistemas. Facilimo verificá-lo, havendo tempo e paciência para ler os próprios autores. Infelizmente não raro são citados através de citações de citações...

Sílvio Romero se referiu a Farias Brito da maneira que acabamos de lembrar, em um documento que divulgamos em nosso volume relativo ao pensador cearense (n. 177 da *Brasiliiana*, pag. 287-291), documento copiado por nós do original manuscrito assinado pelo mestre sergipano e existente no Arquivo do Externato do Colégio Pedro II. Tem a data de 26 de novembro de 1909 e honra tanto aquêle a quem se refere de modo especial quanto o juiz imparcial e nobre que o subscreve.

Eis alguns tópicos dêsse documentos. "Entre os simples expositores estão Mont'Alverne, Moraes e Vale, Soriano de Sousa, L. Pereira Barreto, Miguel Lemos e Teixeira Mendes. Em o número dos críticos de filosofia, espíritos que procuraram caminhos entre os sistemas europeus, com segura autonomia de pensamento, contam-se Tobias Barreto, Guedes Cabral, Lívio de Castro, Artur Orlando, Clovis Bevilacqua, Fausto Cardoso, Samuel de Oliveira, Laurindo Leão etc. Entre os que se julgaram originais e chefes de sistemas, ci-

tam-sé José de Araujo Ribeiro (Visconde do Rio Grande), com o *Fim da Criação*, R. Farias Brito, com a *Finalidade do Mundo* e Estelita Tapajós com o livro que teve o modesto título de *Ensaio de Filosofia e de Ciência*. Dêsses três é o autor da *Finalidade do Mundo* que apresenta melhores títulos”. E mais além, depois de criticar os trabalhos do Visconde do Rio Grande e de Estelita Tapajós, recusando-lhes originalidade, diz da obra de Farias Brito é “muito mais considerável”. E após ligeira apreciação, conclui: “...A porção crítica de sua obra é sem par na literatura brasileira”.

Vejamos nós aqui primeiramente o essencial dos principais autores acima arrolados; depois algo mais desenvolvido sobre Tobias e o próprio Silvio e enfim uma análise mais minuciosa da vida e obra de Farias Brito. Concluiremos dizendo por que não admitimos que exista uma filosofia genuinamente brasileira. Há, isto sim, e cada vez com melhores recursos e possibilidades, quem estude, critique e ensine filosofia no Brasil. Mas isto não é a mesma coisa.

2. Na ordem cronológica a Mont'Alverne cabe a referência inicial. O *Compêndio de Filosofia*, foi escrito em 1833 e conservou-se muitos anos manuscrito. Não tendo sido revista a publicação pelo autor, já falecido em 1858, e aliás desde muito já privado da visão, torna-se difícil julgá-la com segurança. Sílvio Romero foi bastante severo na apreciação: “O documento que deixou de sua capacidade filosófica é simplesmente medíocre”. Leonel Franca, a propósito do orador sacro, ainda que lhe reconheça o mérito, não deixa de sublinhar-lhe a “ridícula vaidade”. E do pensador diz que não foi profundo nem original. MONT'ALVERNE sofreu a princípio a influência do sensualismo de Condillac e mais tarde a do ecletismo de V. Cousin. Era adversário de



escolástica, a que chamou de “filosofia bárbara”. Mas não demonstrou conhecê-la bem... O eloqüente pregador, natural do Rio de Janeiro, chamou-se no século FRANCISCO DE CARVALHO e, tendo professado como franciscano, passou a ser Frei FRANCISCO DE MONT'ALVERNE. Perpetua-lhe a memória o célebre sermão de panegírico de S. Pedro de Alcântara, de que andam trechos nas antologias.

Quase que não vale a pena citar Mont'Alverne entre filósofos. Outro tanto se deve afirmar de MANOEL MARIA DE MORAIS E VALE (Rio, 1824-1886), autor de um *Compêndio de Filosofia* (1851), destinado a estudantes e sem a mínima nota original, inspirado na escola eclética francesa.

EDUARDO FERREIRA FRANÇA (Bahia, 1809-1857), foi médico, formado em Paris e professor em sua cidade natal. Do materialismo que a princípio aceitara, passou ao espiritualismo por influência da leitura de MAINE DE BIRAN. Pertence a essa fase a sua obra *Investigações de Psicologia* (1854), em dois volumes. Claro, mas sem a elegância da sobriedade e sem firme base metafísica, a sua leitura torna-se fatigante.

O VISCONDE DE ARAGUAIA (Domingos José Gonçalves de Magalhães, Rio, 1811 — Roma, 1882) formado em medicina em Coimbra, ensinou filosofia no Imperial Colégio de Pedro II, mas logo preferiu a carreira diplomática. É considerado o iniciador da corrente romântica em nossas letras. A sua obra *Fatos do espírito humano* é de caráter filosófico e foi publicada em Paris em 1858. Além desta obra escreveu ainda *A alma e o cérebro* (Rio, 1876). MAGALHÃES, apesar de sofrer a influência perturbadora do ontologismo e do ecletismo francês, prestou um bom serviço refutando o materialismo e de modo particular o sensualismo de Condillac.

PATRÍCIO MUNIZ (1820 — 1871) — nasceu em Funchal, na Ilha da Madeira, mas veio muito jovem para o Brasil, onde se naturalizou e permaneceu até à morte. O seu livro *Teoria da afirmação pura* (1863) contém trechos absolutamente sem sentido, não obstante ser escrito por um sacerdote que estudou teologia em Roma, além de ter estudado direito em Paris. Dêle escreve com fina ironia Leonel Franca: “O P. Patrício é um pensador original em todos os sentidos da palavra. A filosofia transcendental de afirmação pura nasceu com o seu livro e com êle morreu”. Um único exemplo: “Substância é uma fôrça que se subjetiva quando pensa e que completa esta subjetividade quando atua idênticamente a sua afirmação subjetiva”.

JOSÉ AFONSO DE MORAIS TORRES (1805 — 1865) nasceu no Rio e foi Bispo do Pará. Compôs um *Compêndio de Filosofia Racional* (1852). Não tem maior valor a obra, embora na intenção do autor visasse apresentar doutrina espiritualista pura, sem os erros do ecletismo.

JOSÉ SORIANO DE SOUSA (1833 — 1895) nasceu na Paraíba, doutorou-se em medicina no Rio e em filosofia em Lovaina. Disputou em concurso a cadeira de filosofia do Ginásio do Recife, sendo concorrente Tobias Barreto. Os amigos e admiradores dêste último não lh'o perdoaram. Sem ser original, Soriano conhecia bem a filosofia espiritualista cristã, especialmente a de S. Tomaz, e assim escreveu excelentes compêndios, entre os quais um intitulado *Elementos de Filosofia do Direito* (Recife, 1880).

O VISCONDE DE SABOIA (Vicente Cândido de Saboia, 1835 1909) foi um grande cirurgião, professor e diretor da Faculdade de Medicina do Rio. Aposentado, consagrou-se ao estudo da filosofia e publicou o livro *Vida psíquica do homem* (1903), em que ataca o mate-



rialismo e mostra a perfeita compatibilidade da doutrina espiritualista com as mais recentes aquisições da ciência.

3. A corrente materialista nos apresenta o VISCONDE DO RIO GRANDE (José de Araujo Ribeiro), nascido em Pôrto Alegre em 1800 e falecido no Rio, em 1879. Era doutor em direito pela Universidade de Coimbra e foi diplomata e senador do Império. A sua obra de caráter filosófico tem por título *O fim da criação ou a Natureza interpretada pelo senso comum*, que saiu anônima em 1875. Eis o que dêle pensava Sílvio Romero: “Não passa de compilação, aliás inteligentemente feita, de dados geológicos tendentes a provar o crescimento da terra. A êste crescimento é que o Senador brasileiro, considerava o *fim da criação*...” Leonel Franca deplora que as excentricidades do livro nos sejam propostas como interpretação da natureza *pelo senso comum*.

DOMINGOS GUEDES CABRAL (1852 — 1883) nasceu na Bahia e aí se formou em medicina. Publicou em 1876 um livro sob o título *Funções do cérebro*, e que era a tese apresentada pelo autor à Faculdade e rejeitada antes mesmo de ser defendida. Guedes Cabral pretendia provar que o pensamento se explica mecanicamente: é simples forma de movimento e o homem é apenas um macaco aperfeiçoado.

Dos evolucionistas merecem especial atenção TOBIAS BARRETO e SÍLVIO ROMERO, de quem trataremos um pouco mais demoradamente. Também ESTELITA TAPAJÓS com o seu livro *Ensaio de Filosofia e de Ciência* (1908) se mostrou partidário do monismo evolucionista. Eis a opinião de Sílvio Romero a seu respeito: “...Com ser bem interessante, está muito longe de ser uma obra original, tanto quanto se pode hoje falar de originalidade... Bem longe disso. Os primeiros

ensaios são de pura influência de Haeckel, que esteve muito em voga a datar de 1875 e anos próximos, principalmente no Recife, onde se publicaram livros que chegaram a influir, entre 1880 a 90, nos estudantes de medicina do Rio de Janeiro, moços em cujo número se destacavam Lívio de Castro, Trajano de Moura, Marcolino Fragoso, Oliveira Fausto e Estelita Tapajós, autores todos de teses de doutoramento inspiradas no transformismo haeckeliano, brilhantes trabalhos dos melhores que conhecemos no gênero. Os últimos capítulos são irrecusável eco dos livros de Elifas Levi sobre ciências ocultas, a cujo estudo, pouco antes de falecer, se havia entregue o malogrado escritor". (*Do parecer precitado*).

O monismo evolucionista, quer no seu matiz pseudo-científico haeckeliano, quer no seu aspecto mais filosófico de origem direta de Spencer, teve inegável influência no grupo de juristas e sociólogos mais ou menos ligados à chamada Escola do Recife. Podemos sentir essa influência, por exemplo, em ARTUR ORLANDO e em FAUSTO CARDOSO, além dos nomes representativos do próprio Tobias e de Sílvio.

A corrente positivista tem como grandes expoentes, além de BENJAMIM CONSTANT, matemático e professor, cujo nome está para sempre ligado à proclamação da República em 1889, os de MIGUEL LEMOS (1854 — 1916) e de RAIMUNDO TEIXEIRA MENDES (1855 — 1927) fundadores da "Sociedade Positivista" do Rio (1876) que veio a ser o "Apostolado Positivista": A êsses pode-se acrescentar o nome de um positivista dissidente ou independente, isto é, *não ortodoxo*. Referimo-nos ao nome de LUIZ PEREIRA BARRETO (1840 — 1922), doutor em medicina e ciências naturais e autor da obra *As três filosofias* (1874 — 1876), de que não chegou a sair a terceira parte, exatamente a que tra-



taria da doutrina positivista. Mas já nas duas primeiras a crítica da teologia e da metafísica era feita do ponto de vista de Comte. Em todos êsses autores nada há rigorosamente original.

4. Tobias Barreto de Menezes nasceu na vila de Campos, no atual Estado de Sergipe, em 1839 e faleceu no Recife em 1889. Pensou em seguir a carreira sacerdotal e entrou no Seminário da Bahia, mas para sair logo por não ter vocação. No Recife estudou direito e veio a ser professor da Faculdade. Poeta, crítico, jurista e apaixonado de assuntos filosóficos, sabendo alemão (coisa realmente excepcional naquela época), deixou-se empolgar pelo monismo evolucionista, de que se fêz ardoroso defensor. De 1871 até se transferir definitivamente para o Recife, onde em 1882 tirou em concurso a cadeira de lente da Faculdade de Direito, residiu em Escada, onde possuía uma pequena tipografia. Daí o ser às vêzes chamado “o filósofo de Escada”. Polemista por temperamento, escreveu e discutiu muito, exercendo decisiva influência no meio intelectual de então. Suas obras porém se ressentem da falta de serenidade e ordem na composição. São antes coletâneas de artigos e escritos vários sôbre diversos temas do que pròpriamente livros meditados e dispostos sistematicamente num conjunto orgânico. Eis alguns dêsses livros, deixando de lado aquilo que não nos interessa aqui, isto é, a obra poética (*Dias e Noites*): *Ensaio e estudos de filosofia e crítica* (1875); *Questões vigentes de filosofia e de direito* (1888); *Estudos alemães* (1883) e, de publicação póstuma, *Vários escritos e Polêmicas* (1900 e 1901).

TOBIAS foi o chefe e inspirador da chamada “Escola do Recife”. Nada há de absolutamente novo em matéria filosófica em sua obra; houve, sim, para a época, a surpresa e o escândalo para muitos e a admi-

ração exagerada e sincera de outros, sobretudo moços, a quem a audácia (e também o manejo do alemão) de TOBIAS fascinavam. Defensor da emancipação feminina, no terreno intelectual, adversário de metafísica, negando também foros de ciência à sociologia (ponto em que SÍLVIO ROMERO sempre dele divergiu), TOBIAS BARRETO foi um espírito irrequieto, que sofreu a irresistível sedução das novidades do seu tempo, em que a filosofia no Brasil ainda era muito mal representada no terreno espiritualista, com uma ou outra rara exceção. HAECKEL, HARTMANN, SCHOPENHAUER, KANT principalmente exerceram ação perturbadora e compreende-se o entusiasmo de TOBIAS, que hoje, à distância, mesmo quando o procuramos julgar com serenidade e simpatia, nos faz sorrir, pela agressividade tão pouco própria de um genuíno filósofo e pelo seu germanismo exaltado e tão injusto na apreciação de outros valores reais.

5. Quem trata de TOBIAS, logo se lembra de SÍLVIO. Os dois foram amigos e, embora divergissem em pontos secundários, agiram de acôrdo no sentido de propugnar o monismo evolucionista então em moda. SÍLVIO ROMERO nos diz, no prefácio da sua *Filosofia do Direito*: “Em suma, eu e TOBIAS, que demos ao Brasil o exemplo da mais completa fraternidade espiritual, fomos dois camaradas, dois obreiros amigos, mas independentes, que procuramos trabalhar sem rivalidades e sem submissão um ao outro, de acôrdo porém autônomos”.

SÍLVIO (Vasconcelos da Silveira Ramos) ROMERO nasceu em Lagarto, em Sergipe, 1851, e faleceu no Rio, em 1914. Bacharelou-se no Recife, mas não chegou a doutourar-se, por ter havido um incidente com um dos examinadores, por ocasião da defesa de teses. Veio para o Rio, e nesta capital foi professor do colégio Pedro II e da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e



Sociais. Dedicou-se à crítica literária e filosófica, escreveu muito em revistas e jornais, foi polemista ardoroso e deixou uma obra vasta, variada e de valor desigual, sendo particularmente apreciável a grande "História da Literatura Brasileira", cuja terceira edição, em cinco volumes, saiu a lume há pouco tempo, organizada e prefaciada por NELSON ROMERO. SÍLVIO é, sem contestação possível, um dos grandes nomes da crítica literária no Brasil. Quanto ao seu valor como filósofo, temos que reconhecer que foi em seu tempo um dos maiores entusiastas e divulgadores em nosso país das idéias de SPENCER. Sofreu nos primeiros tempos de sua formação intelectual o influxo de JOUFFROY; depois, o de LITTRÉ e TAINE; mas a grande influência foi a de SPENCER e, concomitantemente, as de DARWIN, HAECKEL, BÜCHNER, VOGT, MOLESCHOTT e HUXLEY. Mais tarde, em seus estudos de sociologia, veio a conhecer e admirar a escola de LE PLAY (24), de que foi no Brasil um dos primeiros defensores. Essa "Escola da Ciência Social", renovada por HENRI DE TOURVILLE e de que EDMOND DEMOLINS foi o mais ardente, ainda que superficial, expositor, parecia a SÍLVIO ROMERO a melhor "como processo e método".. O que há de mais pessoal na obra de

---

(24) Leia-se o prefácio ao livro de Arthur Guimarães, "Questões econômicas Nacionais" p. 14 sqq. escrito em março de 1904, e a segunda edição do "Ensaio de Filosofia do Direito", do próprio Sílvio, segunda edição, 1908, p. 241-246. Aí nos diz textualmente: "As páginas precedentes a êste assunto consagradas na primeira edição dêste livro, devem agora ser ampliadas e retificadas, pela que apreendemos nos estudos dos discípulos da Escola de Le Play, cujos processos fundamentais adotamos..." (p. 241) Sílvio propôs a forma *comunário* para traduzir o francês *comunautaire*, na expressão *sociétés comunautaires*; parece todavia preferível a forma *comunitário*. Veja-se também "Princípios de Sociologia" de Fernando de Azevedo (cap. III da parte IV).

SÍLVIO de caráter filosófico vem a ser as suas tentativas de classificação: as criações fundamentais e irreduzíveis da humanidade (Ciência, Religião, Arte, Política, Moral, Direito, Indústria) ou classificação dos fenômenos sociais em dois grupos, um prático (Indústria, Direito, Moral, Política) e outro teórico (Religião, Arte, Ciência); a classificação das ciências, que se pode ver a p. 37 da edição precitada da *Filosofia do Direito*, classificação que o autor reputava mais completa e didática do que as de COMTE e SPENCER; a distribuição dos sistemas filosóficos em quatro grupos (monismo, dualismo, positivismo e criticismo naturalístico ou naturalismo evolucionista). Qualquer que seja o modo de apreciar essas tentativas taxinômicas, não há negar que são por si insuficientes para constituir um sistema filosófico. A verdade é que SÍLVIO ROMERO, como TOBIAS BARRETO, não foi propriamente um filósofo no sentido de criador de uma doutrina ou teoria nova, mas um expositor, um divulgador e um crítico das correntes mais em evidência na sua época.

## II

### FARIAS BRITO

1. RAIMUNDO DE FARIAS BRITO nasceu na serra da Ibiapaba, no Ceará, em 1862 (25). Em São Benedito, obscuro povoado da “*estância da terra alta*”, denominada outrora pelos intrépidos tabajaras, abriu os olhos

---

(25) A data do nascimento de Farias Brito. A 10 de fevereiro de 1938, em Sobral, Estado do Ceará, consultamos o livro de assentamentos de batismos de 1861 a 1869, existente no arquivo da Câmara eclesiástica. Verificamos, sem mais possibilidade de controvérsia, que Raimundo de Farias Brito nasceu a



à luz aquêle que deveria ser, por excelência, mais tarde, no Brasil, o seu filósofo e o seu poeta. Poeta enamorado da Luz, nascido na Terra do Sol, no esplendor ardente e ofuscante de uma natureza tropical, não surpreende que desde seu primeiro volume glorifique a Luz “a mais alta, a mais bela, a mais divina de tôdas as realidades” E que a divinize, em verdadeiro culto de adoração: “eu digo: Deus é o que há de mais claro e visível na natureza: Deus é a Luz”. E vinte anos mais tarde, no último dos seus livros publicados, quase ao findar o derradeiro capítulo: “Deus é a luz. Mas a luz e tôda a luz, a luz externa e a luz interior, identificadas numa só e mesma unidade, envolvendo todo o ser e tôda a realidade”.

De família paupérrima, estudou humanidades em Fortaleza e com grande esforço e trabalho concluiu o curso jurídico no Recife em 1884. Foi promotor, advogado, secretário do govêrno no seu estado natal e

---

24 de julho de 1862 (Mil oitocentos e sessenta e dois), em São Benedito, e não em 1864, conforme tinham afirmado Jackson de Figueiredo, Rocha Pombo e todos quantos consultaram estas fontes. A *Revista da Academia Cearense*, de que Farias Brito foi sócio efetivo e orador oficial, ao publicar a biografia do seu ilustre membro fundador, em verbete do *Pequeno Dicionário Bio-bibliográfico Cearense*, pelo Barão de Studart, dá o ano de 1863 como o do nascimento do autor da *Finalidade do Mundo*. O próprio Farias Brito porém, em documento autógrafo existente no arquivo do colégio Pedro II, indicara a data de 1862. Foi êste o motivo que nos levou a pesquisar a verdade, na própria localidade onde se encontra o assentamento original. Já agora no túmulo de Farias Brito, no cemitério de São Francisco Xavier, no Rio de Janeiro, está emendada a data do seu nascimento, que a princípio figurava como sendo 1864. Na última edição da obra do Pe. LEONEL FRANCA, *Noções da História da Filosofia*, já está corrigida a mesma data (pag. 499 da 9.<sup>a</sup> ed., Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1948).

depois professor da Faculdade de Direito de Belém, no Pará. Em 1909 fêz o concurso para a cadeira de lógica do colégio D. Pedro II aqui no Rio, tendo obtido o primeiro lugar, bastando saber que o segundo classificado foi EUCLIDES DA CUNHA. Morreu nesta capital em 1917, cercado da estima e admiração de amigos e discípulos, na pobreza e modéstia que sempre amou em tôda a vida. Deixou todavia uma obra filosófica da qual escreveu SÍLVIO ROMERO: "É a de maior fôlego entre nós".

O próprio FARIAS BRITO, não obstante a sua obra o ter desde cedo colocado entre os pensadores mais dignos de respeito no Brasil, achava que a sua vida nada possuía de especial relêvo. Ouçâmo-lo, na sua habitual humildade serena e sincera "Devo observar que minha vida é extremamente simples. Nada tenho de notável. Sou verdadeiramente o que se pode chamar um homem sem história, porque nunca se passaram comigo coisas extraordinárias. Nunca ocupei posição saliente. Nunca exerci nem pretendi exercer influência ou domínio sobre quem quer que seja. Nunca alcancei em coisa alguma vitórias ruidosas".

Traços característicos e admiráveis do homem: a serenidade socrática no julgar-se a si próprio, a exata compreensão dos valores morais, o senso do efêmero e entretanto do que há de nobre e belo no drama da existência humana, o que o levou a escrever, no princípio do seu primeiro volume, publicado em Fortaleza em 1895: "Filosofar é aprender a morrer". A frase pertence a SÓCRATES, de quem o mesmo FARIAS BRITO afirmou ter sido "o mais puro dos pensadores antigos".

2. Se a própria vida de FARIAS BRITO constitui exemplo dos mais admiráveis de tenacidade, amor ao trabalho e sobretudo de verdadeira paixão (o termo é dêle mesmo) pela filosofia, a sua obra merece ainda



hoje ser lida e analisada e a sua memória exige o respeito que os grandes mortos inspiram até àqueles que não participam das suas convicções.

Pena é que ainda tão poucos, mesmo entre eruditos ou que tal se considerem, conheçam de fato a obra do pensador cearense. Aliás os primeiros volumes estão esgotados e a prometida reedição ainda não veio. Por outro lado, filósofos não podem ser populares como artistas de cinema.

Quando, FARIAS BRITO escreveu os seus primeiros volumes em Fortaleza, o positivismo ainda exercia no Brasil influência apreciável. No seu prefácio à obra muito conhecida de GRÜBER, sublinha OLLÉ-LAPRUNE essa influência. O prefácio é de abril de 1892. O volume inicial da série intitulada *Finalidade do Mundo*, publicou-o o pensador cearense em 1895, mas é claro que o ideou e escreveu ainda no triênio 92-94. Ora não só nêsse período, senão também ainda mais tarde, no Pará, em 1905, no terceiro volume da *Finalidade do Mundo*, FARIAS BRITO se ocupa do positivismo para refutar os fundamentos mesmos dessa doutrina. Pode-se até afirmar sem êrro que FARIAS BRITO — sem ser católico, nem sequer cristão, pois nessa época a sua atitude intelectual é a de um livre pensador fora de qualquer igreja — atacou o positivismo com uma constância, coragem e elevação de linguagem que talvez só se encontrem em JÚLIO MARIA, êste porém sacerdote católico e disposto a prègar a palavra divina a todo o Brasil culto, em uma série de conferências inesquecíveis. Nem pareça rescabida aqui a aproximação dos dois nomes. Na verdade as duas órbitas se cortaram exatamente em Belém do Pará, em 1902, quando o Padre JÚLIO MARIA, violenta e descortêsmente agredido por GOMES DE CASTRO, positivista intolerante, foi defendido, espontânea e admiravelmente, pelo livre pensa-

dor FARIAS BRITO. Não cabe aqui o relato minucioso do episódio: narramo-lo em outro volume (26).

Seja como fôr, ainda hoje, embora a doutrina positivista não exerça mais nenhuma influência política ou social apreciável, nem sequer no Brasil, onde conta alguns prosélitos persistentes, ainda em nossos dias, dizemos, a argumentação de FARIAS BRITO não perdeu o sabor de atualidade. Já no primeiro volume da sua obra mostrara, rápida mas incisivamente, o que há de estranho na concepção de COMTE (*generosa no fundo*, diz FARIAS BRITO, sempre disposto a julgar com serena indulgência e sem ataques pessoais, nem ironias incompatíveis com o genuíno espírito filosófico). No segundo volume, ao estudar a crise do pensamento nos tempos modernos e as tentativas de solução, analisa mais detidamente as que são devidas a três sistemas, “que chamaram a si os espíritos mais eminentes”. E enumera-as: “a ditadura científica de AUGUSTO COMTE, o individualismo organicista de HERBERT SPENCER e o socialismo coletivista de MARX: o primeiro nascido principalmente da inspiração da matemática; o segundo, do conhecimento das ciências naturais; o terceiro da observação dos fatos econômicos”. Cada um é criticado no que possui de essencial e característico. Isto em Fortaleza, em 1899... Numa época em que (dê-lo no mesmo volume o próprio FARIAS BRITO, a página 304) “o atraso da filosofia chega no Brasil a tal ponto que, para tornar conhecidas verdades aliás de extrema simplicidade, não basta apoiá-las em argumentos irrefutáveis, é necessário insistir, repisar, tornar volumosa a exposição, para arrastar pelo pêso...” TOBIAS BARRETO o dissera, antes dêle, e, como sempre, com violência:

---

(26) Veja o vol. 177 da *Brasiliiana*.



“Se nas outras esferas do pensamento somos uma espécie de *antropóides* literários, meio homens, meio macacos, sem caráter próprio, sem expressão, sem originalidade, — no distrito filosófico é ainda pior o nosso papel: não ocupamos lugar algum; não temos direito a uma classificação”. Vale recordar também que no seu opúsculo *Pensamentos e Reflexões*, que é de 1882, escrevera JÚLIO CÉSAR DE MORAIS CARNEIRO (o futuro Padre JÚLIO MARIA) esta observação amarga: “A filosofia no Brasil... é um *preparatório*...

E’ mais hoje, é muito mais do que um simples preparatório, atualmente. E sem dúvida alguma não tardará muito que comecemos a sentir os efeitos salutareos da criação de cursos universitários, para a formação metódica e segura de professores e de expositores capazes, de críticos de sólida cultura, de um público enfim que se não deixe facilmente embair nem mistificar por atitudes displicentes, ares misteriosos de pseudos donos de assuntos, ou bibliografias inverificáveis, em idiomas outrora sabidos apenas de poucos privilegiados da fortuna. Já agora se vai tornando cada vez mais difícil essa erudição de fachada, incompatível com o genuíno espírito filosófico.

3. As obras principais de assunto filosófico escritas por FARIAS BRITO, correspondem a um período de vinte anos, de 1894 a 1914. Não nos interessam no mesmo grau outros trabalhos seus, de assunto literário ou histórico, embora nestes mesmos apareçam algumas das notas características do seu espírito. No volume já citado da *Brasiliána* (27) poderá o leitor porventura interessado também quanto a êsses outros trabalhos encontrar as indicações mais importantes.

A série de estudos de filosofia sob o título de *Finalidade do Mundo* começou a ser publicada em Forta-

leza, no Ceará; o primeiro volume trata da “Filosofia como atividade permanente do espírito humano” e o segundo, que saiu à luz quatro anos depois, ocupa-se da “Filosofia Moderna”. Em 1905, já em Belém, no Pará, saiu o terceiro volume intitulado “O mundo como atividade intelectual”. (Na lista dos seus trabalhos, ou publicados ou ainda por publicar, o próprio FARIAS BRITO se refere a êste terceiro volume dando-lhe sempre o título de “Evolução e Relatividade”.) Ainda no Pará, e no mesmo ano de 1905, publicou “A verdade como regra das ações”, ensaio de filosofia moral como introdução ao estudo do direito. Êste volume ficou sendo mais tarde, na intenção do autor, o primeiro da série planejada sob o título geral de “Filosofia do Espírito”, à qual pertencem os dois últimos volumes de 1912 e 1914. São êles: “A base física do Espírito” história sumária do problema da mentalidade como preparação para o estudo da Filosofia do Espírito; e “O Mundo Interior”, ensaio sôbre os dados gerais da Filosofia do Espírito.

Pelo que se lê na relação dos seus trabalhos, por êle mesmo organizada em 1914 para “O Mundo Interior”, pretendia ainda FARIAS BRITO publicar um “Ensaio sôbre o conhecimento e a realidade” e outro sôbre a “Lógica da ação”; e “Notas e variações sôbre assuntos diversos” (28). Infelizmente êsses trabalhos, se ficaram manuscritos, ou se extraviaram ou definitivamente se perderam. Repetimos aqui o que já dissemos alhures: o que mais devemos lamentar é o desaparecimento de um seu ensaio sôbre “O Dogma da Queda”, que estava concluído ou quase, conforme o

---

(27) *Op. cit.*, p. 15.

(28) Cf. *A Ordem* n. 14 do ano XI, abril de 1931.



testemunho de pessoas da família do filósofo que o viram e ouviram ler. Infrutíferas todavia foram tôdas as pesquisas no sentido de se descobrir o paradeiro dêsse trabalho, cuja importância é supérfluo encarecer para o exato conhecimento das idéias do autor nas vésperas da sua morte.

4. Já dissemos que a frase inicial da introdução ao primeiro volume da obra filosófica de FARIAS BRITO é uma citação de SÓCRATES: "Filosofar é aprender a morrer". O nosso filósofo considerava SÓCRATES o mais puro dos pensadores antigos. Sublinha depois o quanto somos incoerentes: "vivemos todos como se fôssemos imortais. Entretanto a morte é a única solução verdadeira do problema da vida". Dir-se-ia um pessimista, ao citar, resumindo-a de acôrdo com HARTMANN, a argumentação de SCHOPENHAUER: "... Se estudarmos a sociedade no que ela tem de falso em suas grandezas, ilusório em suas promessas, no que tem de doloroso em tudo; se observarmos a miséria sob tôdas as suas formas, se penetrarmos nos hospitais, nas prisões, nos lazaretos; se atendermos às queixas de todos aquêles que sofrem, veremos que essa doutrina não é nem exagerada nem falsa e até podemos dizer que o quadro de SCHOPENHAUER fica ainda muito pálido quando comparado aos horrores da realidade". (*Finalidade do Mundo*, pag. 13). Sôbre a vida assim se exprime: "A vida é o que há de mais grandioso na natureza visível: a vida é uma ilusão permanente. A vida é a suprema manifestação da potência criadora e artística da natureza: a vida é o desespero e a morte. A vida é tudo; a vida é nada". Apesar dessas antíteses, FARIAS BRITO pensava que poderíamos da morte de SÓCRATES tirar "para êsses graves problemas uma luz admirável". E explica mais adiante que era preciso relembrar a doutrina socrática

após haver citado SCHOPENHAUER e HARTMANN, para dar uma idéia do espírito que presidiu a concepção do seu livro; opondo pessimismo e otimismo, não oculta a sua preferência pela doutrina que, reconhecendo a existência da dor como um fato universal, em todo o caso nos ensina a ser fortes, colocando na resignação o princípio da sabedoria e sustentando que a morte pode e deve ser explicada como uma libertação. Todavia nessa época a imortalidade ainda não se apresentava a FARIAS BRITO como demonstrável.

A preocupação moral avulta porém desde este primeiro volume. “O que é verdade é que no meio da dúvida profunda que nos domina, no meio da incerteza geral que nos rodeia, só uma coisa da fôrça: a virtude. E’ o que não é necessário provar porque sente-se, e para mostrá-lo nada mais é preciso do que apelar para a consciência de cada um”. Claramente se percebem aí as influências não apenas socráticas, mas também kantianas. Notemos estas outras palavras, que são de certo modo o programa por onde norteou a sua própria vida: “Primeiramente tudo é claro para as consciências limpas. Depois nada excede a coragem que dá a convicção do cumprimento do dever, pelo que o justo nada teme. A virtude traz o equilíbrio e a fôrça, o vigor e a serenidade: é a inteira consciência de si mesmo, a harmonia subjetiva, a luz no mundo moral”. Repare-se na referência à luz. “Por isso mesmo é forte o justo, por isso mesmo é inalterável o homem que segue o caminho do dever e até, debaixo de certo ponto de vista, pode se dizer que não está sujeito ao sofrimento, porque mesmo quando o despotismo o abate, mesmo quando o esmaga a tirania, está bem porque sente que nada poderá destruir a independência de sua alma”. (*Op. cit.*, p. 106) “Justum et tenacem propositi virum...” do velho HORÁCIO.



5. A preocupação moral vai a ponto de pretender o autor uma finalidade por assim dizer de natureza religiosa: "Quero ensinar aos que padecem como é que se pode esperar com serenidade o desenlace da morte; quero dirigir aos pequenos e humildes palavras de conforto..." (Ib., p. 22). Conhecido o fim visado neste primeiro volume, a que se iam seguir até a morte do autor vários outros, sempre em prosseguimento do objetivo exposto, não será difícil compreender o que pensava FARIAS BRITO do conceito de filosofia. Considera-a "atividade permanente de espírito humano". Em dezenove capítulos estuda as relações entre a moral e a filosofia, entre o direito e a moral, entre a filosofia e a ciência e ainda entre a filosofia e a poesia, a teologia e a religião. Confronta metafísica e positivismo. Discute a possibilidade de uma metafísica naturalista. Depois de um penúltimo capítulo de crítica geral, o derradeiro dá uma idéia da religião naturalista e aí se encontram as páginas em que Deus é definido como sendo a própria luz.

FARIAS BRITO não desconhece a extensão e dificuldade do assunto. "As duas manifestações fundamentais do espírito humano na marcha geral da sociedade são a política e a filosofia. A política dá em resultado o direito; a filosofia dá em resultado a moral; e o direito e a moral são as duas alavancas, os dois eixos centrais do grande mecanismo social". Assim quem tivesse em vista apresentar o plano de uma concepção geral da sociedade, deveria abraçar, em seu conjunto, não somente a ação da política, mas também a ação da filosofia, estudando de um lado o corpo social propriamente dito, isto é, a máquina; e de outro lado as produções do espírito, isto é a força motora dessa máquina. Mas neste estudo, que para seu inteiro desenvolvimento demandaria não somente um conhecimento

completo do homem, mas também um conhecimento completo da natureza, o que mais importaria esclarecer e precisar era isto: a questão política, isto é o problema do direito, e a questão filosófica, isto é, o problema da moral" (p. 33).

6. Para FARIAS BRITO não era a filosofia simples especulação teórica, sem significação para a conduta do indivíduo. Pelo contrário: discípulo fiel de SÓCRATES, nela via aquela mestra da vida que ensina ao homem a razão de ser da morte. Considerava a moral "o conjunto dos princípios pelos quais deve o homem regular sua conduta". Sucede entretanto que o homem às vezes procede de acôrdo com as suas convicções, outras vezes de acôrdo com as suas conveniências. Se estas últimas coincidem com aquelas, o homem é feliz, mas não tem grande mérito; "falta aquilo que constitui o verdadeiro mérito: a luta, o esforço individual" (p. 34).

FARIAS BRITO aceita como regra de ação' que devemos procurar proceder sempre e em tôdas as coisas de conformidade com as nossas convicções. Mas as convicções variam e estamos sujeitos ao êrro; como encontrar elementos para convicções verdadeiras? Na filosofia"; daí a idéia que defendo: a moral é o fim da filosofia" (p. 35).

Em nota àquela página prometeu o autor desenvolver oportunamente tal idéia. De fato em 1905, já em Belém, no livro "A verdade como regra das acções", veio a cumprir a promessa. E' curioso que FARIAS BRITO considerasse ARISTÓTELES "mais um sábio do que um filósofo" e explicava: "grande físico e sobretudo grande naturalista, abraçou em seu vasto espírito a totalidade dos conhecimentos humanos, ao tempo em que viveu". Parece que FARIAS BRITO não aprofundou em estudo pessoal a obra do Estagirita; não obstante o considera



“um grande homem, o maior da antiguidade grega” (p. 116).

Além dessa idéia fundamental, que nos facilita compreender a obra tãda de FARIAS BRITO — a finalidade moral da filosofia, êste primeiro volume já continha os pontos capitais que sem repouso, durante vinte anos, o pensador cearense procurou desenvolver, esclarecer, corrigir aqui e ali: as relações entre a filosofia e as ciências, a crítica do positivismo e do materialismo em geral, o criticismo de KANT, a defesa do espiritualismo (de um ponto de vista meramente natural) e da poesia e da religião no terreno do idealismo e enfim a identificação de Deus com a própria luz.

7. O segundo volume da obra filosófica de FARIAS BRITO foi publicado também em Fortaleza. Tem a data de 1899 e conserva o título e subtítulo do primeiro: “*Finalidade do Mundo*” (Estudos de filosofia e teleologia naturalista). O assunto especial dêste segundo volume é a *Filosofia Moderna*. Já sabemos que o do primeiro era “A filosofia como atividade permanente do espírito humano”. Ainda aqui a preocupação do autor é construtiva e de ordem moral. Não é simples crítico ou erudito, que apenas saboreia um prazer intelectual. Na sua opinião o problema de Deus e o problema da alma são as duas questões fundamentais. Convém sublinhar a maneira pela qual, nessa época, FARIAS BRITO se referia a Deus: “Há pois um princípio último que tudo explica, uma verdade suprema que tudo ilumina: esta verdade é o Deus vivo e real que mantém em equilíbrio o mecanismo do mundo” (29)

---

(29) *A filosofia da luz*. A propósito da identificação feita por Farias Brito, desde o seu primeiro volume, “Deus é a luz”, remetemos o leitor porventura curioso do tema ao que escrevemos em nota número 128 do nosso volume *Farias Brito* (vol. 177 da BRASILIANA, p. 120-121).

(Pag. 13). Notem-se os qualificativos *vivo e real* e ainda a maneira de dizer: "Que mantém em equilíbrio". Segundo FARIAS BRITO, é observando a natureza que conhecemos Deus, e na natureza mesma que Deus se revela (*loc. cit.*). E a alma é a consciência, isto é, a face interna da luz, uma revelação subjetiva da divindade.

A prova da existência de Deus tirada da consideração do Universo, causalidade, ordem, etc., acessível à razão natural, independente de revelação, constitui o assunto elementar de qualquer compêndio de apologetica. Onde FARIAS BRITO se afasta da doutrina cristã é na confusão (pelo menos aparente) de Deus com o cosmos. Nunca o seu pensamento ficou bem claro neste ponto, em que sofreu a princípio a influência perturbadora de SPINOZA.

Na filosofia do pensador patricio o que avulta é sempre a preocupação ética. Ao criticar as doutrinas de COMTE, SPENCER e MARX, o que lhe parece decisivo a favor de uma doutrina é a sua capacidade de resolver o problema do destino humano. "O meu ponto de vista é que a questão social deve ser resolvida religiosamente, em nome de uma idéia. Uma grande idéia, um grande princípio moral". E onde encontrá-lo? "A resposta só pode ser esta: na filosofia". E FARIAS BRITO acrescenta: "Foi o que eu compreendi: e foi porque esta compreensão terminou por se transformar em convicção profunda e insuperável, que tomei a resolução de escrever esta obra, concorrendo assim também com a minha pequenina pedra para a construção do edifício do futuro " (pag. 54).

A obra de COMTE é severamente julgada e a sua ditadura científica: "Apenas o sonho de um visionário". Para a teoria de SPENCER não tem meias palavras: "Mera especulação filosófica no intuito de explicar a socie-



dade como um organismo em analogia com o organismo individual". Zomba das pretensões da sociologia e aqui se reconhece a influência de TOBIAS BARRETO. O socialismo coletivista de MARX, embora reconhecendo-o justo muitas vezes na crítica da organização das sociedades atuais, não possui o elemento reconstrutor, um ideal poderoso e fecundo, capaz de fazer, por sua influência renovadora, de toda a humanidade um só corpo. Falta ao socialismo materialista um grande princípio que possa mover os homens: "... De doutrina regeneradora que devia ser, logo se transforma o socialismo em sistema organizado de luta pela comida. Ora, luta pela comida é luta de animais. Homens só lutam, ou pelo menos só devem lutar, por idéias" (pag. 48).

8. Em 1905, já em Belém do Pará, publicou FARIAS BRITO a terceira parte da "Finalidade do Mundo". Tem como subtítulo: "O mundo como atividade intelectual". De fato trata o volume de evolução e relatividade. É o mais notável porventura dos trabalhos do autor, do ponto de vista crítico. Analisa o evolucionismo de SPENCER como solução do problema do universo e o princípio da relatividade do conhecimento, quer na doutrina positivista de AUGUSTE COMTE (forma objetiva), quer no criticismo de KANT (forma subjetiva). O trabalho excedeu as proporções do plano traçado, havendo uma aparente divergência na própria maneira do autor citá-lo, em 1905 e mais tarde nos seus trabalhos de 1912 e de 1914. "Evolução e Relatividade" é sem dúvida o título que melhor corresponde ao assunto do livro.

Na mesma data de 1905, em Belém, saiu o quarto volume "A verdade como regra das ações". É o desenvolvimento dos treze primeiros pontos do programa da cadeira de Filosofia do Direito, organizado pelo próprio FARIAS BRITO. O autor não chegou a desenvolver

os outros pontos do programa. Tendo-se transferido em 1909 para o Rio de Janeiro, onde conquistou em concurso a cadeira de lógica do colégio Pedro II, publicou aqui os dois últimos volumes da sua obra filosófica: "A base física do Espírito" e "O mundo interior". Aquêles constitui um dos estudos mais sérios e metódicos no conjunto de seus trabalhos e até na feitura material saiu com melhor aspecto. Reconhece LEONEL FRANCA ser "a crítica de FARIAS BRITO sagaz e, excetuando algumas exagerações, quase sempre justa". Pertencem êsses dois últimos volumes a uma nova série intitulada "Filosofia do Espírito". A crítica do positivismo continua, rigorosa e severa. Não conseguiu porém FARIAS BRITO realizar completamente o seu propósito de estudar a renovação dos métodos psicológicos desde os primórdios da idade moderna, as várias escolas, o valor do método introspectivo e as confusões existentes mesmo entre os psicólogos mais autorizados. No "Mundo Interior" completa o que começara no volume precedente, estudando as novas tendências do pensamento e a questão fundamental da "*coisa em si*" e dos "*fenômenos*". O título mesmo do volume é expressivo: *O Mundo Interior*, êsse mundo de que disse MACHADO DE ASSIS encerrar

"Um segredo que atrai, que desafia e dorme".

9. Neste seu derradeiro livro se lê êste expressivo período: "É tempo de gritar: Basta". O fato mesmo da desorganização geral e da situação aflitiva a que se acha reduzido o mundo, é suficiente para provar que um ideal é necessário para a vida; e êsse ideal não poderá compreender-se nem explicar-se, senão como obra de espírito, pois o espírito é o princípio mesmo do conhecimento e a fonte de todo o ideal. Por onde se vê que o espírito é a verdade das verdades. E a vida



mesma não é senão a realização objetiva e manifestação visível do espírito". (*Mundo Interior*, pag. 57).

Para FARIAS BRITO, ainda nessa época, em 1914, antes do encontro com JACKSON DE FIGUEIREDO, a solução do problema ético e religioso só podia ser dada pela filosofia. "A filosofia, como ciência do espírito, compreendendo a filosofia moral, que é exatamente da ciência do espírito a parte mais importante, e o núcleo fundamental, a esta ciência, única no seu gênero, que, dando-nos pela visão interior a interpretação da nossa própria existência, fornece-nos ao mesmo tempo a indicação para interpretação da existência universal; a esta ciência das ciências, a esta ciência suprema que, como manifestação teórica da nossa atividade cognitiva, representa o mais alto grau do saber e a vida mesma do espírito, — corresponde na prática a religião". Como se vê, FARIAS BRITO se colocava em um plano meramente psicológico, chegando a uma forma religiosa puramente racional. Quanto às religiões propriamente ditas e de modo especial ao cristianismo, eis seu ponto de vista: "Que o cristianismo seja a única religião verdadeira e que tôdas as outras religiões sejam falsas, parece um pouco duro" (*op. cit.*, p. 99).

Considerando a religião a moral organizada, supunha possível êste sonho generoso: "O problema religioso só poderá ser resolvido pelo estabelecimento de uma religião nova que esteja em condições de satisfazer as aspirações do espírito humano. Esta deverá sair, ao que suponho, de uma fusão do Oriente com o Ocidente, purificando-se o que houver de melhor nas duas civilizações em uma síntese universal, pela qual definitivamente se estabeleça a unidade espiritual da humanidade no planeta" (p. 105).

E' certo que depois do encontro com JACKSON DE FIGUEIREDO e da conversão ao catolicismo — êste último,

FARIAS BRITO cada vez mais se aproximou da Igreja Católica (30). Infelizmente o seu derradeiro trabalho, o *Dogma da Queda*, escrito nessa fase final de sua vida e que estava concluído ou quase, conforme o testemunho de pessoas de sua família que o ouviram ler, inexplicavelmente se extraviou. (Cf. o vol. 177 da "Brasiliiana").

### III

#### FILOSOFIA BRASILEIRA

1. Negar a existência de uma filosofia brasileira poderá talvez ir de encontro a juízos considerados como definitivos e ferir vaidades mórbidamente radicadas; não, porém, surpreender quantos conhecem os valores exatos de cada gênero na história do pensamento nacional. Não há um sistema filosófico original no Brasil, nem é de estranhar tal inexistência; antes fôra maravilha que o tivéssemos, dadas as condições de nosso ambiente. Se na própria literatura de ficção, se no romance ou na poesia, no teatro como no cinema, no jornal e na revista ainda não nos libertamos da influência estrangeira, precipuamente francesa, — e só de ontem para hoje norte-americana em vários assuntos —, como pretender, sem flagrante incoerência e presunção, que nos alcemos, em vôos largos e independen-

---

(30) *A influência exercida por Farias Brito.* Convém registrar que Farias Brito exerceu salutar influência em muitos espíritos cansados do positivismo e do materialismo monista. A êste respeito escreveu Leonel Franca a seguinte observação. "Para alguns até a leitura de Farias (que não era católico, nem mesmo cristão, ao menos de vontade), foi o instrumento de que se serviu a Providência para reconduzi-los ao seio da verdadeira Igreja. Fato idêntico se tem dado em França com relação a Bergson". (*op. cit.*, p. 499 n. 353).



tes, às vertiginosas alturas da metafísica? Ridiculez tanto maior o pretendê-lo quando se reflete na enorme soma de conhecimentos e na extraordinária acuidade de visão que supõe em nossos dias uma tentativa séria de filosofia verdadeiramente nova. Já mui feliz se poderá julgar aquêle que, perante um dos velhos e sempre atuais problemas das origens e das finalidades, descobrir um ponto de vista até então despercebido, um fugitivo aspecto ainda mal vislumbrado, e que permita sugerir uma hipótese porventura mais simples e mais fecunda. Suponhamos, por exemplo, o caso de um pensador que lograsse colocar em ângulo mais bem iluminado a questão premente da realidade objetiva, da existência do mundo exterior, resolvendo enfim o irritante enigma da percepção externa. Que dizer do trabalho mais do que heracleano de fundar todo um sistema de filosofia? No entanto há, ou parece haver, quem acredite na existência de uma filosofia brasileira.

2. Não podem espíritos ponderados subscrever juízo tão superficial. Filósofos, no sentido genuino do vocábulo, já não surgem hoje, como na velha Grécia, em cada cidade, com sua escola própria, a tentar a explicação dos mistérios do Cosmos. Os TALES, os SÓCRATES, os ARISTÓTELES não se multiplicam assim através dos tempos. Na mesma Roma já não os havia. Outras qualidades, outras tendências, outras glórias couberam ao povo-rei. Disse-o lapidariamente VERGÍLIO:

*Tu regere imperio populos, Romane, memento*

Nem só na filosofia. Onde os CARLOS MAGNOS da idade contemporânea? Qual o épico francês? Se a uns povos foi dado produzis LISZTS ou CHOPINS, se se outros excelem no romance psicológico, se terceiros não têm competidores na arte de preparar filmes,

como estranhar lacunas ou deficiências, e exigir para um só capacidade onímoda?

Nem é único o exemplo brasileiro. Quais os grandes filósofos contemporâneos em todo o mundo? A contá-los pelos dedos das mãos, não haverá talvez necessidade de empregar os da esquerda. E compreende-se muito bem o ruidoso sucesso de um BERGSON ou, mais ainda, de um EINSTEIN, porque lograram dizer algo de novo, ou pelo menos de aparência nova.

Deplorável é o vêzo nosso de qualificar de historiador ao autor de qualquer compêndio elementar de história geral e de considerar filósofo a todo aquê que tenha leitura mais desenvolvida de livros de filosofia. Isto é desconhecer o sentido dos vocábulos. Com semelhante critério poderíamos incluir qualquer estudante aplicado e aprovado com distinção ora na classe dos matemáticos, ora na categoria dos naturalistas, e assim por diante... Ao findar de um curso feito com as melhores notas, seria um *filósofo*, à grega, possuidor feliz do saber integral de sua época.

Bem compreendem os espíritos calmos, avessos a exageros, o sentido exato dos vocábulos, e que distância vai do erudito ao pensador original, do homem de vasta cultura ao filósofo propriamente dito. Ter amplo conhecimento da literatura filosófica é condição indispensável para que se empreenda com vantagem o exame dos graves problemas metafísicos; e é de véras lamentável (e, freqüentes vêzes, atinge os limites do ridículo) a petulância com que se improvisam críticos e hipercríticos a quem falta o elementaríssimo aparelhamento da leitura meditada, ao menos dos grandes mestres. E por isso lemos tanta vez a redescoberta ingênua de velhíssimas teses, ou a ingênua reedição de argumentos arcaicos.



Aliar a essa erudição insuprível o dom da clareza de exposição, a imparcialidade, a crítica polida e sagaz, é possuir os predicados máximos do bom historiador da filosofia. Quem leu e meditou os sistemas que desde a Índia até nossos dias tem pretendido explicar o Universo; quem os sabe sintetizar nas grandes linhas, sem deformações; quem lhes pode apontar as lacunas, as incoerências, e também as apreciáveis parcelas de verdade — porque criticar é joeirar, e não apenas denegrir — este é, sem dúvida, o espírito que se ergue acima da vulgaridade passiva ou indiferente; pode orientar a maioria e contribuir do modo mais fecundo para o progresso intelectual e moral; não se conclua, porém, de tudo isso que é um filósofo, no sentido restrito que o dizemos de um ARISTÓTELES, de um S. TOMAZ ou de um KANT.

O erudito *sabe*; o historiador *expõe*, o crítico *analisa*: verdadeiro *filósofo*, este, *inova*. Os velhos problemas, apresenta-os sob aspecto não pressentido; ao estudá-los varia de ponto de vista; é enfim, quanto à mísera contingência humana é dado, um *criador*. — São poucos, dir-se-á, estes gigantes do pensamento. — Sim, como poucos os Leonardos da Vinci, raros os Beethovens e nenhuns talvez os Homeros.

3. É o que bem se vê no Brasil, no caso especial de **FARIAS BRITO**. Como negar-lhe os apreciáveis dotes precitados de erudição, de imparcialidade e de fina crítica? Historiador da filosofia, conhecedor dos grandes sistemas modernos, ninguém melhor em nosso país analisou até hoje as teorias dos últimos três séculos. Pode-se-lhe exprobrar às vészes a profusão. Ninguém com justiça lhe contestará o elevado senso ético. Mas terá sido original? terá criado um sistema próprio, terá sido “o filósofo brasileiro?”

Em rigor não se lhe poderá atribuir em tôda a longa série de obras, de 1895 a 1914, desde *a Filosofia como atividade permanente do espírito humano* até *o Mundo interior*, um ponto de vista inteiramente novo, que constitua o centro de um sistema filosófico pessoal. No seu panteísmo espiritualista, Deus é a Luz, a luz e tôda a luz, externa e interna, identificadas numa só e mesma unidade, envolvendo todo o ser, a realidade tôda. A metafísica é identificada com a psicologia. São porventura as afirmações mais ousadas e originais de todo o seu trabalho filosófico. Além de inaceitáveis, não bastam para constituir uma filosofia original. O próprio FARIAS BRITO reconhecia o quanto dependia de SPINOZA, embora o criticasse com louvável imparcialidade. Negar a existência da matéria como realidade distinta do nosso eu, reduzir os corpos a meras sombras que o espírito projeta no vácuo, já muito antes o tinham tentado demonstrar outros mestres, de BERKELEY aos epígonos do solitário de Königsberg. Nem há ocultar a influência pessimista de SCHOPENHAUER na obra do pensador patricio.

4. Será esta apreciação irreverência ou injustiça? Ninguém mais do que nós venera a nobre figura de FARIAS BRITO. Na história de nosso pensamento, êle é, a certos respeito, único. Foi quem mais se aproximou do tipo do verdadeiro filósofo. Diante dêle TOBIAS e SÍLVIO reduzem-se às verdadeiras proporções. Erudito, calmo, íntegro, viveu as suas convicções e teve a rara e nobre coragem de pregar o primado da inteligência, de atacar o materialismo superficial e grosseiro, de recusar seu incenso ao grupo dos turiferários de COMTE e SPENCER. Ir de encontro ao positivismo e reivindicar os direitos da metafísica, faça-o um BERGSON em França, ou FARIAS BRITO no Brasil, é sempre dar eloquente prova de independência digna de palmas.



Mas a melhor homenagem que lhe podemos prestar, reconhecendo-lhe benéfica influência no meio intelectual brasileiro, nessa plêiade brilhante de estudiosos, que hoje vemos invocar-lhe o nome, é, sem dúvida, dizer com justiça que foi o nosso mais eminente expositor dos graves problemas da filosofia; — não porém, “o filósofo brasileiro”. — Porque no campo da nossa atividade espiritual, por entre as várias correntes que se cruzam, ainda não se ergueu, nem cremos que se venha em breve a erguer, uma filosofia genuinamente brasileira.

## ÍNDICE ONOMASTICO

	PÁGS.
Abelardo .....	107, 108.
Achillini (Alexandre) .....	134.
Agni .....	37.
Agostinho (Santo) .....	15, 93, 94, 95, 96, 97, 112, 145, 148, 188.
Agripa .....	80.
(d)'Ailly (Pierre) .....	126.
Alano de Lille .....	108.
Alarico .....	96.
Alberto Magno .....	104, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 129, 134.
Alcuino .....	100, 105.
(d)'Alembert .....	155, 159.
Alexandre .....	69, 79, 80, 90.
Al-Farabi .....	126, 146.
Alfaric .....	75.
Algazel ou Gazali .....	126.
Ambrósio (Santo) .....	90, 93.
Anaxágoras .....	48, 53.
Alcíbiades .....	57, 77.
Anaximandro .....	47, 48, 53.
Anaxímenes .....	48, 54.
Andronico .....	70.
Anselmo (Santo) .....	106, 107, 119, 142, 168.
Antístenes .....	78.
Apolo .....	59, 69.
Apolodoro .....	60.
Aquemênides .....	35.
Aquiles .....	51.



## PÁGS.

Araujo Ribeiro (Visc. d. R. Grande	196, 199.
Arcádio .....	98.
Arcésila .....	79.
Arete .....	78.
Argiropulo (João) .....	132.
Ariman .....	35, 36.
Ario .....	89.
Aristarco .....	50.
Aristipo .....	79.
Aristóteles .....	15, 20, 25, 42, 51, 53, 65, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 80, 92, 93, 96, 100, 103, 104, 114, 118, 123, 126, 127, 131, 133, 134, 138, 145, 148, 152, 167, 214, 221, 223.
Arnauld .....	144, 152.
Arnóbio .....	90.
Arouet (François Marie) (Cf. Voltaire)	157.
Arquíτας .....	50.
Arriano .....	88.
Atanásio .....	89.
Aurélio (Marco) .....	86, 88, 92.
Avenarius .....	190.
Averroes (Ibn-Roschd) ....	126, 127, 133.
Avicbron (Ibn-Gebirol) ..	126, 127.
Avicena (Ibn-Sina) .....	126, 133.
Azevedo (Fernando de) ..	203.
Bacon (Francisco) .....	18, 21, 74, 124, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 151.
Bacon (Rogério) .....	114, 115, 121, 122, 123, 129.
Badaráiana .....	40.
Bain (Alexandre) .....	183.
Balmes .....	192.
Barreto (Tobias) .....	194, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 208, 217, 224.
Bayle .....	148, 152.

	PÁGS.
Bembo .....	132.
Bergson .....	49, 176, 184, 186, 187, 220, 222, 224.
Berkeley (John) .....	159, 161, 162, 190, 224.
Bernardo (São) .....	108.
Bernouilli .....	155.
Bessarion .....	132.
Bichat .....	177.
Bilac .....	36.
Bimbisara .....	38.
Blainville .....	178.
Blandina (Santa) .....	88.
Blondel .....	187.
Boaventura (São) .....	101, 104, 112, 113, 116.
Boécio .....	100.
Bollstädt (Conde) .....	113.
Bonald (de) .....	192.
Bonifácio VIII .....	98.
Bossuet .....	31, 97, 144, 152.
Boutroux (Emile) .....	187.
Braga (Teófilo) .....	189.
Brama .....	37, 41.
Brentano (Francisco) .....	190.
Brito (Farias) .....	22, 147, 194, 196, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 224.
Broussais .....	159, 178.
Bruneteau .....	118.
Bruno (Giordano) .....	134, 135.
(La) Bruyère .....	79.
Büchner .....	203.
Buda, Sidarta, Gautama, Çáquia Muni .....	37, 38, 39, 174.
Buffon .....	157.
Buridano, Buridan (João) ..	125.
Byron .....	175.
Çabanis .....	159.
Cabral (Guedes) .....	195, 199.
Calvino .....	137.



	PÁGS.
Cambises .....	35.
Campanella .....	134, 135.
Cardoso (Fausto) .....	195, 200.
Carlos Magno .....	100, 105, 221.
Carlos o Calvo .....	108.
Carlos I .....	150.
Carnéade .....	79.
Carraciola (Teodora) .....	115.
Cassiodoro .....	100.
Castro (Lívio de) .....	195, 200.
Catão .....	79.
Catarina II .....	158.
Cesar .....	88.
Champeaux (Guilherme de) .....	107, 108.
Cícero .....	23, 63, 81, 87, 131.
Cipriano (Santo) .....	90.
Ciro .....	35.
Clairaut .....	156.
Cleanto .....	83.
Clemente (São) .....	89, 116, 122.
Cohen (Hermann) .....	190.
Cohen (Robert) .....	57, 90.
Comin .....	33.
Cômodo .....	88.
Comte (Augusto) .....	19, 21, 69, 98, 109, 162, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 204, 208, 216, 217, 224.
Condé .....	147.
Condillac .....	158, 176, 196, 197.
Condorcet .....	177.
Confúcio .....	43, 44.
Constant (Benjamin) .....	200.
Constantino .....	89.
Copérnico .....	50, 155, 166.
Coulanges (Fustel de) .....	99.
Cousin (Victor) .....	144, 154, 176, 196.
Crates .....	83.
Cremonini .....	134.
Crisipo .....	83.

	PÁGS.
Criton .....	60.
Critias .....	56.
Croce (Benedetto) .....	189.
Cunha (Euclides da) .....	206.
Dante .....	109, 129.
Dario .....	35.
Darwin .....	184, 203.
Delbos (Victor) .....	190.
Demócrito .....	52, 81, 82.
Demolins (Edmond) .....	203.
Demóstenes .....	70.
Descartes (René) .....	26, 74, 94, 106, 135, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 150, 151, 153, 154, 162, 165.
Dewey .....	130.
Dhorme .....	33.
Diderot .....	159, 177.
Diocleciano .....	89.
Diógenes de Apolônia .....	48.
Diógenes de Sinope .....	79, 81.
Diógenes Laércio .....	83.
Dionísio o Antigo .....	63.
Domingos (São) .....	116.
Einstein .....	185, 222.
Emanuel Crisóloras .....	131.
Enesidemo .....	80.
Enipédocles .....	53, 54.
Epafrodite .....	88.
Epaminondas .....	49.
Epicteto .....	86, 88.
Epicuro .....	80, 81, 83, 87, 94.
Erasmus .....	131, 136.
Erígena (João Scot) .....	107.
Esculápio .....	62, 69.
Esopo .....	59.
Espeusito .....	79.



	PÁGS.
<b>Estrabão</b> .....	70.
<b>Euclides</b> .....	77.
<b>Euler</b> .....	155.
<b>Eurípedes</b> .....	53, 77.
<b>Evêmero</b> .....	78.
<b>Faguet (mil)</b> .....	30, 64, 67, 80, 97.
<b>Ferrara (Duque de)</b> ....	132.
<b>Fechner</b> .....	188.
<b>Fedon</b> .....	60.
<b>Fenareta</b> .....	61.
<b>Fénelon</b> .....	144, 176.
<b>Fermat</b> .....	155.
<b>Ferreira França</b> .....	197.
<b>Ferri</b> .....	189.
<b>Fichte</b> .....	170, 171, 173, 174.
<b>Filipe o Belo</b> .....	98, 124.
<b>Filolau</b> .....	50.
<b>Fischer (Kuno)</b> .....	148, 149.
<b>Ficino Marsílio)</b> .....	132.
<b>Fontenelle</b> .....	126, 152, 177.
<b>Fouillée (Alfred)</b> .....	189.
<b>Fourier (José)</b> .....	178.
<b>Fragoso (Marcolino</b> .....	200.
<b>Franca (Leonel)</b> .....	102, 103, 188, 193, 196, 198, 199, 218, 220.
<b>Francisco de Assís</b> .....	109.
<b>Franck</b> .....	97.
<b>Franklin (Benjamin)</b> ....	156.
<b>Frederico I</b> .....	116.
<b>Frederico II</b> .....	158.
<b>Galileu</b> .....	135, 155.
<b>Gall</b> .....	177.
<b>Galvani</b> .....	157.
<b>Gariopontus</b> .....	110.
<b>Garófalo</b> .....	189.
<b>Gassendi</b> .....	140.
<b>Gautama ou Gotama</b> .....	38, 41, 42.
<b>Gaza (Theodoro de)</b> .....	132.

	PÁGS.
Gemistos Pleton (Jorge) ..	132.
Gengis-Cã .....	39.
Gentile (Giovanni) .....	189.
Gerbert (Silvestre II) ....	108.
Gerson (João) .....	126.
Gioberti (Vicente) .....	193.
Gomes de Castro .....	207.
Gonzalez .....	193.
Górgias .....	55, 56, 79.
Goethe .....	174.
Gratry .....	193.
Grüber .....	207.
Guimarães (Arthur) .....	203.
Guericke (Oto) .....	155.
Guilherme de Orange ....	156.
Gusmão (Bartolomeu de) ..	150.
Guyau .....	189.
Haeckel (Ernesto) .....	189, 200, 202, 203.
Hales (Alexandre de) ....	111, 112.
Hamilton .....	163.
Hamurabi .....	35.
Hartmann .....	188, 202, 211, 212.
Hauriau .....	190.
Hegel .....	49, 135, 170, 172, 173, 176, 178.
Hegesias .....	79.
Heidegger (Martin) .....	191, 192.
Heloisa .....	107.
Helvetius .....	159, 161.
Henrique VIII .....	131, 136.
Heraclito .....	48, 52, 54, 55, 84.
Herbart .....	188.
Hércules .....	56.
Herodoto .....	35.
Herschell .....	156.
Hesíodo .....	80.
Hilprecht .....	32.
Hípias .....	56.
Hoang-Ti : .....	44.



	PÁGS.
Hobbes (Thomaz) .....	140, 141, 182.
Höffding .....	149, 150, 161, 175.
(d)'Holbach .....	159.
Homero .....	41, 46.
Honório .....	98.
Horácio .....	87, 212.
Huby .....	30.
Hugo .....	108.
Humboldt (Alexandre) ....	114, 178.
Hume (David) .....	161, 162, 164, 177, 182, 190.
Husserl .....	190, 191.
Huxley .....	203.
Huyghens .....	146.
Ihering .....	104.
Indra .....	37.
Irineu (Santo) .....	89, 82.
Irnério .....	101.
Isidoro de Sevilha (Santo)	100.
Jackson de Figueiredo ....	205, 219.
Jaimini .....	40.
Jâmblico .....	91.
James (William) .....	186, 187.
Jaspers .....	192.
Jerônimo (São) .....	90, 96, 97.
Jesus Cristo .....	34, 89, 94, 99.
João de Salisbury .....	108.
Jouffroy .....	176, 177, 203.
Juliano o Apóstata .....	89, 91.
Júlio Maria .....	132.
Júlio II .....	207, 209.
Justiniano .....	91.
Justino (São) .....	88, 92.
Kennedy (Daniel) .....	117.
Kant .....	24, 25, 148, 152, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 174, 176, 178, 184, 185, 202, 215, 217, 223.

	PÁGS.
Kanada .....	41, 42, 43.
Kapila .....	41, 42,
Kempen (Tomaz de) .....	126.
Kepler .....	155.
Kleutegen .....	193.
Kurth (Godofredo) .....	99
Lactâncio .....	90
Laércio .....	81
Laffitte .....	189.
Lagos .....	77.
Lagrange .....	156.
Lahr .....	100, 102.
Lamarck .....	183.
Lamennais .....	193.
La Mettrie .....	159.
Landulfo .....	115.
Lao-Tseu .....	43, 44.
Laplace .....	156.
Lavissee .....	101.
Lavoisier .....	54, 157.
Leão (Laurindo) .....	195.
Leão X (João de Medicis) ..	132.
Leão XIII .....	103, 118, 192.
Leclère .....	49, 53.
Leibniz .....	106, 118, 146, 147, 148, 152, 153, 154.
Lemos (Miguel) .....	165, 176.
Leonte .....	195, 200.
Le Play .....	58.
Leucipo .....	52.
Levi (Elifas) .....	200.
Liberatore .....	192, 193.
Licurgo .....	41.
Linneu .....	157.
Lisis .....	49.
Littré .....	24, 178, 189, 203.
Locke (John) .....	150, 151, 152, 160, 161, 169, 165.
Lombardo (Pedro) .....	108, 121.
Lombroso .....	189.
Lotze .....	188.



	PÁGS.
Lourenço o Magnífico .....	132.
Lucrécio .....	54, 81, 86, 87, 106.
Luiz IX .....	109.
Luiz XI .....	125
Luiz XIII .....	134.
Luiz XIV .....	147.
Luiz da Baviera .....	124.
Lutero .....	125, 131, 136, 137.
Lyell .....	183.
 Mach .....	 190.
Machado de Assís .....	218.
Machiavel .....	135, 136.
Magalhães (Gonçalves de) ..	198.
Maimonides .....	126, 128, 146.
Maine de Biran .....	176, 197.
(De) Maistre (Joseph) .....	177, 192.
Malebranche .....	144, 145, 147, 160.
Mallon (Alexis) .....	31.
Manú, Mânava .....	39, 40.
Marduk .....	33.
Mariotte .....	155.
Maritain .....	149, 193.
Marx (Karl) .....	173, 208, 216, 217.
Mauro (Rábano) .....	106.
Médicis (Cosme de) .....	132.
Médicis (Lourenço de) .....	136.
Melancton .....	133, 137.
Meng-Tseu .....	44.
Mercier .....	193.
Metrodoro .....	82.
Miguel Ângelo .....	132.
Moisés .....	34.
Moleschott .....	203.
Molina (Luiz) .....	137.
Mont'Alverne .....	195, 196.
Montaigne .....	18, 136.
Montano .....	90.
Montesquieu .....	151, 158, 161.

## PÁGS.

Montgolfier .....	156.
Mônica .....	93.
Morais e Vale .....	195, 197.
Morais Torres (José Afonso de) .....	193.
More (Tomaz) .....	131, 136.
Moura (Trajano de) .....	200
Muniz (Patrício) .....	198.
Napoleão .....	156.
Natorp .....	190.
Nicômaco .....	69.
Neleu .....	70.
Neper .....	154.
Nero .....	87, 88, 89.
Newton .....	152, 154, 155.
Nicolau V .....	132.
Nietzsche (Frederico) ....	175.
Ollé-Laprune .....	188, 207
Ocam, (Ocan) (Guilherme) .....	101, 124, 125.
Oliveira (Samuel de) .....	196.
Oliveira (Fausto) .....	200.
Orlando (Artur) .....	195, 200.
Papin .....	157.
Parmênide .....	51, 77.
Pascal .....	49, 144, 155, 176.
Patandjali .....	41, 42.
Paulo (São) .....	94
Pereira Barreto .....	195, 200.
Péricles .....	53, 55.
Perron (Anquetil du) ....	35.
Petrarca .....	129.
Pico della Mirandola .....	132, 133, 137.
Pierce (Carlos) .....	186.
Pierre de La Ramée .....	131.
Pío II .....	132.
Pirro .....	80.



	PÁGS.
Pitágoras .....	43, 49, 50.
Platão .....	43, 54, 57, 59, 60, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 92 95, 133, 138, 145, 148, 174.
Plínio .....	87.
Plotino .....	91.
Plutarco .....	70.
Poincaré .....	80.
Pomponazzi (Pedro) .....	133.
Porfírio .....	91.
Proclo .....	91.
Pródico .....	56.
Protágoras .....	55.
Ptolomeu .....	78, 79, 90 123.
Quatrefages .....	30.
Quesnay .....	159.
Rafael .....	132.
Reid (Tomaz) .....	162, 163.
Renouvier .....	189.
Reuchlin (João) .....	133.
Ricardo .....	108.
Richelieu .....	134.
Robin .....	133.
Rocha Pombo .....	205.
Rogério II .....	110.
Romero (Nelson) .....	203.
Romero (Sílvio) .....	23, 24, 25, 194, 195, 196, 199, 202, 203, 204, 206, 224.
Roscelino .....	107.
Rosmini (Antonio) .....	193.
Rousseau .....	151, 18, 161.
Sabola .....	198.
Sacas (Antonio) .....	91.
Saint-Simon (Henry) ....	177, 178.
Salamino .....	58.
Scheler (Max) .....	191.

	PÁGS.
Schelling .....	170, 171, 173, 176.
Schnürer .....	110.
Schopenhauer .....	170, 173, 174, 175, 188, 202, 211, 212, 224,
Schnürer .....	105.
Scot (Duns) .....	101, 104, 112, 120, 122, 124, 133.
Seignobos .....	36.
Sêneca .....	86, 87.
Severino (São) .....	193.
Sertillanges .....	193.
Sexto Empírico .....	81.
Sforza .....	132.
Siwek .....	146, 149.
Smith (Adam) .....	159, 177.
Sócrates .....	23, 30, 50, 51, 55, 58, 59, 60, 62, 64, 65, 66, 67, 74, 78, 79, 206, 211, 221, 57, 61.
Sofronisco .....	111.
Sorbon (Robert) .....	195 198.
Soriano de Souza .....	92, 103, 125.
Sortais .....	22, 24, 183, 185, 200, 204, 208, 216, 217, 204.
Spinoza (Baruch, Benedito) .....	128, 235, 145, 146, 147, 148, 149, 152, 173, 216.
Stewart (Dugald) .....	163.
Strauss .....	173.
Stuart Mill (John) .....	182, 183.
Studart (Barão de) .....	205,
Suarez (Francisco) .....	137.
Taine .....	189, 203.
Tales .....	46, 47, 54, 221.
Tapajós (Estelita) .....	196, 199, 200.
Taparelli .....	192, 193.
Teixeira Mendes .....	195, 200.
Telésio (Bernardino) .....	134.
Temístocles .....	53.
Teodórico o Grande .....	100,
Teodósio Magno .....	89, 98.



	PÁGS.
Teofrasto .....	70, 79, 80.
Tertuliano .....	89.
Tiranion .....	70.
Tomaz (São) .....	26, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 113, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 127, 129, 134, 137, 142, 144, 145, 148, 188, 192, 198, 223.
Torricelli .....	155.
Tourville (Henrl de) .....	203.
Trajano .....	88.
Trasímaco .....	56.
Trebizonda (Jorge de) ...	132.
Tucídides .....	53.
Turner .....	115.
Urbino .....	130
Varuna .....	37.
Virgílio .....	221.
Viasa .....	37, 40, 41.
Vogt .....	203.
Volta .....	157.
Voltaire .....	151, 157, 158.
Watt .....	157.
Weule .....	34.
Wulf .....	108.
Wundt .....	188.
Wust (Peter) .....	192.
Xenócrates .....	50.
Xenofanes .....	50, 51.
Xenofonte .....	57, 78.
Xerxes .....	35.
Zenão .....	51, 55, 83, 84, 85.
Zoroastro, Zaratustra .....	35.



Este livro foi composto e impresso  
nas oficinas da  
**EMPRESA GRAFICA DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA.,**  
à rua Conde de Sarzedas, 38, São Paulo,  
para a  
**LIVRARIA EDITORA ZELIO VALVERDE,**  
Rio de Janeiro,  
em julho de 1944.





# **NOVIDADES DIDÁTICAS**

**rigorosamente de acôrdo com o programa do  
Curso Clássico-Científico:**

**Do Prof. ANTENOR NASCENTES:**

Idioma Nacional — Antologia, —	Cr. \$ 18,00
Idioma Nacional — Gramática —	Cr. \$ 16,00
Antologia espanhola e hispano- americana —	Cr. \$ 12,00
Metodologias e programa do Curso Clássico-Científico —	Cr. \$ 8,00



**PEDIDOS A**

**LIVRARIA EDITORA ZELIO VALVERDE**

**TRAVESSA DO OUVIDOR, 27 — CAIXA POSTAL 2956**

**RIO DE JANEIRO**